

Entre o Românico e a Ruína.
Contributos Para a Intervenção na Igreja de
São Pedro da Ermida do Douro
Ana Isabel Pacheco dos Reis e Silva

M
2025



Ana Isabel Pacheco dos Reis e Silva
Entre o Românico e a Ruína.
Contributos Para a Intervenção na Igreja de São Pedro da Ermida do Douro



M.FAUP 2025

Entre o Românico e a Ruína.
Contributos Para a Intervenção na Igreja de São Pedro da Ermida do Douro
Ana Isabel Pacheco dos Reis e Silva



ENTRE O ROMÂNICO E A RUÍNA

Contributos Para a Intervenção na Igreja de
São Pedro da Ermida do Douro

Dissertação de Mestrado em Arquitetura

Ana Isabel Pacheco dos Reis e Silva

Orientação de: Prof^ª Doutora Teresa Cunha Ferreira (FAUP-CEAU)

Coorientação de: Prof^º Doutor Pedro Freitas (FAUP-CEAU)

Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2025

NOTA PRÉVIA

A presente dissertação foi redigida ao abrigo do novo acordo ortográfico, salvaguardando as citações que pratiquem o antigo acordo ortográfico. Foi utilizada a norma American Psychological Association (APA) para efeitos de citação e referência.

A dissertação deverá ser lida no modo “Exibição em duas páginas”.

AGRADECIMENTOS

Aos meus Pais e ao meu Irmão, raízes firmes da minha existência, por serem porto seguro nas tempestades e refúgio sereno em cada regresso.

Ao meu sobrinho, pela sua alegria cristalina, lembrando-me sempre que a vida floresce nos gestos mais simples.

À Ana Catarina, pela paciência infinita, pelo apoio incansável e por transformar o peso dos dias em leveza, como quem enche de sol um espaço vazio.

Às minhas estrelas, que já partiram deste mundo, mas continuam a brilhar no silêncio do céu, guiando-me nos momentos mais escuros e ensinando-me que a memória também ilumina.

Aos amigos, companheiros de caminho, pela presença leal, pela palavra certa e pelo olhar crítico que ajudou a amadurecer este trabalho.

À professora Teresa Cunha, pela generosidade em partilhar o seu saber e pela disponibilidade em acompanhar este percurso com firmeza e cuidado.

Ao professor Pedro Freitas, pelas conversas fecundas, pela partilha de ensinamentos e pelo tempo dedicado com tanta generosidade.

Ao professor Miguel Malheiro, cuja inspiração abriu horizontes e cujos conselhos foram luz nos momentos de dúvida.

Ao Ricardo Vieira, do Centro de Interpretação do românico, pela disponibilidade e pela riqueza de materiais e informações partilhadas.

A todos vós, o meu mais profundo e sentido agradecimento, porque este trabalho é também vosso, tecido de cada gesto, palavra e presença.

RESUMO

Esta dissertação pretende desenvolver uma estratégia de intervenção a aplicar num conjunto com valor patrimonial.

O caso de estudo incide sobre a Ermida do Douro, localizada na freguesia de Oliveira do Douro, concelho de Cinfães, distrito de Viseu. Trata-se de uma construção de origem Românica que atualmente se encontra em estado de ruína, evidenciando diversas anomalias resultantes da ausência prolongada de manutenção, bem como de medidas de proteção adequadas.

A investigação, de natureza teórica e prática, revelou a necessidade de valorização e salvaguarda deste património. Assim, propõe-se a definição de uma metodologia de intervenção que permita a sua preservação e reconhecimento, mesmo na condição atual de ruína.

O processo metodológico iniciou-se com a fase de levantamento e análise do edifício existente, incluindo o registo fotográfico e a representação gráfica do conjunto. Esta etapa visou compreender a construção nas suas várias dimensões, desde a sua configuração original às transformações ocorridas ao longo do tempo, com o intuito de fundamentar uma intervenção que respeite a sua continuidade histórica e arquitetónica.

Com base nesses estudos e na auscultação das comunidades locais optou-se por preservar a ruína na paisagem enquanto estratégia de fruição e valorização, preservando a sua identidade na paisagem e memória colectiva local.

Palavras-chave: Ermida; Cinfães; Ruína; Românico

ABSTRACT

This dissertation aims to develop an intervention strategy to be applied to a heritage site.

The case study focuses on the Ermida do Douro, located in the parish of Oliveira do Douro, municipality of Cinfães, district of Viseu. It is a Romanesque construction that currently lies in a state of ruin, showing several pathologies resulting from prolonged lack of maintenance and the absence of adequate protective measures.

The research, of a theoretical and practical nature, highlighted the need for the enhancement and safeguarding of this heritage. Thus, it proposes the definition of an intervention methodology that allows for its preservation and recognition, even in its current ruined condition.

The methodological process began with the survey and analysis of the existing building, including photographic documentation and graphical representation of the site. This stage aimed to understand the construction in its various dimensions, from its original configuration to the transformations it underwent over time, in order to support an intervention that respects its historical and architectural continuity.

Based on these studies and on consultation with the local community, the decision was made to preserve the ruin within the landscape, as a strategy for enjoyment and valorisation, maintaining its architectural identity, its integration into the territory, and its relevance within the collective memory.

Keywords: Rural chapel; Cinfães; Ruin; Romanesque

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
I ENQUADRAMENTO	18
O ROMÂNICO EM PORTUGAL	22
GEOGRÁFICO	28
TERRITORIAL	32
DEMOGRÁFICO	34
HISTÓRICO	36
CRONOLÓGICO	48
II LEVANTAMENTO	50
FOTOGRAFICO	58
GEOMÉTRICO	62
FOTOGRAFOMETRICO	64
CONSTRUTIVO E MATERIAL	70
ESTUDOS MORFOLÓGICOS	78
III DIAGNÓSTICO	82
IV ESTRATÉGIA	98
ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL	101
LINHAS ORIENTADORAS	105
CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
REFERÊNCIAS	120
ÍNDICE DE IMAGENS	126
ANEXO	130

ACRÓNIMOS

ADV (Arquivo Distrital de Viseu)

DGEMN (Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais)

INE (Instituto Nacional de Estatística)

IPPAR (Instituto Português do Património Arquitetónico)

ISCS (International Scientific Committee for Stone)

JFOD (Junta de Freguesia de Oliveira do Douro)

PGLD (Procuradoria-Geral Distrital de Lisboa)

RR (Rota do Românico)

SIPA (Sistema de Informação para o Património Arquitetónico)

INTRODUÇÃO

Esta dissertação propõe estudar uma construção que se vincula ao passado pela sua dimensão histórica, social e cultural. Localizada em Cinfães, com vista privilegiada sobre o Douro, encontra-se, na encosta, a Igreja de São Pedro da Ermida do Douro. Propõe-se que a Ermida seja objeto de reflexão ponderando a sua relação entre o património românico, a ruína e a memória coletiva.

A motivação do trabalho prende-se com a proximidade das raízes da autora da dissertação à região, facto que impulsionou o intento de aprofundar o estudo e reflexão sobre os seus possíveis desígnios futuros.

Este edifício de origem românica encontra-se sem qualquer tipo de proteção legal, por se encontrar em propriedade privada. Apesar de estar no Inventário do Património Arquitetónico (IPA), com o número IPA.00025579, e na plataforma *web* da Rota do Românico, a igreja não foi integrada na rota turística-cultural criada em 1998 pelos concelhos do VALSOUSA (Associação de Municípios de Vale do Sousa). A sua integração na Rota do Românico permitiria abranger a ermida pelos princípios de preservação da mesma, e contribuir para a promoção do desenvolvimento económico através da valorização do Património Cultural e Arquitetónico. (Rota do Românico , 2024a)

Atualmente, a igreja encontra-se, igualmente vulnerável pela falta de uso que assegure a sua vitalidade futura e possa reverter o historial de abandono.

O objetivo da dissertação não é a formulação de um projeto de intervenção arquitetónica, mas antes a construção de uma estratégia que valorize a Ermida enquanto ruína e enquanto património cultural. Nesse sentido, pretende-se contribuir para a reflexão crítica sobre o lugar da ruína na prática contemporânea de preservação, reforçando a ideia de que a salvaguarda do património nem sempre implica a sua reabilitação material, mas pode também consistir na valorização da sua condição de memória. Este posicionamento procura questionar os limites da prática arquitetónica no campo do património, valorizando o silêncio e a ruína como expressões legítimas da história.

Propõe-se, igualmente, identificar e avaliar as patologias acumuladas ao longo de séculos, tais como a ausência de elementos e desgaste estrutural associados à carência de manutenção. Ao diagnosticar o objeto de estudo e consultar a população será possível criar uma proposta que valorize a génese românica do objeto e produzir um programa útil à comunidade local, preservando a integridade da Ermida.

Por fim, procura-se contribuir para futuras estratégias de propostas de valorização, assegurando a permanência e a vitalidade da Igreja de São Pedro da Ermida do Douro no tempo.

A metodologia desenvolve-se através da análise do enquadramento territorial e paisagístico da ermida, privilegiando a sua relação com o rio e com a envolvente natural e social, e do estudo detalhado dos vestígios arquitetónicos e patrimoniais existentes, documentados por meio de levantamentos gráficos, registos fotográficos e consultas a fontes históricas, visitas ao local, estudos fotográficos e métricos.

Para o propósito desta investigação, considerou-se tanto a vertente prática como teórica. Primeiramente, desenvolvemos o estudo de vários métodos de levantamento, definindo a construção existente o mais rigorosamente possível. Numa segunda instância propomos uma investigação histórica da capela e da região, a qual permita tomar conclusões da atual relação entre o edifício, o território e a população.

O levantamento será realizado com recurso a múltiplos métodos, concretamente pelo ensaio geométrico, fotogramétrico, fotográfico, construtivo e material e estudos geométrico-formais. Deste modo, propõe-se aprofundar o estudo das características da Ermida e do lugar, desde a sua implantação, composição geométrica e volumétrica, e métodos construtivos recorridos.

ESTRUTURA

A estrutura da dissertação organiza-se em quatro partes, sendo que cada uma contribui para o objetivo final – entender como a Ermida do Douro enquanto testemunho arquitetónico e cultural, desenvolvendo uma reflexão crítica sobre o seu valor enquanto ruína e património.

Numa primeira parte é feito o enquadramento da Ermida e do território, onde foi ponderado o enquadramento histórico, geográfico, cultural e demográfico. Este enquadramento permite situar a Ermida no conjunto mais vasto da paisagem duriense, analisando a sua implantação à época de construção e atual.

A segunda parte engloba os diferentes métodos de levantamento, tanto em termos teóricos como práticos para melhor perceber o estado de conservação em que o edifício se encontra. A análise do local através de esboços *in loco* ou reflexivos do mesmo, são essenciais para a percepção do espaço.

Inicialmente o levantamento foi feito através de medições diretas, com o auxílio de instrumentos analógicos. Posteriormente, por meio de capturas fotográficas com o auxílio de um drone, foi possível obter uma nuvem de pontos no programa Bentley. A sua exportação para o Recap, permitiu a captura de alçados para o seu desenho rigoroso no Autocad. Assim, o registo fotográfico serviu como instrumento de investigação e de registo métrico e ainda auxiliou no desenho das fachadas, pedra a pedra.

Os estudos construtivos identificam os materiais e métodos usados para a construção da Ermida. Também são realizados estudos morfológicos do edifício como forma de comparação com outros edifícios românicos.

Na terceira parte do trabalho desenvolve-se o diagnóstico do edifício, feito sobre os desenhos resultantes do levantamento. Identificando as anomalias, patologias e alterações, comparando dados recolhidos em diferentes períodos, de modo a reconhecer as fases construtivas do monumento e compreender a sua evolução ao longo do tempo. Este diagnóstico foi complementado por estudos construtivos e morfológicos, que identificaram os materiais e métodos construtivos utilizados, estabelecendo paralelos com outros edifícios românicos.

Por fim, a quarta parte apresenta uma proposta de valorização, formulado como resultado da investigação desenvolvida. Este programa não tem como objetivo uma intervenção material direta, mas sim a construção de estratégias que permitam reforçar a ligação entre a ermida e a comunidade, devolvendo-lhe significado no contexto contemporâneo. O programa propõe-se promover a visibilidade da ruína, integrando-a em iniciativas culturais e pedagógicas que possibilitem a transmissão do seu valor às gerações futuras, reconhecendo-a como monumento de valor patrimonial coletivo.

INTERVENÇÃO EM CONTEXTO PATRIMONIAL

Em Portugal, o valor patrimonial de um monumento é reconhecido e protegido pela Lei do Património Cultural Português, publicada no Decreto-Lei n.º 107/2001 de 8 de setembro. Esta legislação estabelece as bases da política e do regime de proteção e valorização do Património Cultural:

“(...) integram o património cultural todos os bens que, sendo testemunhos com valor de civilização ou de cultura portadores de interesse cultural relevante, devam ser objeto de especial proteção e valorização. (...) Integram, igualmente, o património cultural aqueles bens imateriais que constituam parcelas estruturantes da identidade e da memória coletiva portuguesa. (...) Integram o património cultural não só o conjunto de bens materiais e imateriais de interesse cultural relevante, mas também, quando for caso disso, os respetivos contextos que, pelo seu valor de testemunho, possuam com aqueles uma relação interpretativa e informativa.”. (PGDL, 2024)

O Património agrega bens materiais ou imateriais, desde manifestações populares, a cultos e tradições, a edifícios que tenham importância histórica e/ou cultural para a comunidade e para a região. Pode ser considerado património tanto uma obra de arte como uma ruína, um território ou uma paisagem humanizada. Deverá ser dever preservar a herança do passado para que possa ser transmitida às gerações vindouras como forma de conhecerem o seu passado, história, tradições, costumes, cultura e identidade (Tomé, 2002, pp.14-19).

O valor patrimonial assume na sua essência a importância que um grupo dá a determinado objeto ou edifício. A cultura flui e como tal nem todos os vestígios podem ter valor patrimonial, pelo que é necessário realizar uma reflexão da sua relevância enquanto testemunho do passado. Este processo de filtragem mostra-se interessante, pela possibilidade de um grupo valorizar algo que talvez outro não daria qualquer importância para o seu legado. O valor que os seres humanos, tanto a nível individual como socialmente atribuem ao seu legado, é o que confere relevância a um determinado monumento (Choay, 2001).

O significado patrimonial de um edifício continua a ser uma seleção sem parâmetros lineares, sendo um tema já muito debatido e constantemente em desenvolvimento, assim como os métodos de recuperação e preservação dos edifícios classificados.

Neste contexto destacamos as doutrinas para preservação do património iniciadas a partir da Revolução Francesa. No século XIX começaram os confrontos entre a doutrina intervencionista, onde Viollet-le-Duc defendia um restauro estilístico, que poderia falsificar a autenticidade dos monumentos. John Ruskin, opondo-se a esta ideia, era contra o restauro, defendendo que o monumento não deveria sofrer qualquer alteração. Camillo Boito cria a metodologia do Restauro Moderno, conservando a autenticidade do património ao propor a legibilidade das novas intervenções.

Cada uma das várias áreas do saber contribui para perceber melhor o edifício, o que posteriormente é uma ferramenta muito útil para se poder atuar sobre o mesmo. Existem normas para agir no que diz respeito à conservação de monumentos, sendo um dos pontos principais a colaboração de profissionais em áreas de estudo distintas para que seja possível salvaguardar o património monumental:

“A conservação e o restauro dos monumentos exige a colaboração de todas as ciências e de todas as técnicas que possam contribuir para o estudo e para a salvaguarda do património monumental.” (Carta de Veneza, 1964, p.3, art.1.º)

Tendo em consideração que este é um trabalho académico, focaremos no contributo da disciplina de arquitetura, mas reconhecendo ser imperativa a interdisciplinaridade para que o processo de estudo e intervenção cumpram com os desígnios da Carta de Veneza.

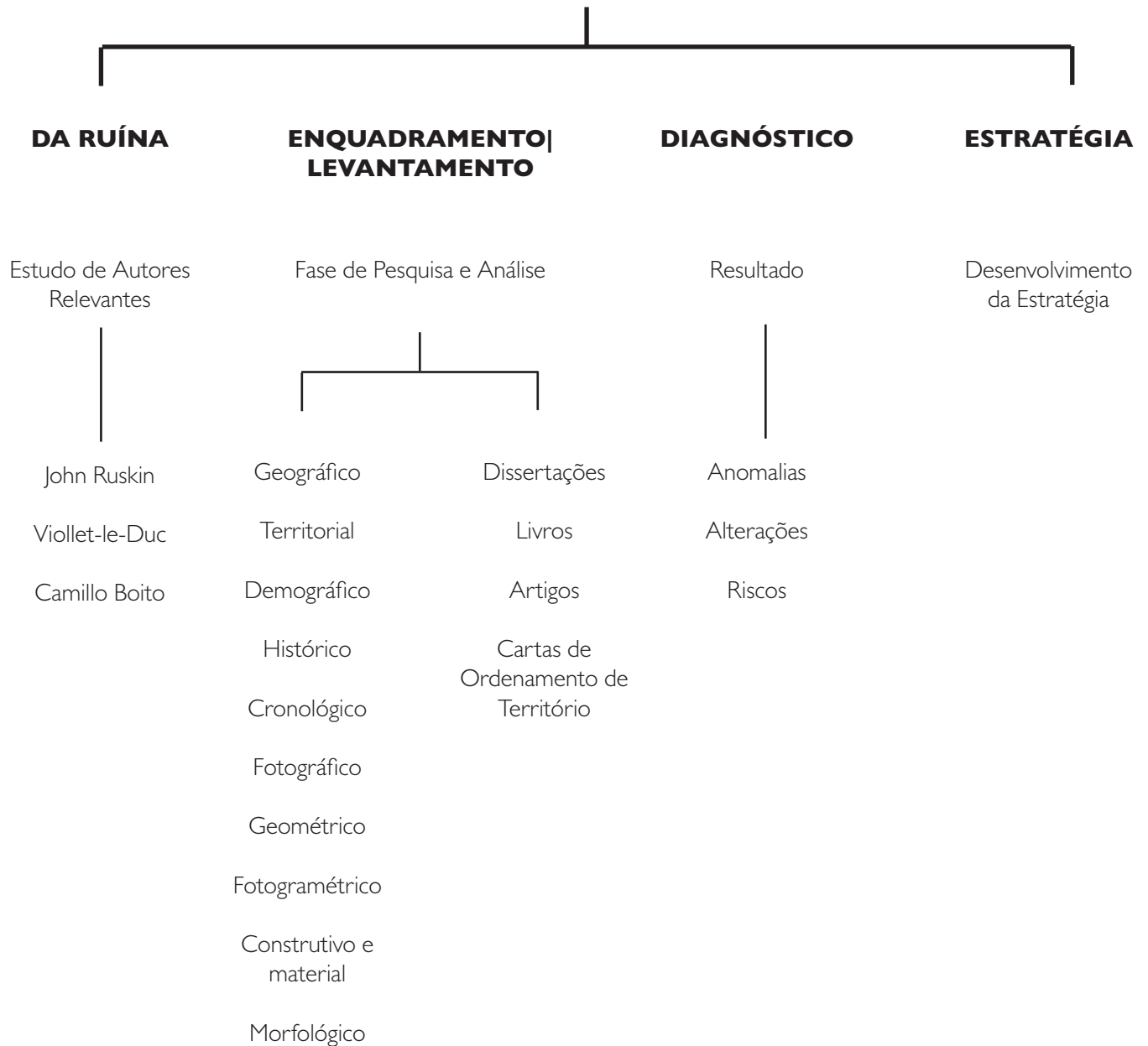
Nenhuma teoria é universal e aplicável de igual forma em diferentes monumentos, motivo pelo qual esta dissertação apresenta uma metodológica própria, definindo de que forma o estudo foi desenvolvido e organizado.

“Os instrumentos e os métodos utilizados para uma correcta preservação do património devem adaptar-se às situações concretas, que são evolutivas, sujeitas a um processo de contínua mudança.” (Carta de Cracóvia, 2000, p.1)

A investigação centra-se, assim, na análise do enquadramento territorial, histórico e construtivo da Ermida, procurando interpretar os vestígios arquitetónicos que subsistem e compreender o seu papel na relação com a comunidade local. A partir de documentação, levantamento fotográfico e visitas ao local, procura-se identificar não apenas as patologias acumuladas e o abandono a que o edifício foi sujeito, mas também os significados que este carrega enquanto espaço de identidade e de memória.

Mais do que propor uma reabilitação, este trabalho defende a importância da permanência da Ermida, como memória construída e testemunho material da passagem do tempo. A ausência de intervenção física é aqui entendida não como negligência, mas como uma estratégia crítica que preserva a integridade da ruína e a sua capacidade de transmitir valores simbólicos, históricos e culturais às gerações futuras.

ESQUEMA DO PROCESSO DE TRABALHO







I

ENQUADRAMENTO

Inicia-se esta primeira parte da dissertação como uma introdução ao tema do românico, seguido da abordagem ao enquadramento geográfico, territorial, demográfico e histórico-cultural, de forma a recolher as informações necessárias sobre o objeto de estudo.

O processo condutor deste estudo passa por uma interpretação evolutiva do conjunto arquitetónico. Pretende-se, assim, entender, não só o edifício em questão, mas também a sua relação com a envolvente e com a sua integração na Rota do Românico. Para isso, é fundamental a análise do local onde se insere.

“Autenticidade. Pelos valores tradicionais da região visíveis no próprio património, fruto das características destas terras e das gentes que as habitaram.”

(Rota do Românico, 2023a)

O ROMÂNICO EM PORTUGAL

O Românico remonta às origens da nação portuguesa, aquando da Reconquista. No século VII os povos árabes invadiram e ocuparam a Península Ibérica na sua plenitude, à exceção de um pequeno núcleo cristão nas Astúrias, do qual partiu a retaliação. As suas conquistas sucessivas afastavam os muçulmanos para sul, cedendo território para que se formassem os reinos cristãos do norte, entre os quais o Reino de Leão e Castela. O seu rei, Afonso VI, cedeu uma parcela a Henrique de Borgonha, nascendo o Condado Portucalense. Em 1143, já com Afonso VII, foi assinado o Tratado de Zamora, no qual Afonso Henriques foi reconhecido como rei de Portugal, tornando-se independente do Reino de Leão e Castela. Em 1179 a igreja católica reiterou a soberania do reino português, pela bula do Papa Alexandre III.

A matriz religiosa cristã serviu como veículo para a afirmação do estilo românico na península ibérica. Num período marcado pelo belicismo e disputas territoriais, a presença de uma igreja de forte identidade era um testemunho da ocupação cristã e um bastião da população local (Malheiro, 2012, 191). Assim se justifica que o legado desta época seja quase na sua totalidade igrejas ou templos monásticos, sem uma expressão relevante da arquitetura românica civil (Almeida, 1971, 79).

As igrejas assumiam um papel relevante na consolidação das comunidades envolventes. Como espaço de culto, permitiam a realização dos rituais cristãos, o que convocava sucessivamente a população local e com isso se fortaleciam os laços auxiliares (Almeida, 2001, 67). As paróquias eram a representação dos seus paroquianos, que para esta contribuíam. Destas movimentações geraram-se modificações socioterritoriais com efeito até hoje, pela formalização das freguesias (Almeida, 1978, 7).

“Em volta da Igreja agrupa-se a comunidade, com os seus ofícios, as suas confrarias, sendo por isso a célula social cuja inserção no espaço urbano ou rural, está mediatizada pela paróquia.” (Malheiro, 2012, 202)

No que respeita ao seu enquadramento territorial, a implantação da igreja é de elevada ponderação. O lugar escolhido é santificado *ad eternum*, pelo que mesmo que a igreja alguma vez seja movida de localização, o seu uso sacral deverá ser preservado com a construção de uma capela ou cruzeiro (Almeida, 2001, 67).



001 Igreja São Mamede de Vila Verde
© Rota do Românico, s.d.

A simultaneidade do românico com o nascimento da nação justifica que a maioria do seu legado nacional se localize no norte de Portugal, em particular na região de Entre-o-Douro e o Minho. Este território é caracterizado pela ampla bacia hidrográfica do rio Douro, com uma topografia acidentada que varia entre vales abertos e encostas declivosas (Malheiro, 2012, 85). Nestas circunstâncias, era comum as igrejas serem implantadas nas encostas dos vales irrigados, a uma cota elevada, e geralmente com ampla vista sobre a paisagem. Isto atribuía ao objeto uma posição de poder e visibilidade:

“Se as suas pedras e decoração devem ser vistas de perto ou até à lupa, se as soluções arquitetónicas que apresenta têm de ser apreciadas no interior do seu espaço e ainda em seu redor, a sua volumetria deverá também ser apreciada de longe.” (Almeida, 2001, 67).

Os santuários, ermidas e capelas, edificados mais modestos e reclusos, frequentemente implantavam-se na periferia dos aglomerados urbanos. São edificados pequenos, introspetivos e solitários, implantados em lugares de beleza singular que acentuavam o seu propósito de retiro.

“Uma gama de razões diz respeito ao aspecto paisagístico do local eleito para implantação da capela, escolhido por ser ameno, por ser dominante ou por ser espaço invulgar. Não é por acaso que nos sítios mais deslumbrantes, ou mais aprazíveis, encontramos sistematicamente ermidas.” (Malheiro, 2012, 211)

A construção de uma igreja, pelo trabalho e morosidade exigidos, e pela singularidade inerente, implicava um grande investimento. Era dever do comendador honrar com o absoluto cuidado e ambição a casa de Cristo, o que também traria prestígio para si e para a comunidade que a igreja serviria (Almeida, 2001, 75)

O Românico parte de duas premissas para as suas igrejas, a verticalidade e a dureza. A verticalidade remete para a ascensão divina, com recurso a alçados impactantes e torres sineiras que projetem linhas verticais para o céu. A dureza advém do uso da pedra, que lhe confere a rigidez construtiva e resistência aos elementos para se tornar monumental e intemporal (Malheiro, 2012, 185).



002 *Capela da Senhora da Livração de Fandinhães*
© Rota do Românico, início do séc. XX

A construção em pedra, apesar de trabalhosa, era a melhor alternativa à época pelas suas qualidades. O granito era abundante no norte de Portugal e já era recorrido desde a cultura castreja (Almeida, 1971, 66), significando que existia conhecimento empírico da arte de trabalhar a pedra. É comum ver-se nas igrejas românicas a construção em fiadas quadriculadas, em isodomía ou pseudo-isodomía, com as pedras colocadas ao baixo para melhor contraventamento. As paredes são usualmente compostas por três camadas, a exterior e a interior são em pedra talhada à vista, e a do meio é preenchida com pedra miuda, recorrendo a perpianhos pontualmente para melhorar a estabilidade da estrutura (Almeida, 2001, 70). Do ponto de vista espacial, a tectónica do granito também complementava a ambiência massiva e unitária das igrejas românicas, recolhendo-se ao silêncio e à introspeção neste espaço enclausurado e sem abstrações do exterior (Malheiro, 2012, 183).

O Românico português era composto de volumes simples e “aspeto indígena”. Portugal não era um destino de peregrinações e à época a população do Douro e Minho era bastante dispersa, pelo que a edificação de grandes estruturas era inviável (Almeida, 1971, 72). De acordo com Carlos Almeida “dentre uma centena de igrejas românicas, mais de 80% delas têm cabeceira com uma única abside e esta é quadrangular em mais de 85% dos casos com a solução de abside única. O modelo de capela-mor quadrangular, o mais simples, tem longa tradição pré-românica que, então, não se esqueceu.” (Almeida, 2001, 77).

Não significa isto que a espacialidade das igrejas fosse prejudicada. A geometria elementar da nave e abside/capela-mor permitia criar um espaço unificado, isento de preciosismos, onde se privilegiava a massa tectónica do granito e a luz ténue entre as frestas. Quem entra numa igreja românica será agraciado com a luz de nascente vinda de uma fresta posicionada ao eixo da abside, seguindo a implantação E-O da igreja. Poucos outros vãos eram executados, apenas o portal de entrada e por vezes uma rosácea, nos quais se ostentavam os temas ornamentativos da época, que variavam entre os motivos vegetais e os motivos geométricos (Malheiro, 2012, 309).

A sobriedade do românico português eleva as particularidades de cada interveniente, produzindo espaços de verdadeira introspeção e nos quais somos convidados a olhar para dentro, mais do que em explorar a teatralidade da igreja.



003 Igreja de Nossa Senhora da Natividade de Escamarão
© Rota do Românico, s.d.

Para aprofundamento cfr. entre outros, os estudos recentes de BOTELHO, M.L., *A historiografia da arquitectura da época românica em Portugal : (1870-2010)* ; Publisher: Porto : [Edição do Autor]; ROSAS, Lúcia Maria Cardoso et al. (textos) – *Rota do Românico*. Lousada: Centro de Estudos do Românico e do Território, 2014. BOTELHO, M. L.; BARROCA, M. J.; ROSAS, L. C.; GUEDES, C. (coord.)(2023). *Enciclopédia do Românico em Portugal*. Aguilar de Campoo: Fundacion de Santa Maria de La Real - Centro de Estudios del Románico

GEOGRÁFICO

A freguesia de Oliveira do Douro, pertencente ao concelho de Cinfães, distrito de Viseu, é uma das mais antigas do país, já existindo desde o século X, pertencendo inicialmente ao concelho de Ferreiros e Tendais, atualmente inexistente. (Arquivo Distrital de Viseu, 2012)

Encontra-se na margem esquerda do rio Douro e estende-se de Cabrum até Porto Antigo, Ferreiros de Tendais e Ramires. É limitada a nascente pelo rio Cabrum e a poente pelo rio Bestança.

A zona de Oliveira do Douro onde se situa a Ermida do Douro está classificada no PDM como espaço agrícola, ladeado por dois cursos de água, um a este e outro a oeste.

Segundo a Planta de Ordenamento I do PDM de Cinfães, a Ermida localiza-se em solo rústico, qualificado como espaço agrícola, o que corresponde a “grandes manchas contínuas que apresentam maiores potencialidades para a exploração e produção agrícola e pecuária” e que contribuem para um equilíbrio ambiental (Secção III, artigo 26º).

A Planta de Ordenamento II indica-nos os sítios arqueológicos, entre os quais a Igreja de São Pedro da Ermida (A268), o forno doméstico (A269), a eira comunitária (A270) e a vila Ermida (A271).



1. Planta de ordenamento I

SOLO RÚSTICO

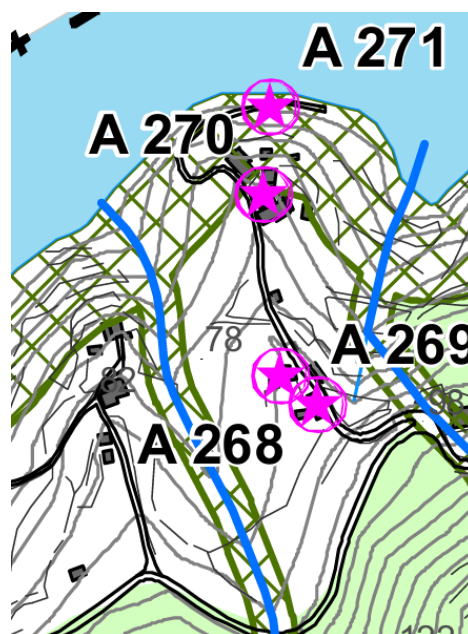
- Albufeiras e Planos de água
- Linhas e Cursos de Água integrados na REN

Espaços Agrícolas



Espaços Florestais

- De Uso Misto Silvícola e Agrícola



2. Planta de ordenamento II

SALVAGUARDAS E PROTEÇÃO

Valores Patrimoniais

- Sítios Arqueológicos

ESTRUTURA ECOLÓGICA MUNICIPAL

- Estrutura Ecológica Fundamental

- Leitens e Margens de Cursos de Água integrados na REN

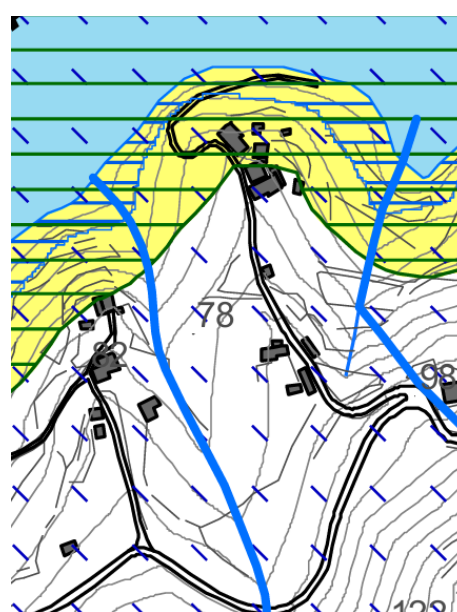
- Estrutura Ecológica Complementar



3. Planta de ordenamento III

ZONAS DE PROTEÇÃO DA ÁREA ENVOLVENTE DAS ALBUFEIRAS

- Áreas de salvaguarda tipo VI A
- Áreas de salvaguarda tipo VII
- Áreas não submetidas a regime de salvaguarda



4. Planta de condicionantes I

RECURSOS HÍDRICOS

- Albufeiras
- Zona Reservada
- Zona Terrestre de Proteção

RECURSOS ECOLÓGICOS

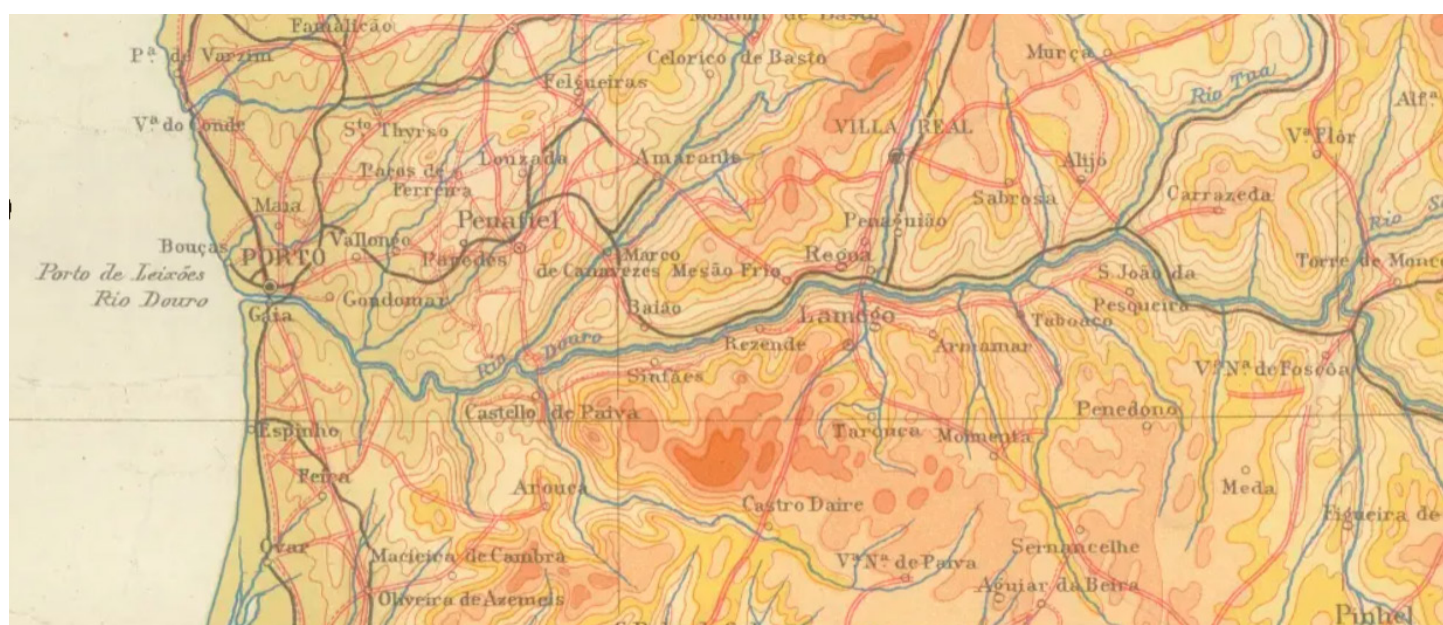
- Leitens e Margens de Cursos de Água integrados na REN
- Reserva Ecológica Nacional



005 Secção das regiões de Portugal

“Corografia portuguesa e descripçam topografica do famoso Reyno de Portugal”, António Carvalho da Costa, 1650-1715

“As linhas a rosa e a amarelo mostram os limites do Entre Douro e Minho e Trás-os-Montes. A sul do Douro as Beiras.” (Resende, 2020)



006 O Relevo do Norte de Portugal

Carta Hipsométrica de Portugal, Direção Geral dos Trabalhos Geodésicos e Topográficos, 1915

TERRITORIAL

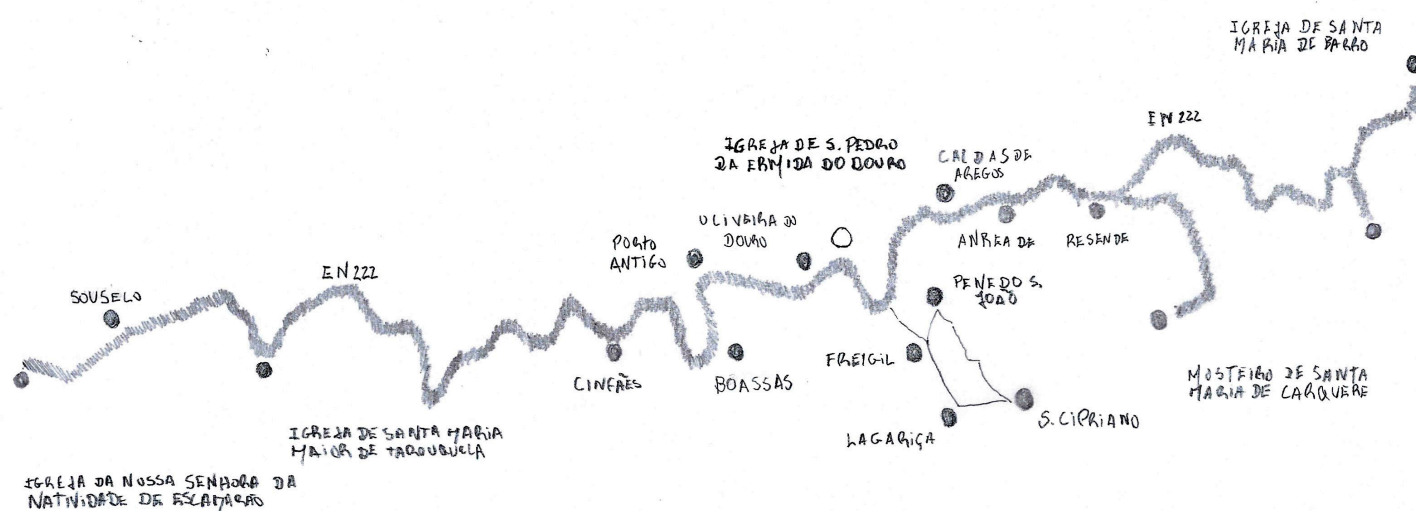
A região de Oliveira do Douro foi território de vários povos ao longo dos séculos, desde os lusitanos, seguido dos romanos, os bárbaros, os godos e os mouros, originando um território cheio de marcas e histórias. Estas ocupações devem-se essencialmente ao facto de ser uma região litoral, favorecida pela sua rede hidrográfica e pela sua proximidade com a serra (Arquivo Distrital de Viseu, 2012).

A sua topografia montanhosa mostra vestígios de fortificações castrejas, nomeadamente em Paredes e Castelo, as quais lhes deram os respetivos nomes. A freguesia usufruía da sua proximidade com o rio como um importante meio de transporte para pessoas e produtos, rota que entrou em declínio com a criação da barragem do Carrapatelo. (Junta de Freguesia de Oliveira do Douro, 2022) Devido à próxima relação com a água, ainda se encontra uma vasta rede de moinhos de água que foram introduzidos desde os tempos romanos.

A estrada nacional 222, possível de visualizar ao longo das margens dos rios já existia como antigo percurso medieval que dava acesso à Ermida e ao rio, representada e contextualizada com a envolvente significativa no esquisso da figura 3. Esta estrada liga Portugal de oeste a leste pelas margens do Douro, sendo que faz parte de um programa de turismo da Rota do Românico e foi eleita a “estrada mais bonita do mundo, pelo caminho será brindado com algumas das paisagens mais arrebatadoras do País e múltiplos locais de interesse cultural e turístico.” (Rota do Românico, 2024b)



007 Vista aérea sobre Cinfães, com o Rio Douro à esquerda e o Rio Bestança à direita.
© Grande Rota, s.d.



008 Esquisso da estrada Nacional 222, antiga rota medieval, e locais significativos na envolvente
Desenho da autora, 2023

DEMOGRÁFICO

A população no Município de Cinfães tem vindo a diminuir desde a segunda metade do século XX. A baixa densidade populacional é estabelecida por uma distribuição heterogénea, como alguma concentração em aglomerados urbanos mais atrativos, apesar do Município de Cinfães apresentar um elevado potencial natural e turístico. (Câmara Municipal de Cinfães, 2023)

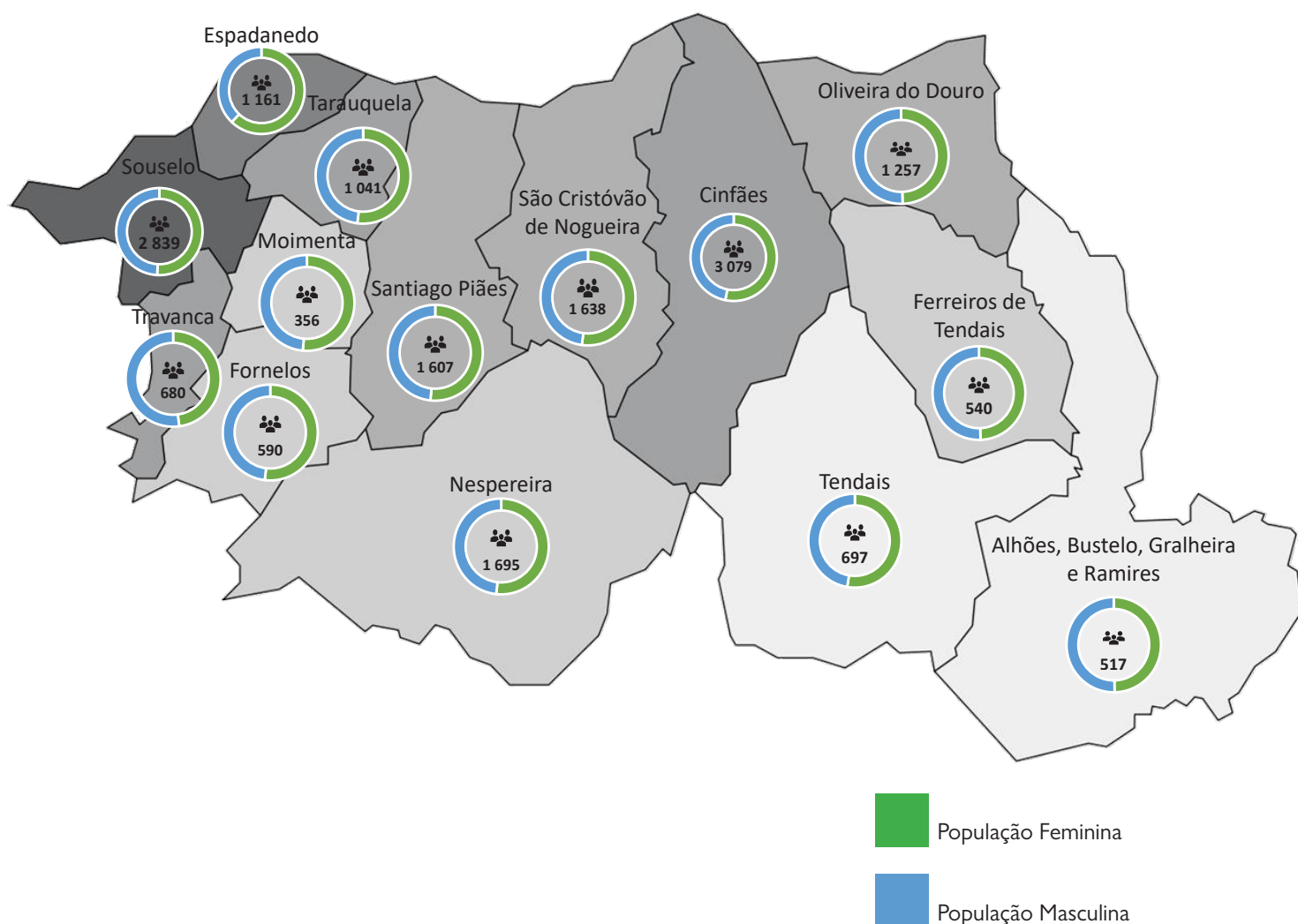
De 2002 para 2021 a densidade populacional de Cinfães tem vindo a diminuir cada vez mais, passando de 90.4 habitantes por m² para 74. A maioria dos habitantes tem idade compreendida entre os 40 e os 69 anos.

Em Oliveira do Douro com um total de 1 257 habitantes (fig.3), a densidade populacional é de 88.96 habitantes por m², predominando a faixa etária dos 50 e aos 59 anos.

A maioria da população completou apenas o ensino básico, sendo que 23.14% completou o ensino secundário e que 5.31% o ensino superior, existe ainda uma taxa de analfabetismo de 7.52%.

A taxa de atividade na freguesia é de 35.88% e de desemprego é 11.75%. A taxa de desemprego é relativa na sua maioria ao sexo feminino. O grupo profissional com maior número de população empregada são trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices e o seguinte grupo são trabalhadores não qualificados. É ainda de notar que praticamente metade da população residente ativa em Oliveira do Douro executa movimentos pendulares para fora do município (INE, 2021).

A reabilitação de edifícios de interesse cultural como a Ermida pode ter um papel auxiliar na dinamização da freguesia, sendo um atrativo para atrair visitantes, e ainda estimular o setor da construção com oportunidades de trabalho associadas à reabilitação e património.



009 Distribuição demográfica do concelho de Cinfães
Dados Censos 2021, montagem da autora, 2024

HISTÓRICO

No século XI surgem os primeiros documentos referentes à freguesia de Oliveira do Douro. No século XII o julgado passaria a ser composto pelas paróquias de S. Miguel de Oliveira e S. Pedro de Ferreiros. Em meados do século XIII é incluída uma outra paróquia, a de S. Pedro da Ermida, na zona oriental.

Oliveira do Douro possui património de significativa importância a nível arqueológico, nomeadamente no lugar de estudo encontram-se quatro pontos de interesse arqueológico, como mencionado anteriormente.

A nível de património edificado, existem em Oliveira do Douro várias casas solares relevantes para a salvaguarda da história local. Como exemplos referem-se a Casa da Calçada numa encosta virada para o rio Douro; a Casa do Cubo, em Boassas, na aldeia Arribada; a Casa do Fundo da Rua, em Boassas, tendo sido casa real de D. Sebastião; a Casa do Rebolfe, em Porto Antigo, uma pequena quinta implantada nos socacos até ao rio, restaurada em 1990 para adaptação a fins turísticos. (Junta de Freguesia de Oliveira do Douro, s/d)

Ainda no património edificado, Oliveira do Douro é pontuada por locais sagrados de relevância arquitetónica, como a Igreja Paroquial de Oliveira do Douro, a Igreja de Nossa Senhora da Estrela, em Boassas, caiada em branco, de 1710 e restaurada em 1929.

O núcleo mais antigo de Arribada, pertencente a Boassas, é marcado pela influência mediterrânica e pela presença árabe/islâmica. “À medida que se percorre as ruas estreitas e os típicos pátios ornamentados de vasos coloridos com flores, descortina-se um passado sublime, expresso na arquitetura das casas e nas tradições e mitos de Boassas.” (Junta de Freguesia de Oliveira do Douro, s/d)



7. Casa do Rebolfe



8. Igreja Paroquial de Oliveira do Douro



9. Casa da Calçada



10. Ermida do Douro



11. Casa do Fundo da Rua



12. Capela de Nossa Senhora da Estrela



13. Casa do Cubo

A freguesia é ainda demarcada por datas especiais de festas e romarias como a Bênção das Colheitas em honra de São Miguel Arcanjo (padroeiro de Oliveira do Douro) que realizam todos os anos no último fim de semana do mês de setembro, onde norma geral decoram os altares e andores com flores. Este ano as decorações foram mais do que flores, os altares da Igreja Paroquial foram decorados com produtos das colheitas locais oferecidos pelos habitantes, bens que no final da romaria são oferecidos a uma instituição de caridade.

São festividades de pequenas dimensões, com música, jogos e comida, onde a comunidade usa a praça da Igreja Paroquial como espaço principal para as mais diversas atividades coletivas.

Em 1258 existiam duas paróquias na antiga localidade de Ferreiros de Tendais, uma era S. Miguel de Oliveira e outra era S. Pedro de Ferreiros. No entanto nos finais do séc. XIII já só existia a paróquia de S. Pedro da Ermida, que passa a ser Matriz e sede paroquial de Oliveira do Douro. (Pinto, 2008)

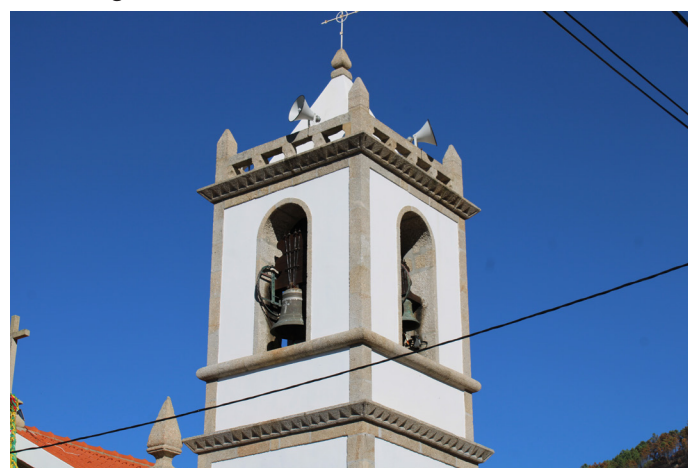
“Contemporânea das origens cristãs na Península, a Ermida de S. Pedro acabou por impor-se como matriz, com a necrópole anexa ainda hoje a dar testemunho da sua antiguidade.” (Costa, 1979, p.373)

Em conversa com os habitantes descobriu-se que mais tarde quando a Ermida deixou de ser utilizada como igreja, o seu sino foi transportado para a Igreja Paroquial de Oliveira do Douro, onde se encontra atualmente.

Na altura em que servia como sede da paróquia da freguesia de Oliveira do Douro existia a tradição da “procissão de Boassas, que seguia rio abaixo até Porto Antigo, em barcos rabelos engalanados para o efeito, e daí até à capela de N.^a S.^a da Estrela, aquando da festa anual.” (Pinto, 2008, p.27).



011 Interior da Igreja Paroquial de Oliveira do Douro no dia da Romaria. Vistas para a capela-mor e para a pia baptismal
Fotografias da autora, 2024



012 Sinos do campanário da Igreja Paroquial de Oliveira do Douro
Fotografias da autora, 2024



A Igreja de São Pedro da Ermida está localizada junto ao rio Douro, no lugar da Ermida, na freguesia de Oliveira do Douro em Cinfães, Viseu. Possui as Coordenadas 41°05'34.0''N 8°02'20.2''W e o código nacional de sítio do IPA.00025579. A Ermida está associada a um conjunto de edifícios, nomeadamente a casa do Caseiro e o Castro, bem como o muro e a Eira, que criam a ligação entre os vários elementos no espaço.

Assume-se que a Ermida terá sido construída entre os finais do século XIII e inícios do século XIV. (González, 2023) Existem registos de casamentos, batizados e óbitos, datados entre os finais do século XVII e o século XIX. (Basto, 2007)

A capela está posicionada de forma paralela com o rio, com a entrada principal direcionada para poente e a capela-mor para nascente.

Numa zona rural, em declive, este templo românico foi núcleo central da paróquia de S. Pedro da Ermida, a partir dos finais do século XIII e igreja paroquial de Oliveira do Douro até ao século XX, data desde a qual deixa de funcionar como igreja. (Basto, 2007)

Pensa-se que terá exercido a função de convento de frades Bentos, pertencente à Diocese de Lamego e ainda que poderá ter existido uma incorporação da igreja no Mosteiro de Mancelos, próximo a Amarante. A capela servia também, pela presença de dois arcosólios, para enterrar a nobreza local. (Arquivo Distrital de Viseu, 2012)



013 *Conjunto edificado da Ermida em planta*
Desenho da autora, 2024

014 *Conjunto edificado da Ermida em corte*
Montagem da autora, 2024

Após o padroado passar para Mancelos, a capela começa a ser armazém para o inventário de bens da freguesia de Oliveira do Douro em 1911. No entanto, em data indefinida, a igreja deixa de possuir os bens paroquiais para ficar em mãos de privados. (Arquivo Distrital de Viseu, 2012)

Terá sido nesta altura que ficou ao encargo de caseiros da quinta. Segundo o Sr. Paulo Pinto (filho do casal de caseiros que viveu lá há mais de 60 anos) os seus pais mantiveram o carácter da igreja intacto, diz não ter grandes recordações por ser muito novo quando deixou de viver no lugar.

Em 1982 existe registo que a Ermida já se tinha tornado em abrigo de animais e até vandalizada, comprovando assim muitos dos vestígios que ainda hoje são encontrados na igreja como resultado desta adaptação.

“A igreja de S. Pedro da Ermida está hoje transformada em palheiro, apesar do seu estilo românico, e o seu território incorporado na vasta freguesia de Oliveira do Douro, do vizinho do concelho de Cinfães. Um bloco de cantaria na esquina sudoeste deste exemplar estava removido – à procura de um tesouro do tempo dos Mouros – contou o caseiro.” (Pinto, 1982, p.440)



015 Vista para o interior do arcosólio, túmulo com a tampa removida
© Paulo César Silva, 2014



016 Altar lateral direito do arco triunfal, usado como gaiola
© Paulo César Silva, 2014

A classificação da Ermida como património municipal foi pedida aquando da elaboração do Plano Diretor Municipal de Cinfães, o pedido foi aceite, no entanto, os resultados não se fizeram verificar. Talvez por esta ter sido adquirida como propriedade privada pelo menos desde 2007.

“Consegui então, aquando da execução do Plano Diretor Municipal, a sua classificação como Património Municipal, embora, lamentavelmente, como se pode hoje verificar, sem qualquer resultado positivo.” (Pinto, 2008)

Atendendo que são identificados como património bens imóveis como castelos, igrejas, habitações e outras estruturas edificadas que detenham importância histórica, arqueológica ou qualquer outra ciência. Já os bens móveis, tratam-se de pinturas, esculturas e artefactos variados. São também consideradas as formas de expressão humana, como a literatura, música, costumes, entre outras. (Tomé, 2002, 21-29).

A Ermida é classificada como monumento pelo SIPA e pela Rota do Românico, apesar de não estar integrada nos mapas de percursos desta rota. No mapa é representada com um quadrado vermelho a localização da Ermida no percurso do Vale do Douro.

A Rota do Românico tem intenção de promover o desenvolvimento económico e do emprego na região e já com esse propósito foi criada com a parceria do Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR) e com a extinta Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN). (Rota do Românico, 2023b)

Com a criação da Rota do Românico tornou-se possível a realização de itinerários que permitem dar a conhecer um conjunto de determinados edifícios de interesse patrimonial, exemplo de mosteiros, igrejas, capelas, memoriais, pontes, torres e castelos, construídos entre os séculos XI e XIV.

Assim, a rota contribuiu para o restauro e conservação de edifícios, o que permitiu a cada uma dessas regiões ganhar uma nova dinâmica turística e cultural. Esta atividade sensibilizou as populações de diferentes zonas e tem cada vez mais um carácter turístico que possibilita a salvaguarda e proteção do património, o qual permite e incentiva o seu reconhecimento como tal.

“A Rota do Românico é um projeto turístico-cultural, que reúne, atualmente, 58 monumentos e dois centros de interpretação, distribuídos por 12 municípios dos vales do Sousa, Douro e Tâmega (Amarante, Baião, Castelo de Paiva, Celorico de Bastos, Cinfães, Felgueiras, Lousada, Marco de Canaveses, Paços de Ferreira, Paredes, Penafiel e Resende), no Norte de Portugal.” (Rota do Românico, 2023c)

A palavra “património” acolhe vários conceitos, mas está sempre intrínseca à ideia de pertença a uma identidade humana, sendo esta um elo entre o presente e o passado. Da mesma forma que se tentam preservar os edifícios históricos, para que estes sirvam também as gerações futuras e para um melhor entendimento das culturas e costumes, origina-se uma partilha de conhecimentos.



018 Fotografia aérea da localização da ermida
© Google Earth, montagem da autora, 2024



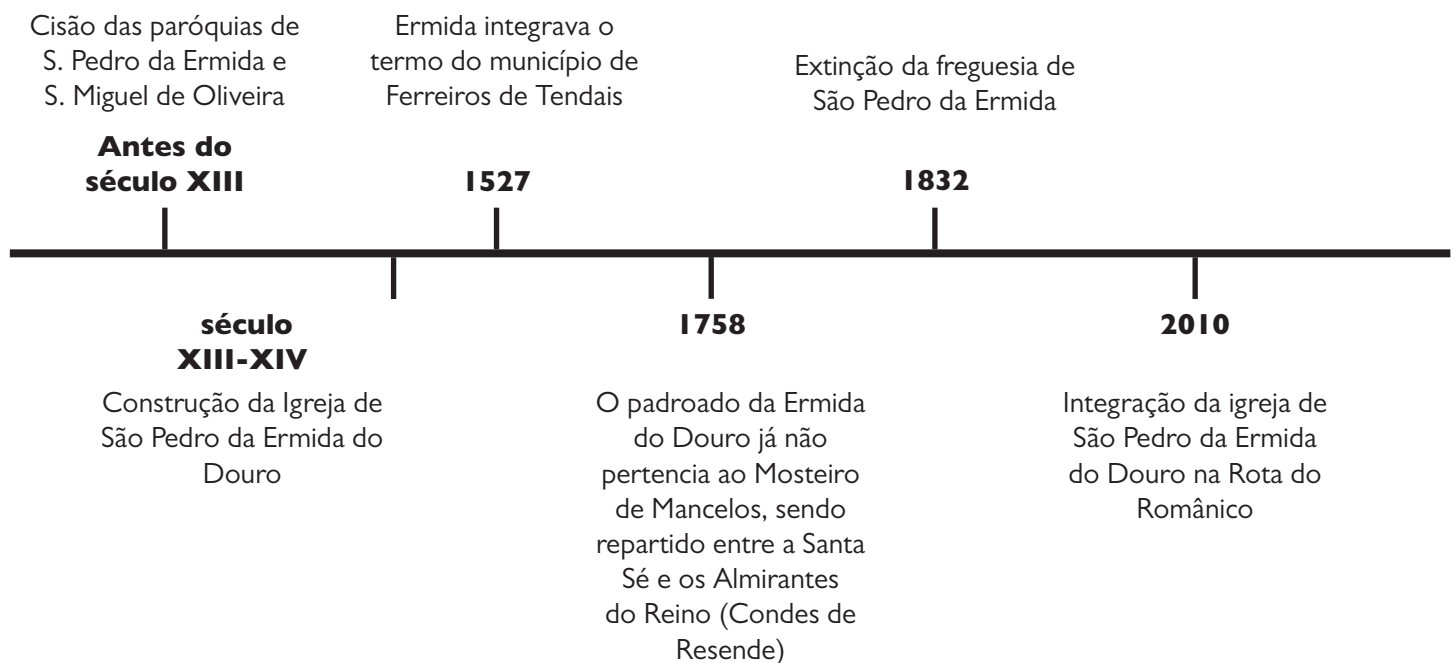
019 Conjunto da Ermida de São Pedro do Douro
Fotografia da autora, 2023

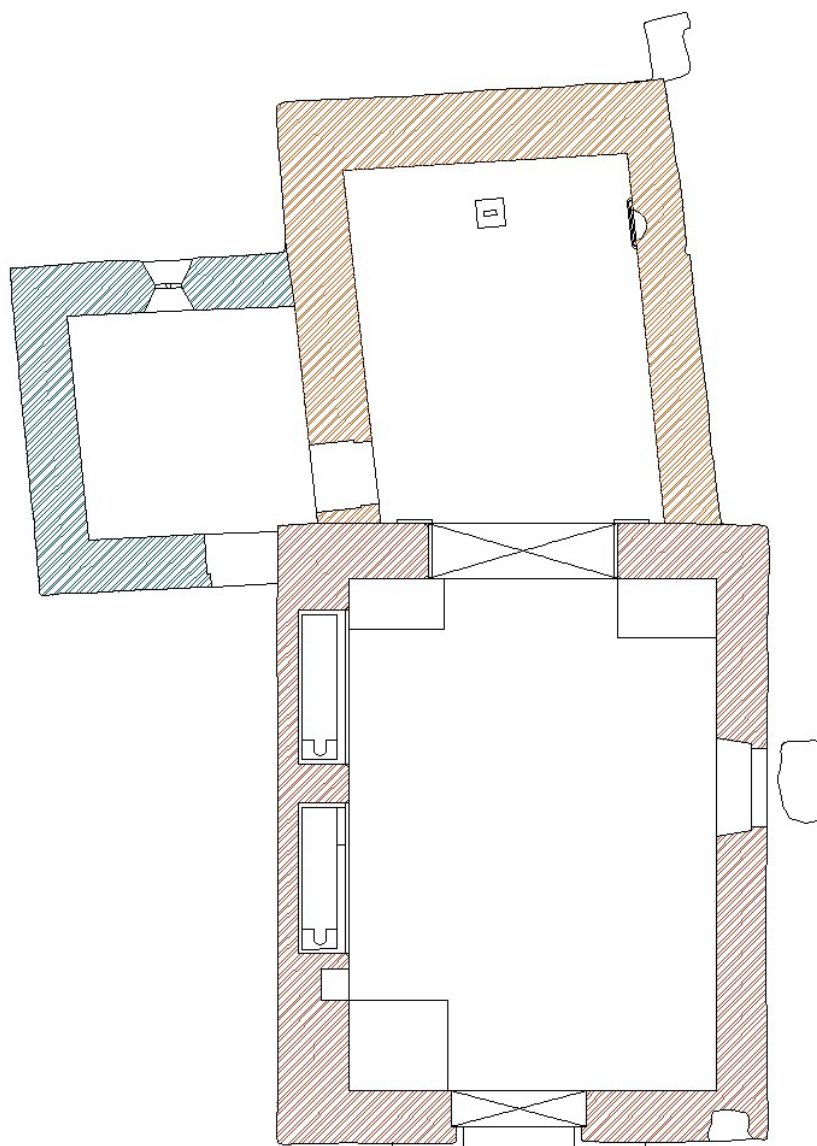
CRONOLÓGICO

Apesar das pesquisas realizadas existem incertezas relativamente às datas de construção e alterações posteriores.

A Ermida é constituída por três volumes escalonados, construídos por acréscimo, sendo a capela-mor a primeira a ser construída no final do século XII ou inícios do século XIII, seguida da nave do séc. XVI/ XVII e só depois a sacristia do séc. XVIII/ XIX (Junta de Freguesia de Oliveira do Douro, 2022).

O aglomerado onde se insere a Ermida sofreu algumas alterações ao longo do tempo, são visíveis as marcas da existência de outro volume do lado da casa do caseiro, onde a fachada ainda é parte constituinte do muro existente.





- Capela-mor | Fim séc. XII - Início séc. XIII
- Nave | séc. XVI - XVII
- Sacristia | séc XVIII - XIX

020 *Planta com identificação cronológica dos vários períodos de construção da Igreja*
Montagem da autora, 2024





II

LEVANTAMENTO

Esta segunda parte estruturou-se pela utilização de diferentes métodos de levantamento, desde o fotográfico e do esquisso, ao desenho detalhado do aparelho de pedra e nuances.

As diferentes abordagens para o reconhecimento e parametrização da Ermida são um foco desta investigação. Consideramos que antes de qualquer reabilitação é necessário que exista um processo de investigação aprofundado e com rigor, que permita elaborar um projeto adaptado à realidade do lugar e que previna incoerências aquando da sua construção.

Na fase de levantamento procede-se ao conhecimento do objeto e do conjunto onde se insere, passando pelo estudo da pré-existência e recorrendo a um levantamento arquitetónico. Em primeiro lugar, o levantamento em desenho à mão livre e com aparelhos de medição manual do objeto, para registo das dimensões rigorosas, onde o desenho foi usado como ferramenta para anotar as medidas tiradas e registar o processo de levantamento no terreno.

O desenho manual também foi essencial para o estudo do objeto na medida em que permitiu perceber pormenores e retirar medidas de pormenores particulares, de forma a entender como as partes se relacionam em termos construtivos.

Procedeu-se ainda à procura da cartografia do local, pelo contacto com entidades para fornecimento de informações e plantas, de forma a entender a topografia. Esta parte inicial de estudo é fundamental para a posterior análise da Ermida.

“Aprendizagem. Uma marca que nos transporta para um mundo de história, com raízes românicas, associado ao tempo da reconquista cristã.”

(Rota do Românico, 2023a)



PLANTA PISO 1

LEGENDA:

- | | | |
|---------------|-----------|-----------|
| 01 NAVE | 04 EIRA | 07 MURO |
| 02 CAPELA-MOR | 05 CASA 1 | 08 CASA 3 |
| 03 SACRISTIA | 06 CASA 2 | |



PLANTA PISO -1



PLANTA PISO 2

DISSERTAÇÃO 5º ANO

ORIENTADOR, ARQ. TERESA FERREIRA

COORIENTADOR, ARQ. PEDRO MURILO

"ENTRE O ROMÂNICO E A RUÍNA"

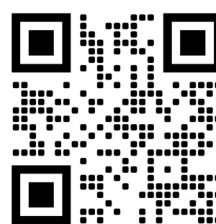
RR_PL_01.02

PLANTAS PISO 1

ESCALA 1/100

2023/2024

FOTOGRÁFICO

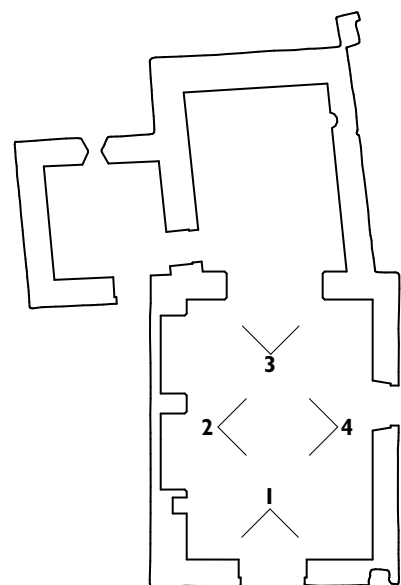


O registo fotográfico é importante para melhor compreender e descrever o objeto e ainda funciona como auxiliar de memória, útil ao longo de todo o processo de estudo, ou seja, na fase de levantamento, diagnóstico e projeto, além de ampliar o campo de pesquisa, de documentação e ilustração da dissertação.

Registaram-se imagens ao nível do solo e aéreas, o que permitiu obter um modelo tridimensional detalhado, que serve de base para toda a produção dos desenhos técnicos bidimensionais.



023 Igreja e casa do conjunto abandonado
Fotografias da autora, 2023



Perspetiva 1



Perspetiva 2



Perspetiva 3



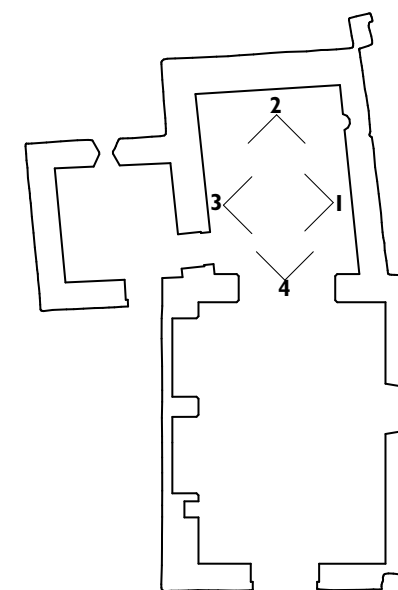
Perspetiva 4



Perspetiva 1



Perspetiva 2



Perspetiva 3



Perspetiva 4

GEOMÉTRICO

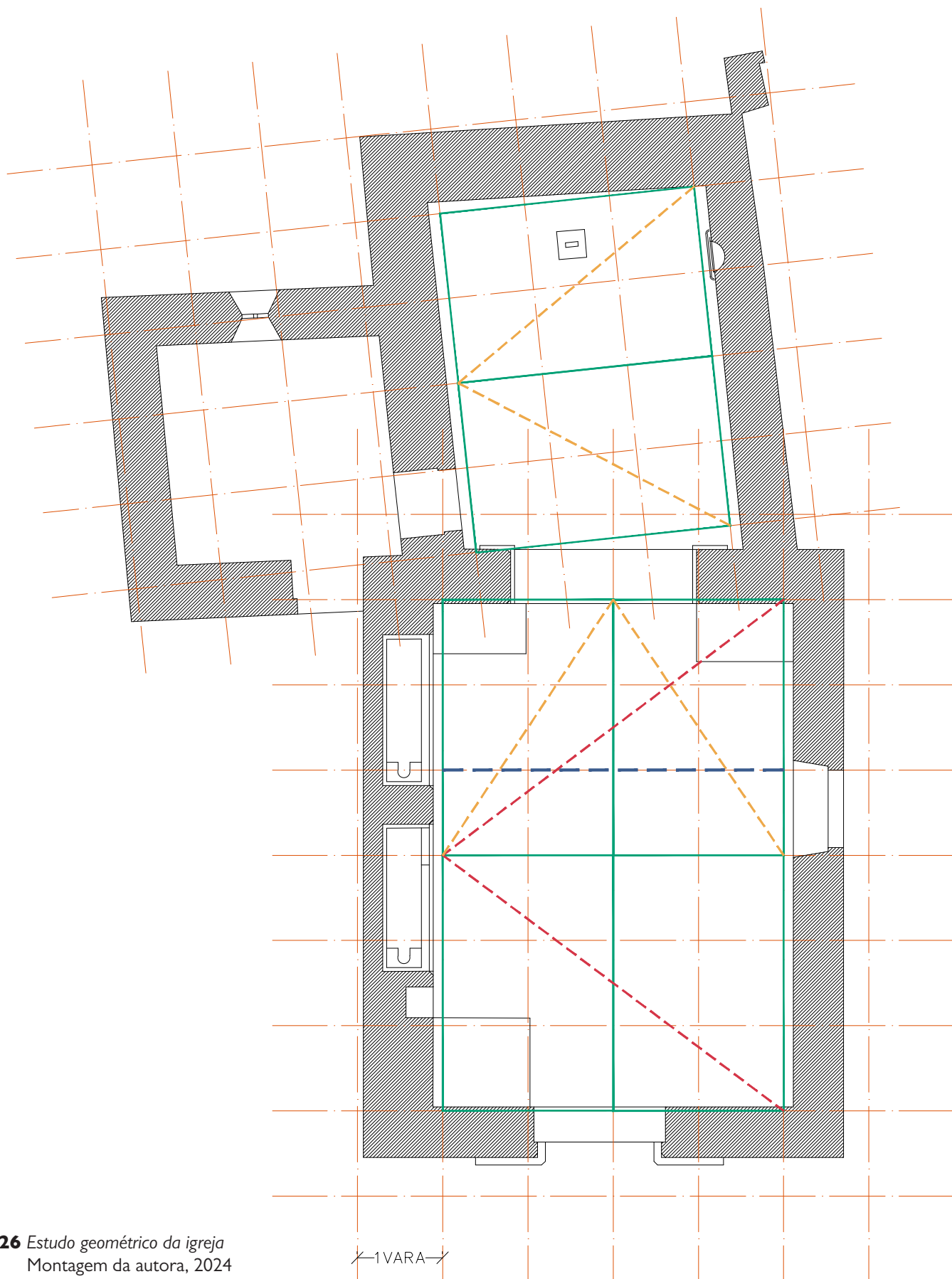
Implantada a 80 metros de altitude, num meio ruralizado, a Ermida do Douro está orientada no sentido poente-nascente, tal como acontecia com as igrejas medievais. A planta assume uma forma poligonal simples, com uma única nave retangular, a capela-mor mais baixa e estreita, caso comum na arquitetura românica, com uma ligeira rotação para sul relativamente à nave. A sacristia é também de planta retangular.

O desenho dos espaços é derivado de princípios de composição por palmos, sendo o método de construção feito de igual forma, não seguindo nenhuma adequação a medidas como proporção áurea, raiz de 2 ou raiz de 3. É aparente a irregularidade geométrica do conjunto, como se pode verificar no estudo realizado, evidenciando as torções feitas entre os vários acrescentos ao edifício.

A planta apresenta-se organizada segundo uma grelha modular de uma vara, equivalente a aproximadamente 1,10 metros, medidas coerentes com a prática construtiva do românico português. A nave evidencia uma largura interior próxima de 4,2 varas, ou seja, cerca de quatro varas acrescidas de um palmo, enquanto o seu comprimento se aproxima de 8,5 a 9 varas. Esta relação corresponde, de forma bastante aproximada, ao duplo quadrado (2:1), proporção típica da arquitetura românica, que garantia simultaneamente estabilidade construtiva e clareza espacial.

A capela-mor inscreve-se num retângulo de aproximadamente três por duas varas, confirmando a presença de uma segunda proporção igualmente frequente no período, a razão de 3:2. Este retângulo funciona como submódulo da nave, demonstrando a prática habitual de articular módulos simples em sucessão, garantindo continuidade e hierarquia entre os diferentes espaços litúrgicos.

A igreja organiza-se a partir de um módulo-base de uma vara, repetido e multiplicado para gerar a nave, a capela-mor e a sacristia. A presença do duplo quadrado na nave e do retângulo 3:2 na capela confirma a tradição geométrica medieval, pautada pela simplicidade, pela clareza e pela modularidade. Pequenas variações, como o acréscimo de um palmo ou a ligeira irregularidade nas espessuras murárias, devem ser entendidas como ajustes práticos próprios do processo construtivo em obra, sem comprometer a lógica geométrica original.



026 Estudo geométrico da igreja
Montagem da autora, 2024

FOTOGRAMÉTRICO

A fase do levantamento fotográfico, com recurso a um drone para as vistas aéreas, possibilitou a criação de um modelo tridimensional, em nuvem de pontos, a partir do programa Bentley. Posteriormente a informação transferida para o programa Recap, do qual foram extraídos os alçados para Autocad com o objetivo de obter desenhos bidimensionais mais detalhados e consecutivamente mais fidedignos.

O modelo 3D contribuiu para grande parte do reconhecimento do objeto, não só pelo estado de ruína em que se encontra o edifício e pela complexidade criada por esse estado, mas também por estar rodeado de vegetação, o que impede o acesso a algumas partes, principalmente à casa do caseiro.

A fotogrametria possibilita captar a composição do aparelho de pedra da capela de forma detalhada, sendo uma ciência e uma arte, na medida em que estuda os processos de extração métrica sobre um determinado objeto, através de medições associadas às fotografias. Esta técnica permite estabelecer uma relação geométrica rigorosa entre a fotografia e o objeto no momento registado.

Através da fotogrametria entende-se a caracterização dos materiais e das anomalias, permitindo assim a sua identificação e caracterização em 2D, desenhado em sobreposição ao modelo 3D, num processo extenso e metuculoso de desenho e tratamento de informação, através do qual se obtêm plantas, cortes e alçados rigorosos.

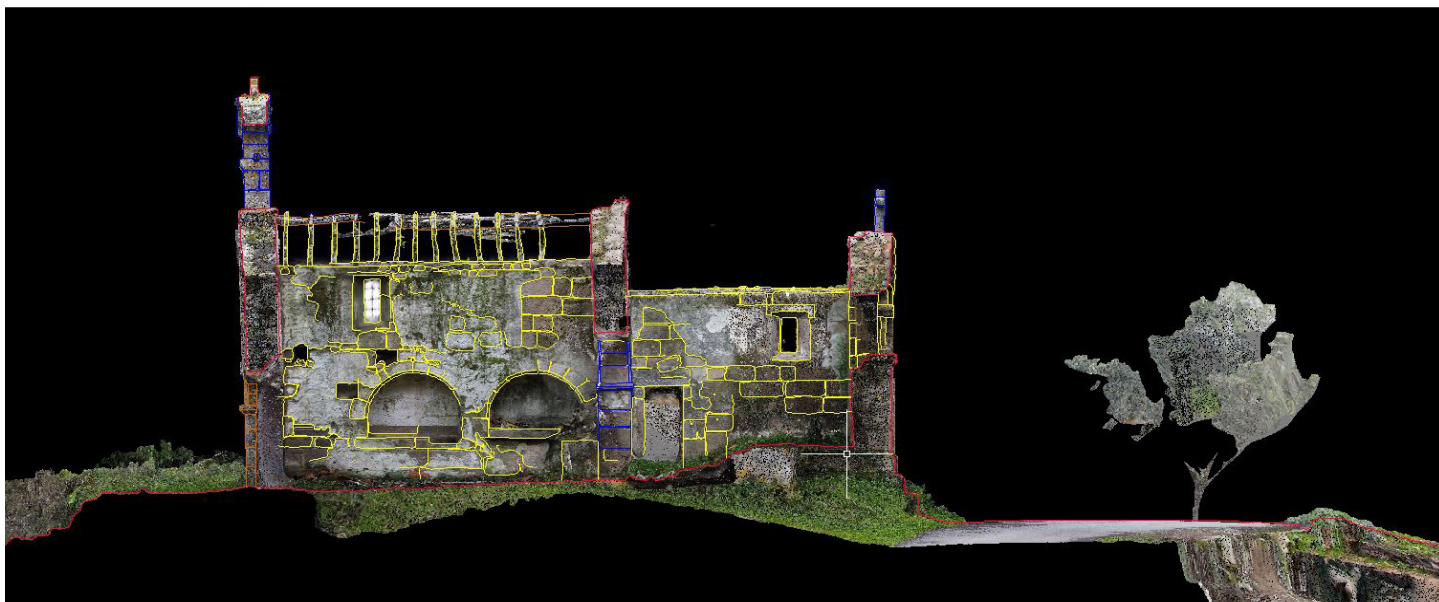
Este método de levantamento é realizado com base nos registos fotográficos feitos no local, com o pormenor detetado pelas capturas, e sendo o levantamento maioritariamente realizado por fotogrametria, é aumentado o grau de detalhe do desenho obtido pelo “decalque” das imagens no AutoCad, transformando as imagens em linhas. O processo de “decalque” é um exercício prolongado, pelo cuidado em representar os detalhes, de forma a obter uma representação cuidada.



027 Captura de ecrã do programa Bentley.



028 Captura de ecrã do programa Recap



029 Captura de ecrã do programa AutoCAD

Após o levantamento fotográfico, as imagens adquiridas são colocadas num programa de projeção 3D, neste caso o Recap, onde a imagem passa a uma nuvem de pontos exata do objeto e da envolvente próxima, num modelo 3D digital em nuvem de pontos, que permite fazer medições exatas, cortes pelo terreno e obter alçados realistas dos vários edifícios.

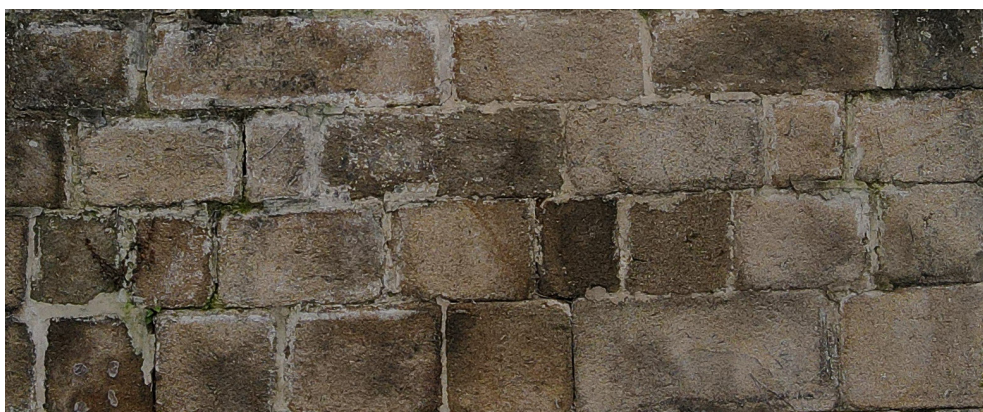
Este método resultou em desenhos operativos e esclarecedores (Fig.36), úteis para a caracterização do edifício e percepção do estado em que o mesmo se encontra, o que consecutivamente permitiu identificar os tratamentos que serão necessários para a sua reconstrução, tema esse que se desenvolverá, na parte III desta dissertação.

A geometria do objeto aumenta o grau de dificuldade do desenho, na medida em que as formas irregulares da sua morfologia são produto da degradação parcial da Ermida.

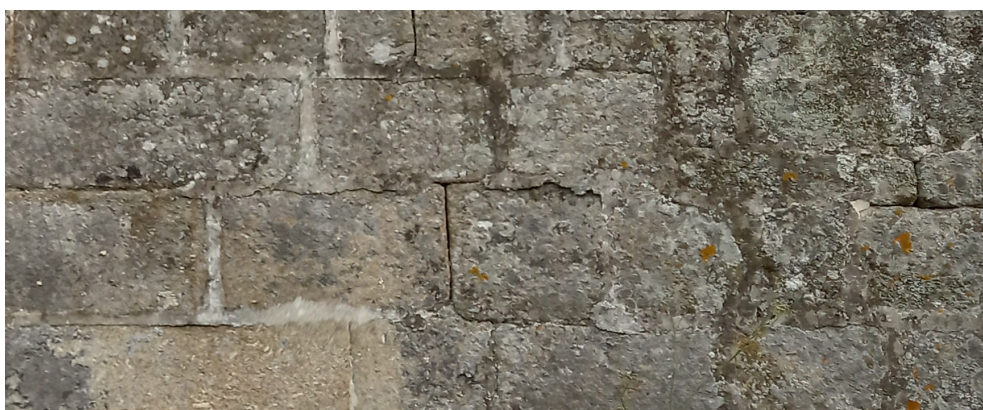
Os desenhos dos alçados e cortes são realizados a partir de perfis pelo terreno no Recap, que capta automaticamente a linha de corte, e torna possível exportar secções rigorosas que aproximam o desenho da realidade.

Nas fotografias é possível verificar as diferenças na construção dos aparelhos de pedra, nos vários volumes da igreja, consequência de terem sido construídos em épocas distintas.

Esta base de trabalho de levantamento com abordagem ao edifício, feita através de um processo multidisciplinar no que refere às técnicas usadas na fotogrametria, permitiu a criação de documentação gráfica essencial para a fase de projeto. O reconhecimento do edifício passa assim, por várias fases: o esboço, a fotografia, o modelo tridimensional, a representação bidimensional e o diagnóstico, desenvolvido no capítulo a seguir.



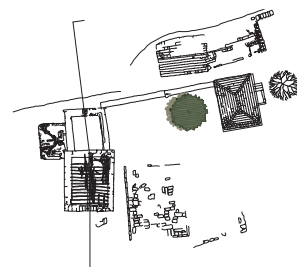
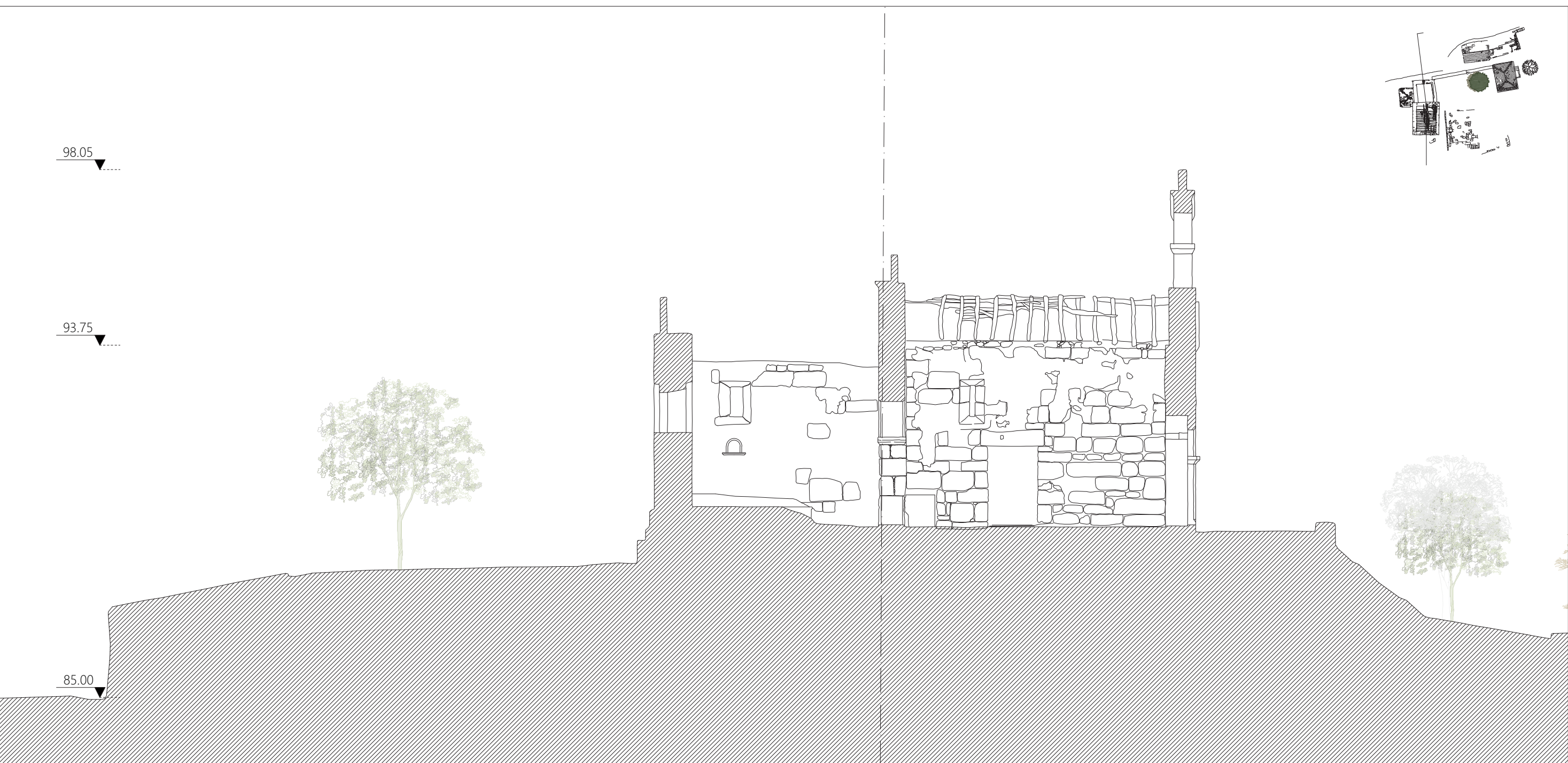
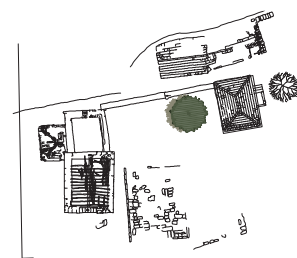
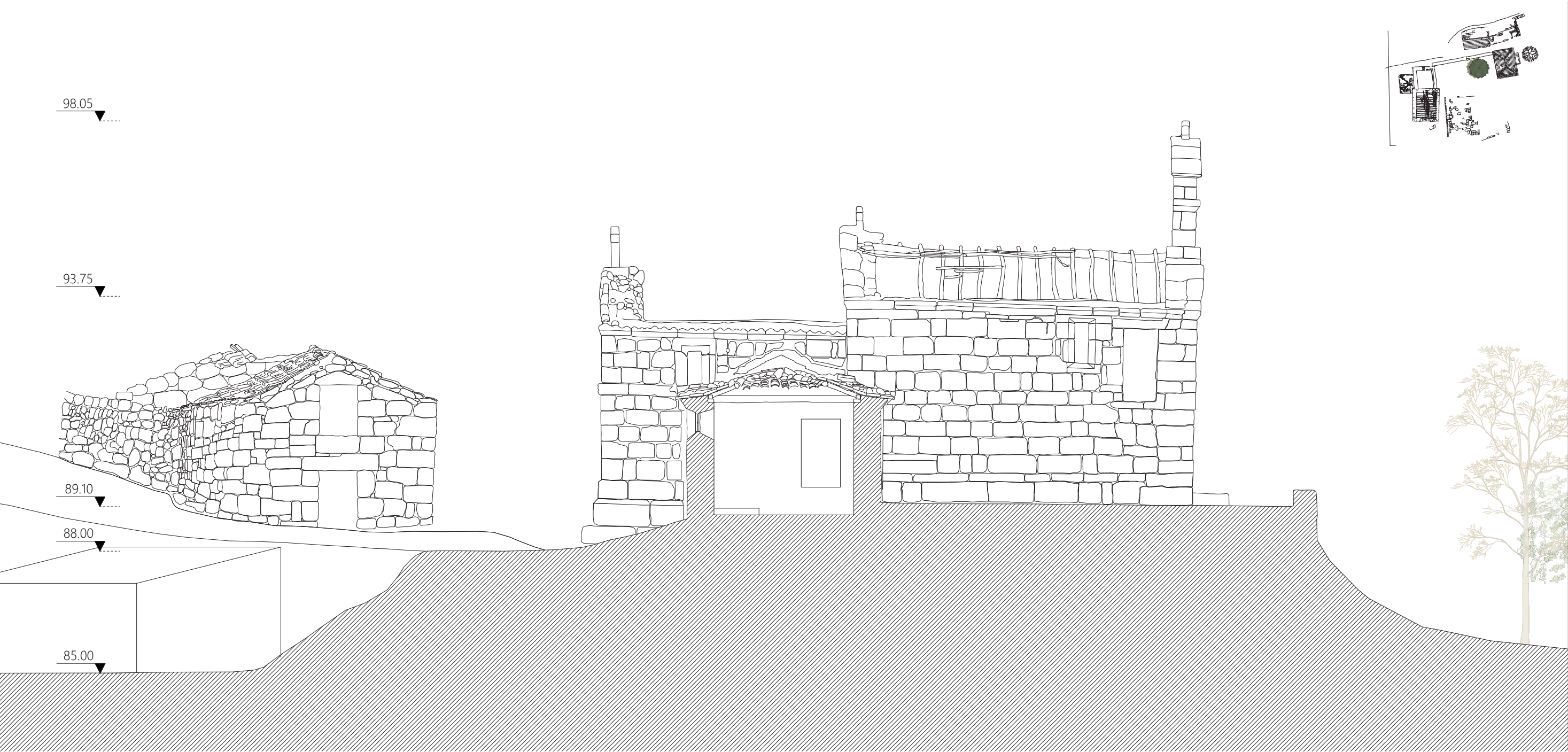
030 *Aparelho de pedra da capela-mor da Igreja*
Fotografia da autora, 2023

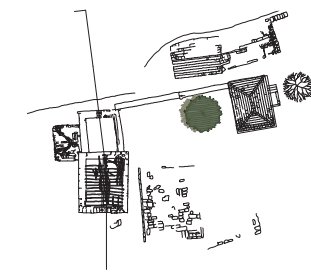


031 *Aparelho de pedra da nave da Igreja*
Fotografia da autora, 2023



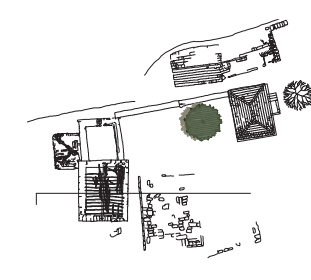
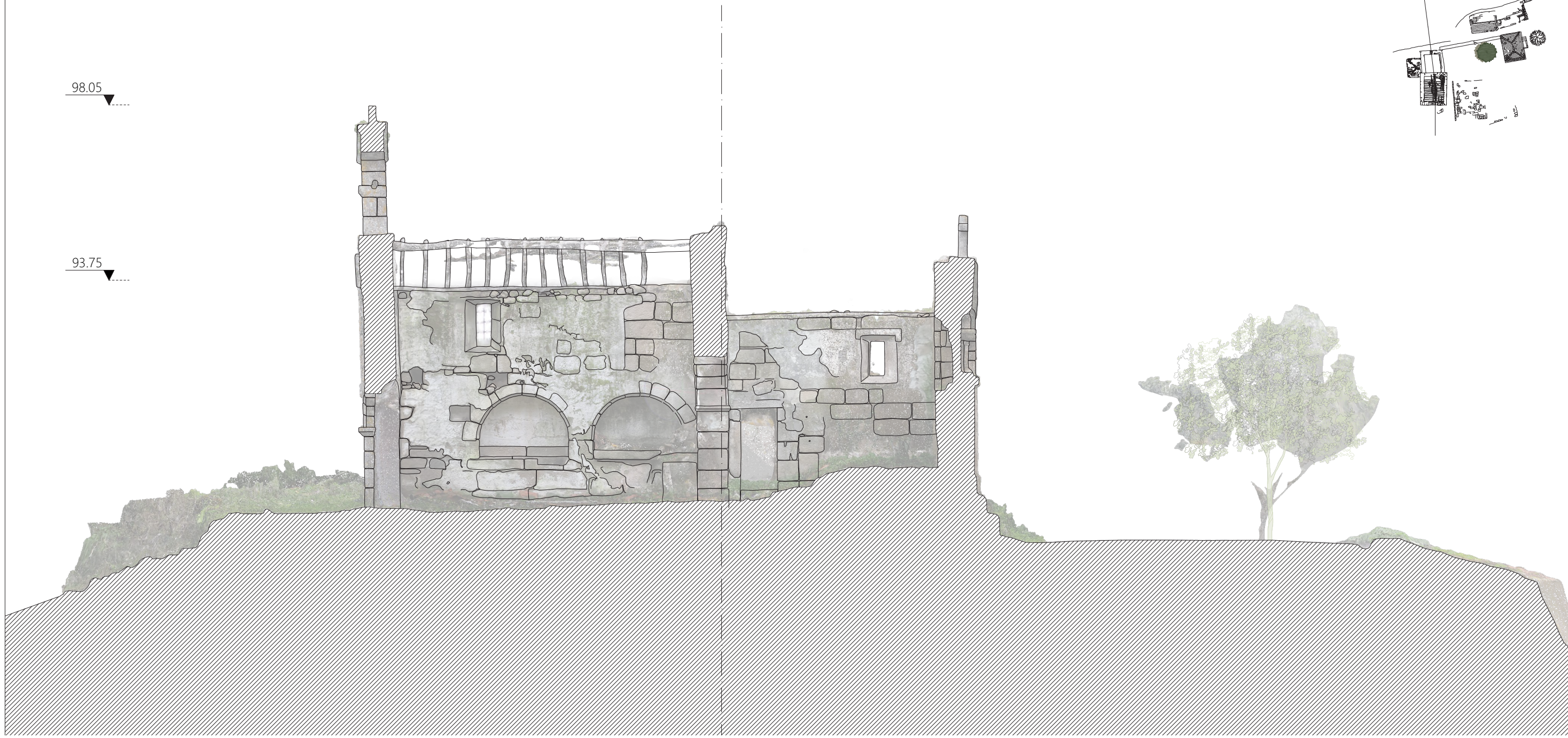
032 *Aparelho de pedra da sacristia da Igreja*
Fotografia da autora, 2023





98.05

93.75



98.05

93.75

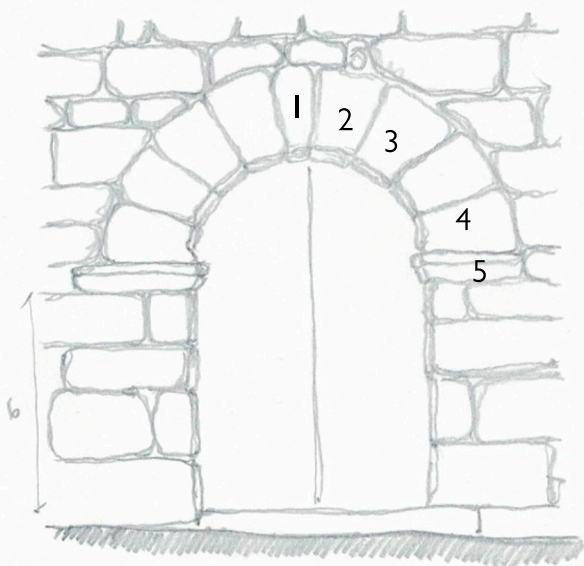


CONSTRUTIVO E MATERIAL

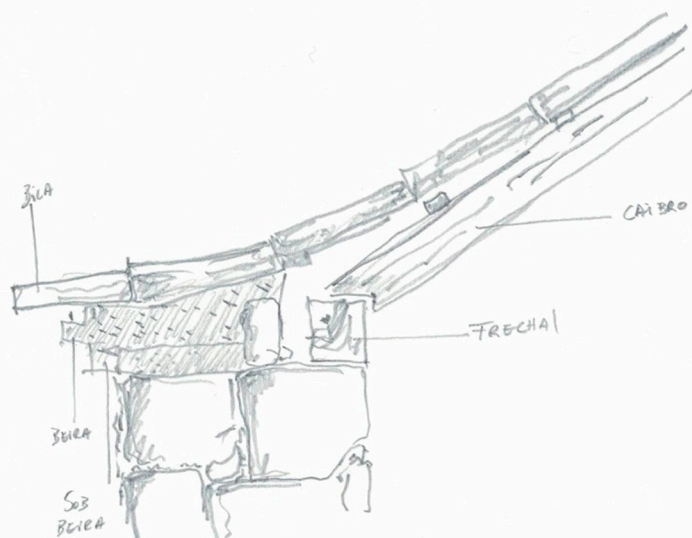
Este templo cristão do período românico é bastante austero e resistente, com paredes espessas, poucas aberturas e pouca iluminação natural (Basto, 2007). As paredes da Igreja de São Pedro da Ermida são construídas em alvenaria de granito com três paramentos, os dois exteriores em blocos de face à vista trabalhada e o miolo é preenchido com pedra miúda e saibro, sendo que é possível verificar a existência de perpianhos ao longo das fachadas.

No exterior da Ermida é visível a construção robusta em granito, própria das construções do românico, com cobertura em telha tradicional curva, tendo partes adicionadas posteriormente com telhas planas industriais, as quais são encontradas caídas no chão. As portas, não sendo as originais da Ermida, são de madeira e chapa metálica, próprias de construções de apoio agrícola. As coberturas são diferenciadas, sendo o telhado de duas águas na nave e na capela-mor e de três águas na sacristia. A estrutura da cobertura era em madeira, realizada no sistema construtivo tradicional, com varas apoiadas na cumeeira e no frechal, sobre as paredes exteriores.

A entrada principal é demarcada por um portal tardio, mais próximo do gótico, que apesar de ser de volta perfeita assenta sobre as impostas, sem qualquer elemento decorativo. Sobre o portal existe a empena marcada por um campanário sem sino, que quebra o ritmo das duas águas (Silva, s/d). Ambas as fachadas, tanto da nave como da capela-mor e na interseção dos dois volumes, possuem cruzeiros no topo. A construção em granito, apresenta diferentes tipos de remates, tanto na nave como na capela-mor. (Silva, s/d)



1. fecho
2. contrafecho
3. aduela
4. saimel
5. imposta



paramento único



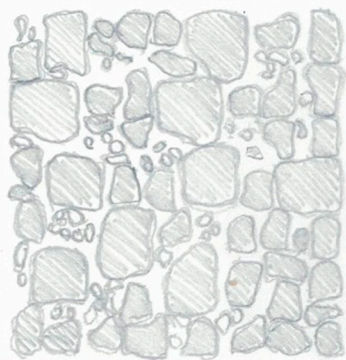
paramento duplo
sem ligação



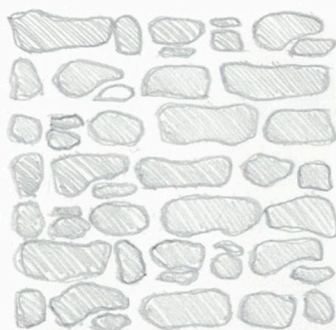
paramento duplo
com ligação



paramento triplo



junta irregular



junta irregular
alinhada



junta regular
alinhada

No interior, a capela é rebocada e caiada a branco, mas devido ao mau estado do mesmo, é predominantemente revelada a cantaria de granito, como acontece no exterior. Encontram-se também fragmentos do teto, já quase inexistente, em madeira pintada de azul. Tanto a nave como a sacristia e parte da capela-mor têm o seu pavimento removido e apresentam-se em terra batida. Na capela existe ainda a zona do altar, num patamar mais alto, que ainda persiste. (Basto, 2007)

A capela, apesar de ser pouco ornamentada, tem elementos característicos do românico, como a janela, uma simples fresta na parede, ladeada por duas colunas, com capitéis decorados de uma forma rude e aparentemente zoomórfica, tanto no exterior como no interior. Apresenta também um friso, decorado com formas geométricas, no exterior da capela-mor, o qual é em parte coberto pelo acrescento da sacristia. (Domingos, s/d)

A capela apresenta ainda pequenos nichos que seriam dedicados a altares laterais ao altar principal. O arco triunfal de volta perfeita sobre imposta possui dois altares em granito nas laterais. Um pequeno degrau faz a distinção do pavimento da capela-mor com uma sepultura ao centro, agora inexistente, terá sido retirado provavelmente na mesma altura que foi retirado o pavimento. O altar principal é mais alto, diferença vencida por degraus para criar um palco.



A presença de túmulos é encontrada na parede norte do interior da nave onde estão inscritos dois arcossólios e no pavimento da capela-mor. Ambos os túmulos foram profanados, já não se verificando a existência dos restos mortais.

A parede dos túmulos é a mais espessa para os conseguir abrigar, com 87 cm de espessura. A parede sul da capela-mor tem 75 cm de espessura e terá sido desmontada e remontada, tornando a estrutura suscetível aos movimentos das fundações que apresenta atualmente.

A sacristia, uma construção mais recente, dá acesso à capela-mor através de uma abertura reta e sem ornamentos, que vence um desnível significativo entre as duas partes. Há também acesso ao exterior por uma porta de verga reta localizada na fachada poente, e na fachada nascente, existe uma janela pequena, quadrada e gradeada, também esta sem qualquer tipo de ornamentos.

No interior da nave, no canto lateral ao portal da entrada principal, encontra-se uma plataforma quadrada em granito, um dos poucos sítios onde ainda existe pavimento, local anteriormente destinado à pia batismal.

As características mais relevantes da arquitetura do românico neste edifício são maioritariamente encontradas no exterior e na parede fundeira da abside com a fresta decorada, semelhante à do Mosteiro de Santa Maria de Cárquere, nomeadamente no Panteão dos Resende. Apesar da sua negligência, a capela preserva elementos característicos de interesse que a fazem digna de se enquadrar na Rota do Românico.



036 Arcossólios na parede norte da nave da Igreja
Fotografia da autora, 2023



037 Fresta da Igreja de São Pedro da Ermida
Fotografia da autora, 2023



038 Fresta do Mosteiro de Santa Maria do Cárquere
© Rota do Românico, s.d.

A transição entre a nave e a capela-mor é feita através de um arco triunfal com poucos vestígios de pintura mural, bastante degradados, sem se entenderem formas, apenas algumas manchas de cores:

“Este edifício encontra-se em ruínas, estando a capela-mor destelhada. No arco triunfal são visíveis pequenas porções de pintura mural que julgamos serem do século XVI. Teremos de esperar pelo restauro desta Igreja para saber o que se esconde debaixo das extensas caiações que ainda subsistem.” (Bessa, 2012, p.44)

Todo o interior da Ermida tem vestígios de paredes caiadas, na sua maioria já nem tem qualquer revestimento, sendo apenas visível a pedra estrutural da parede, em granito aparente, tal como no exterior. Ainda assim, no arco triunfal parecem ter resistido restos de pintura mural, apesar de não se conseguirem entender bem as formas:

“Há apenas uma camada de reboco (e não duas, uma primeira, na qual se desenvolvia o trabalho preparatório, e uma segunda sobre a qual se realizava a pintura sobre o reboco que permaneceria fresco, por secar, durante um dia) Os estudos técnicos até agora efetuados relativamente a pinturas murais no Norte do país parecem indicar que, nos séculos XV e XVI, era vulgar uma parte da pintura ser realizada sobre o reboco fresco (pintura “a fresco”), reboco esse que, ao secar, fixava a pintura (o que lhe dá um grande potencial de durabilidade); parece ter sido também frequente que muitos acabamentos fossem já realizados depois do reboco (com pintura) secar, ou seja, muitos acabamentos teriam sido feitos “a seco” (mais vulneráveis aos desgastes ao longo do tempo, porque não ficaram “incorporados” no reboco), sendo a técnica de feitura destas pinturas uma técnica mista, “a fresco” e “a seco”. (Bessa, 2012, p.14)



ESTUDOS MORFOLÓGICOS

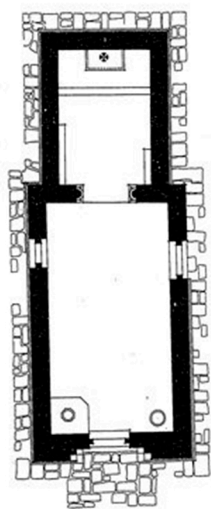
Aquando da primeira visita ao local, entendeu-se logo que as construções ao lado da Ermida seriam parte de um conjunto que se encerra a nascente e se propicia como uma promenade para a paisagem.

De modo a realizar um estudo monográfico, foi feita a comparação da planta da Ermida do Douro com outras plantas de igrejas românicas. A Ermida de São Pedro do Douro é composta por uma única nave, com cabeira, mais baixa e estreita que a nave, uma capela-mor e uma sacristia, poucos elementos decorativos e o teto, atualmente inexistente na sua maioria, era em madeira com acabamento pintado azul. Segundo o livro *Arte Portuguesa. História Essencial de Paulo Pereira* (2011) as igrejas românicas podem ser de dois tipos:

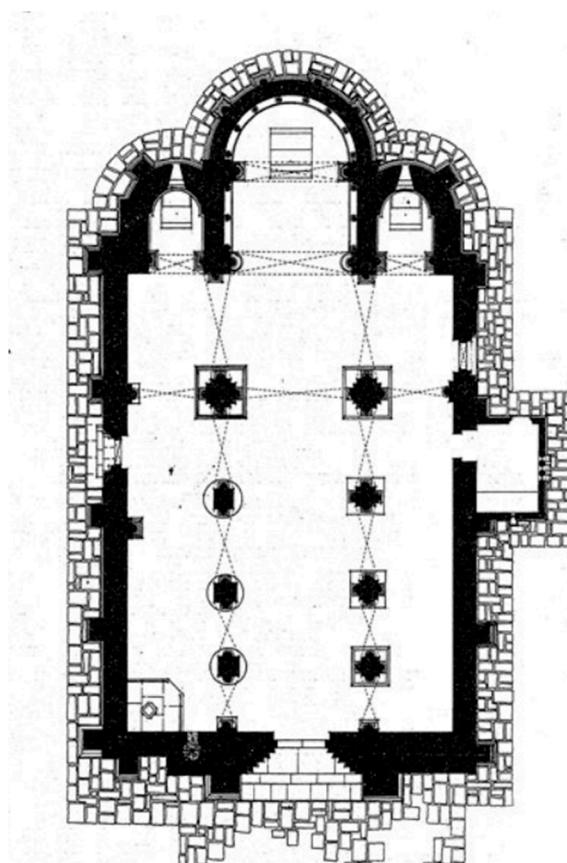
“1. Igrejas de uma nave e cabeceira simples (pequenos mosteiros, ou de função paroquial), com nave única coberta por telhado suportado por travejamento de madeira e com cabeceira composta por uma única capela (capela-mor / sanctuarium), de planta retangular ou hemicircular, com cobertura abobadada (os exemplos abundam, mas são típicas as igrejas de São Cláudio de Nogueira ou de Sanfins de Friestas).

2. Igrejas de três naves, de maior porte que as demais, geralmente dotadas de um transepto denunciado pelo exterior ou absorvido na volumetria geral do templo, cobertas por telhados assente em travejamento de madeira, com a cabeceira apresentando três capelas, uma delas saliente e mais alta – o sanctuarium – e as restantes mais baixas, de planta hemicircular ou retangular e cobertura em abóbada de pedra. Este núcleo de igrejas merece a designação de «românico beneditino» apesar de não ser exclusivo dos estabelecimentos desta ordem, mas antes por ter sido um modelo precocemente experimentado pelos monges de São Bento, e adotado quase unicamente (exemplos eloquentes deste tipo são as Igrejas monásticas de Rates, Travanca, Paços de Sousa ou Salzedas I).” (Pereira, 2011, p.250)

Deste modo, entende-se que a Ermida é incluída no grupo de plantas de apenas uma nave e cabeceira simples. Apresentam-se como exemplo duas das igrejas referidas na citação de Paulo Pereira, para ilustrar o românico chamado de rural típico português, com apenas uma nave a Igreja de São Cláudio de Nogueira e de 3 naves a Igreja de São Pedro de Rates.



Igreja de São Cláudio de Nogueira



Igreja de São Pedro de Rates

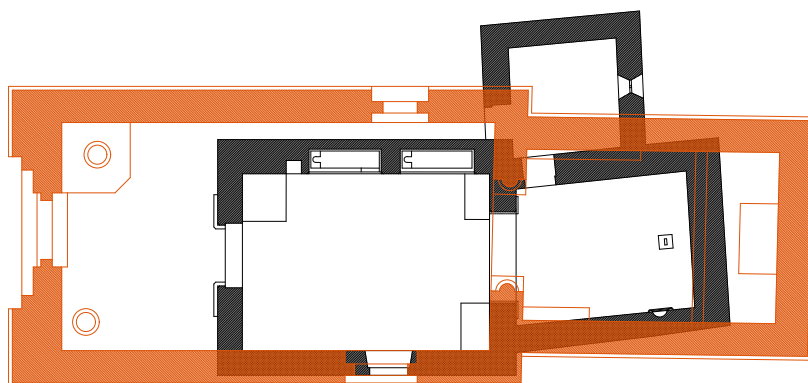


Um outro método de investigação utilizado foi a análise de outras igrejas, enquanto método comparativo para captar semelhanças e contradições da Ermida. Assim, são apresentadas algumas igrejas análogas, como a Igreja de São Cláudio de Nogueira, a Igreja de São Mamede de Vila Verde e a Igreja de São Gens de Boelhe, as quais apresentam aspetos próximos, nomeadamente a mesma simplicidade da planta e até as dimensões como pode ser comparado nas sobreposições.

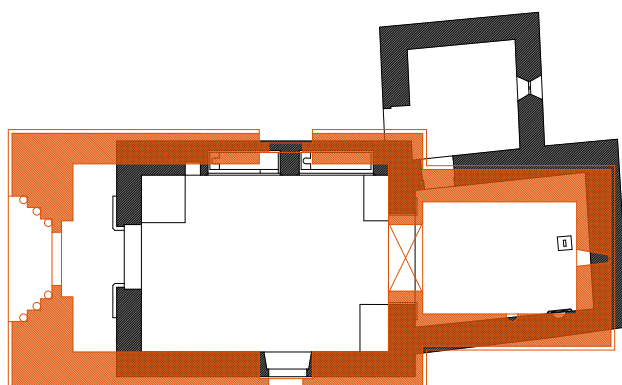
Esta tipologia é comum ao românico português, pela sua simplicidade construtiva, o que justifica a proximidade dos exemplares apresentados. Em São Pedro da Ermida a maior divergência está na ligeira rotação da sua cabeceira face à nave, o que poderá ser justificado por condições topográficas ou pelo desfasamento entre fases de construção.

“ Em Portugal, reflexo da simplicidade e da limitação dos programas da arquitectura religiosa, dentre uma centena de igrejas românicas, mais de 80% delas têm cabeceira com uma única abside e esta é quadrangular em mais de 85% dos casos com solução de abside única. O modelo de capela-mor quadrangular, o mais simples, tem longa tradição pré-românica que, então, não se esqueceu.” (Almeida, 2001, 77)

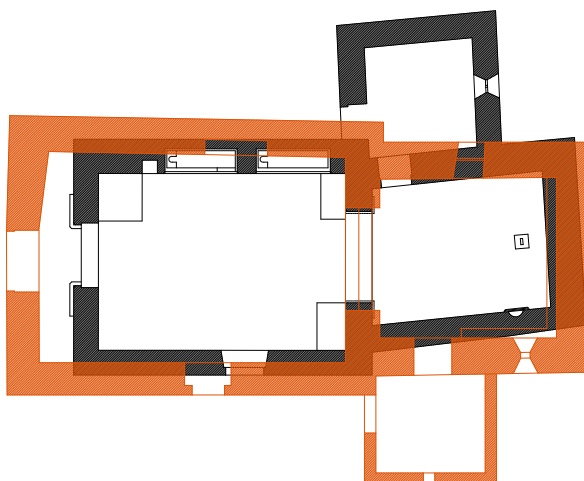
A igreja de São Pedro da Ermida do Douro “(...) deve ser entendida dentro da família das igrejas classificadas como românico de resistência. Apesar da simplicidade da sua fábrica, destaca-se a fresta da parede fundeira da abside, cuidadosamente decorada no exterior e no interior” (Rota do Românico, 2024a). Enquadra-se ainda, na categoria do chamado “românico popular”, que surge por parte da comunidade pela necessidade de prestar culto em contexto rural mesmo com limitações financeiras, entre outras.



Igreja de São Cláudio de Nogueira (laranja) e Igreja de São Pedro da Ermida (preto)



Igreja de São Mamede de Vila Verde (laranja) e Igreja de São Pedro da Ermida (preto)



Igreja de São Gens de Boelhe (laranja) e Igreja de São Pedro da Ermida (preto)





III

DIAGNÓSTICO

Utilizando os desenhos das fachadas realizados na parte II do Levantamento como um processo contínuo de pesquisa e análise do objeto de estudo, pretendeu-se identificar e entender quais as causas das anomalias presentes no edifício, sendo estas essencialmente devido à falta de manutenção e uso inadequado do espaço. A Ermida encontra-se atualmente em avançado estado de degradação, tanto no exterior como no interior.

O interior encontra-se totalmente exposto pelo colapso total do telhado, do qual apenas restam algumas vigas e barrotes do que seria a estrutura de suporte do telhado, o que fez com que o interior ficasse exposto às intempéries, sem qualquer proteção fazendo com que a cal caia e deixe a descoberto os poucos vestígios de frescos outrora escondidos e os apaguem por completo.

Uma das possíveis causas de danificação no telhado terá sido a deterioração das vigas de madeira que o suportavam, seja por fungos ou insetos. A primeira parte do telhado a cair foi na capela-mor, talvez por também ter sido a primeira a ser construída, de seguida foi o teto da nave, a segunda parte da Ermida a ser construída. A sacristia, e última parte da igreja a ser construída, também já se encontrava em avançado estado de degradação, levando ao seu colapso durante este verão. Denotam-se as repercussões claras do tempo na durabilidade dos materiais que compõem a igreja, quando estes não têm nenhuma espécie de manutenção.

Para proceder ao diagnóstico das anomalias da Ermida foi usado como ferramenta de identificação e caracterização o Glossário ICOMOS feito pela ISCS. Este constitui uma base importante para a discussão sobre fenómenos e processos de deterioração. O glossário serve como ferramenta de standardização do estado de conservação de monumentos maioritariamente construídos em pedra (Vergès-Belmin, 2008).

A tabela teve por base a classificação ICOMOS, que serviu para o desenvolvimento desta terceira parte, facilitando no processo de interpretação dos agentes que afetam as pedras da Ermida. Esta tabela é desenvolvida por cores para melhor perceção dos campos onde cada anomalia pertence e uma associação mais rápida entre os vários agentes.

FENDA E DEFORMAÇÃO	DESTACAMENTO EM ÁREA	DEFORMAÇÃO DEVIDA À PERDA DE MATERIAL	ALTERAÇÃO CROMÁTICA E DEPOSITO	COLONIZAÇÃO BIOLÓGICA
Fenda	Bolha	Alveolização	Crosta	Colonização Biológica
Fratura	Estalado	Escavado	Crosta Negra	Alga
Fenda em estrela	Delaminação	Erosão	Crosta de Sal	Líquenes
Fissura	Esfoliação	Erosão Diferencial	Depósito	Musgo
Craquelê	Desagregação	Perda	Alteração Cromática	Bolor
Divisão	Esboroamento	Arredondamento/ Boleamento	Coloração	Plantas
Deformação	Granular	Aumento da rugosidade	Descoloração	
	Fragmentação	Danos de origem Mecânica	Mancha de Humidade	
	Esquirolas	Dano de impacte	Mancha	
	Lascagem	Incisão	Eflorescência	
	Destacamento Pelicular	Risca	Incrustação	
	Destacamento em Espessura	Abrasão	Concreção	
	Descamação	Apicoado/Picado	Filme	
	Desplacamento	Microcarsificação	Aspeto Brilhante	
	Contomante	Lacuna	Graffiti	
		Falta	Pátina	
		Perfuração	Filmes Negros	
		Pitting	Pátina de oxalatos	
			Sujidade	
			Subflorescência	

042 Tabela dos termos gerais do glossário das formas de deterioração da pedra (Vergès-Belmin, 2008)
Montagem da autora, 2024

Numa primeira análise identificaram-se maioritariamente agentes de colonização biológica, que geralmente ocorrem devido ao alto teor de humidade, à pouca exposição solar e à falta de tratamento. Nos alçados da Ermida é possível observar diferentes patologias, consoante a exposição da fachada ao sol e à humidade.

No alçado norte são mais visíveis plantas, musgos, líquenes de cor mais branca e muitas manchas de humidade, enquanto no alçado sul não existem plantas, as manchas de humidade são reduzidas e os líquenes são de cor amarela. As germinações de plantas nas pedras da Ermida surgem também pela humidade e pela ação de aves na zona. No interior o que mais se detetou foi o descasque do reboco e consequente aparecimento da pedra de granito.

A estrutura da capela apresenta graves fissuras e paredes completas inclinadas, possivelmente pela falta de suporte do telhado e pelos movimentos das fundações e/ou do terreno. A parede poente da nave encontra-se inclinada para o exterior, assim como a parede sul, podendo estas inclinações e movimentações das paredes serem as causas das fissuras. Na capela-mor existe uma grande fissura, no canto esquerdo da parede nascente. As principais fissuras estão presentes na nave, especialmente no canto nordeste, estas são perceptíveis pelo exterior, mas a sua expressão é ainda mais notória no interior. Identifica-se em todas as fachadas o destacamento das juntas, que conduz para a desagregação e que contribui para a cedência das paredes.

Para uma futura reabilitação do edifício seria necessária a avaliação do terreno e das suas fundações, de modo a perceber até que ponto essas paredes inclinadas estarão em risco de cair e como podem ser corrigidas.

Entende-se que o diagnóstico é a primeira fase do processo de reabilitação, o que demonstra a importância de identificar e classificar as anomalias e alterações, para se conhecer os cuidados a ter na sua reabilitação e posterior manutenção. É relevante salientar que este diagnóstico é realizado por base numa inspeção visual a olho nu.



043 Fenda na interseção da parede nascente e sul da capela
Fotografia da autora, 2024



044 Fenda na interseção do arco com a parede sul da nave
Fotografia da autora, 2024

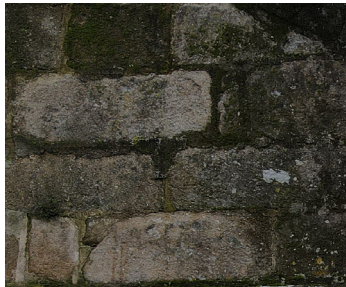
Na tabela são apresentadas as anomalias identificadas nos alçados da Ermida e as respetivas definições segundo o ICOMOS (Vergès-Belmin, 2008). De seguida, é apresentada a ficha de diagnóstico, numa estrutura de tabela semelhante à referida anteriormente do ICOMOS. Esta ficha é constituída por imagens de múltiplos pontos das fachadas da Ermida, onde é possível identificar as patologias encontradas, quais as possíveis causas e ainda, como pode ser feito, de forma generalizada, o tratamento necessário à sua reabilitação.

Nem sempre é possível determinar a causa exata das anomalias, por isso são referidas algumas das causas possíveis. Os maiores agentes de deterioração dos edifícios são a água, o gelo, os sais, as variações de temperatura, a poluição atmosférica e a biodeterioração.

Grande parte da resolução passa por processos de limpeza, no caso das colonizações biológicas trata-se de uma limpeza com produtos próprios, e a remoção total usando ferramentas manuais. Após a limpeza é criada uma camada de proteção para prevenção. O destacamento e degradação das argamassas de ligação é solucionado com limpeza e tratamento de juntas. As fissuras são geralmente corrigidas pela estabilização da estrutura do edifício e/ou o reforço das fundações do edifício após a estabilização do solo.

	ANOMALIAS	POSSÍVEIS CAUSAS	RESOLUÇÃO
FENDA E DEFORMAÇÃO	Fenda	Superfície de rotura, claramente visível, que podem resultar na separação das pedras em partes. Este efeito é acentuado pelo desgaste natural da pedra.	
	Fissura	Fissura: fenda inferior a 0,1mm de espessura.	
DESTACAMENTO EM ÁREA	Desagregação	Destacamento. Pode ser superficial ou em profundidade. Geralmente ocorre em pedras granulares sedimentares e cristalinas.	
FORMA DE VIDAS À PERDA DE MATERIAL	Lacuna	Onde se identifica a falta de algum elemento posterior.	
	Falta	Espaço vazio, buraco	
ALTERAÇÃO CROMÁTICA E DEPOSITO	Alteração Cromática: Mancha de Humidade	Mudanças cromáticas podem ser a nível de tom, luminosidade e saturação. A pedra pode ser afetada em superfície ou em profundidade. Podendo demonstrar diferentes colorações ou descoloração, manchas de humidade e outras.	
COLONIZAÇÃO BIOLÓGICA	Colonização Biológica	Colonização da pedra por plantas e microrganismos como bactérias, cianobactérias, algas, fungos e líquenes. Inclui também influências, de animais que fazem o ninho sobre ou dentro da pedra.	
	Algas	Organismos vegetais sem caule nem folhas, que podem observar-se no exterior e no interior.	
	Líquenes	Organismos vegetais, geralmente arredondadas, milimétricas a centimétricas, crustáceas, que se desenvolve usualmente nas zonas exteriores do edifício.	
	Musgo	Organismo vegetal que forma uma massa acolchoada verdes e suaves, de dimensões centimétricas.	
	Plantas	Ser vivo que apresenta, raízes, caule e folhas.	

Após estes tratamentos deve-se introduzir camadas superficiais de proteção hidrófugas.

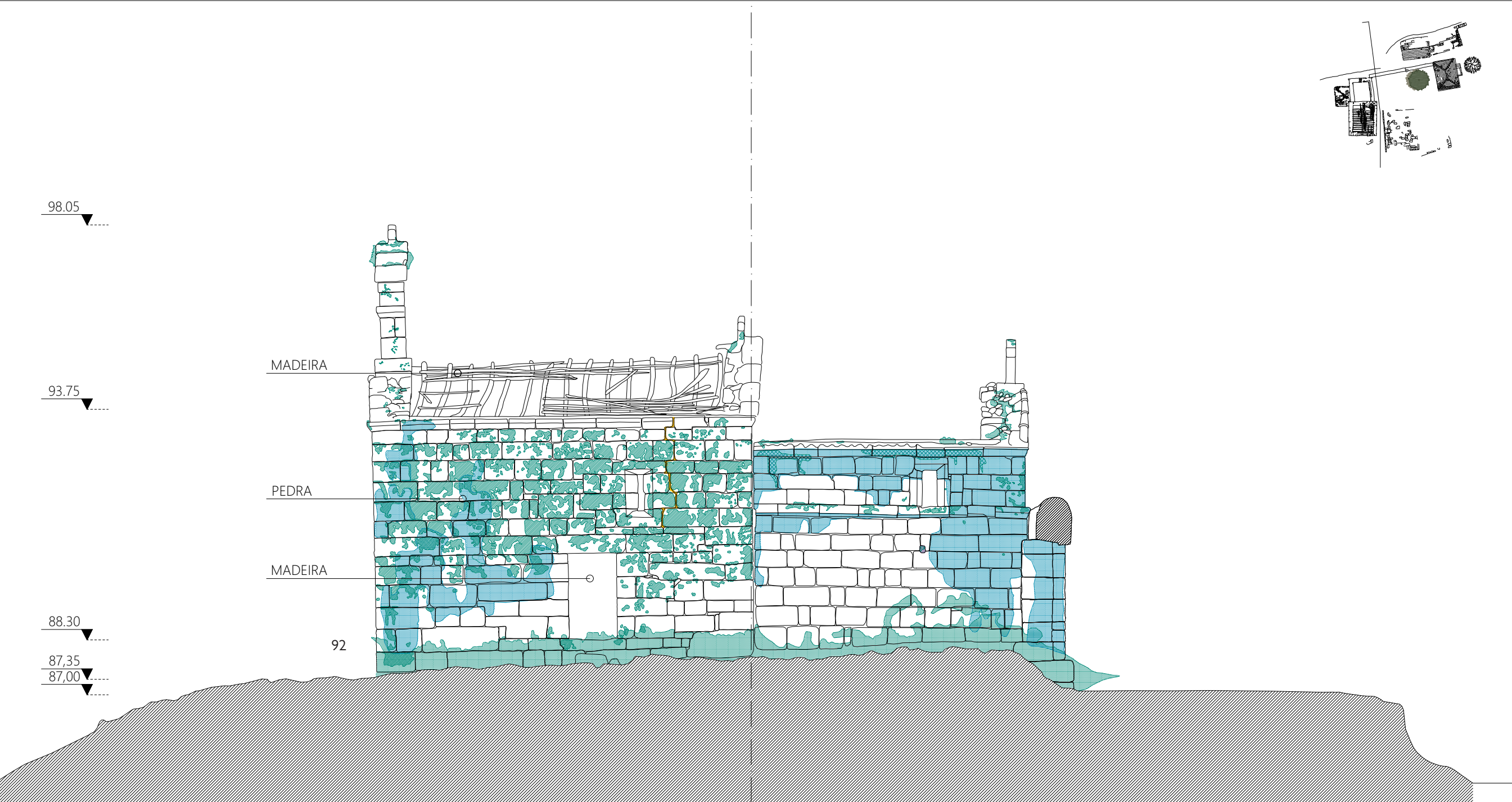
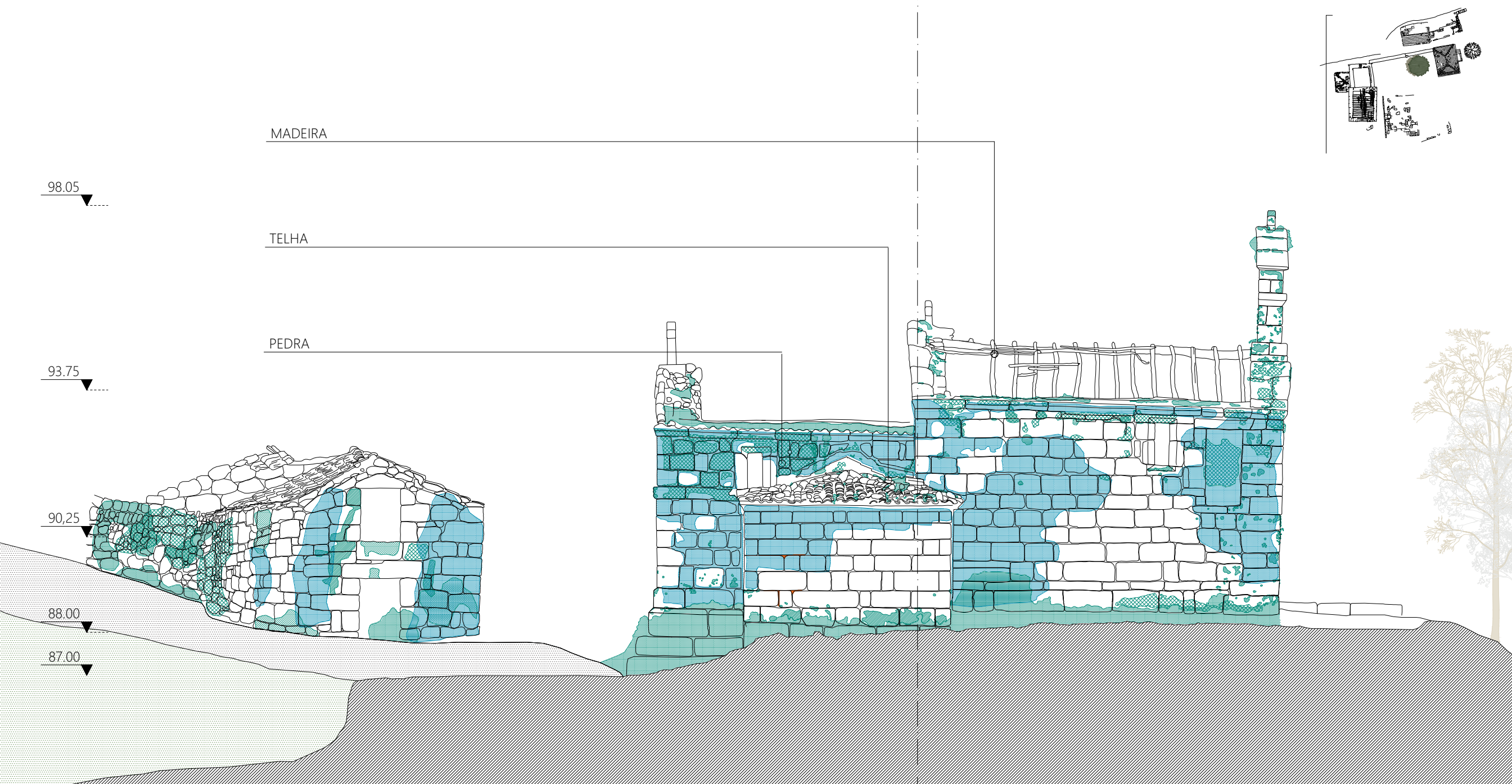


	ANOMALIAS	POSSÍVEIS CAUSAS	RESOLUÇÃO
FENDA E DEFORMAÇÃO	Fenda	Movimentos das fundações; Erosão do terreno; Variações de temperatura; Ação da água; Carência de asnas de cobertura.	Estabilização do edifício; Reenchimento das fissuras.
DESTACAMENTO EM ÁREA	Desagregação	Ação da água da chuva.	Remoção de elementos não funcionais; Limpeza; Enchimento.
FORMA DE VIDAS À PERDA DE MATERIAL	Falta	Choque; Acidente; Vandalismo.	Substituição do elemento em causa; Assumir a ausência, caso não implique riscos estruturais.
ALTERAÇÃO CROMÁTICA E DEPOSITO	Mancha de Humidade	Sais; Corrosão de metais; Microrganismos; Exposição ao fogo.	Limpeza com pastas de argila dissolventes ou com pastas gelatinas dissolventes.

046 Tabela de formas de deterioração/anomalias identificadas na igreja
Montagem da autora, 2024

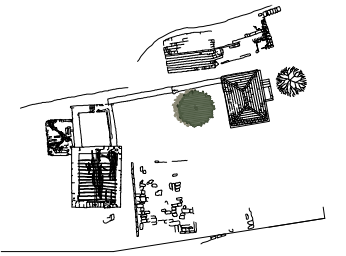
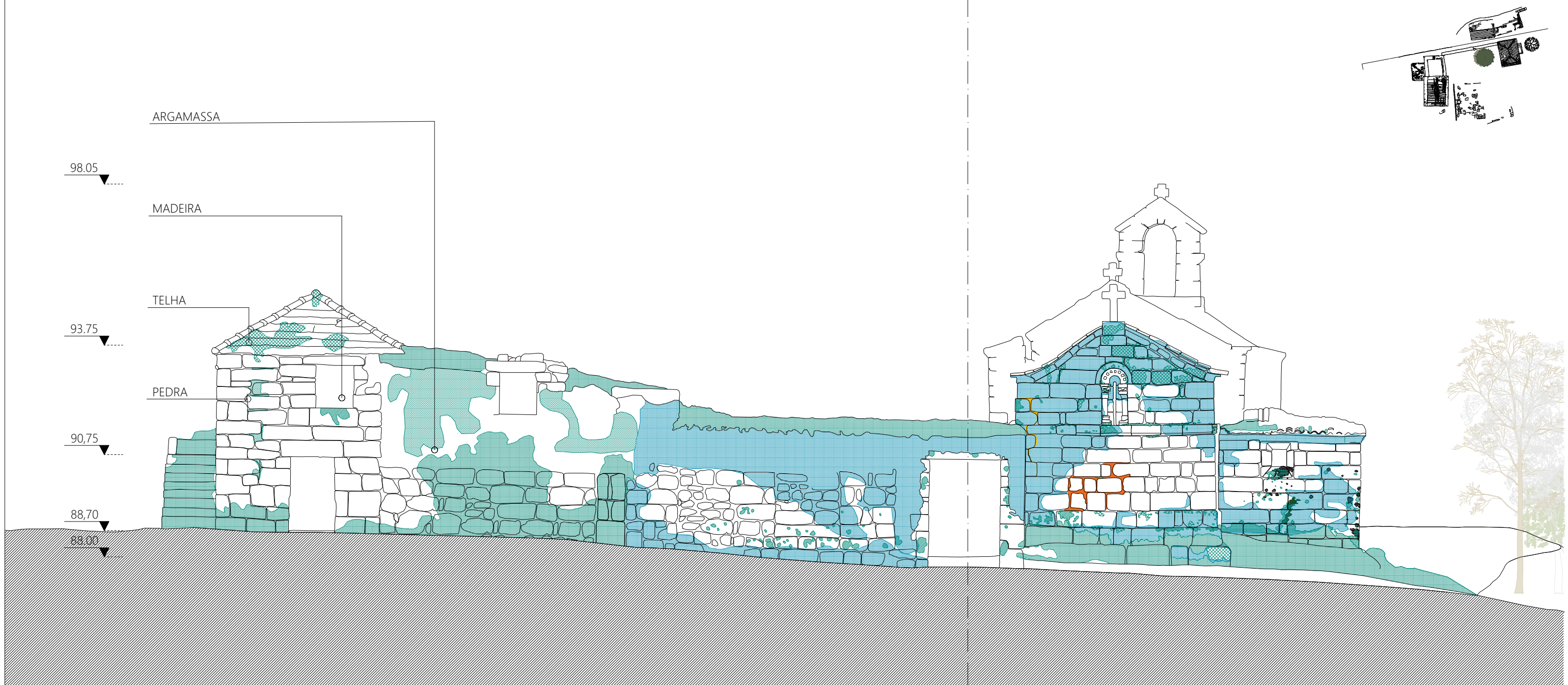
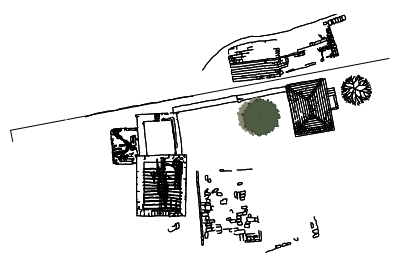
	ANOMALIAS	POSSÍVEIS CAUSAS	RESOLUÇÃO
  	COLONIZAÇÃO BIOLÓGICA		
	Algas	Retenção de água; Acumulação de detritos; Poluição atmosférica.	Pré-escovagem a seco com recurso a escovas macias e seguidamente limpeza com biocidas; Introdução de camadas de proteção.
	Líquenes		
	Musgo	Retenção de água; Acumulação de detritos; Poluição atmosférica.	Pré-escovagem a seco com recurso a escovas macias e seguidamente limpeza com biocidas; Limpeza com bióxidos e aplicação de herbicida próprio; Introdução de camadas de proteção.
	Plantas		

047 Tabela de formas de deterioração/anomalias identificadas na igreja
 Montagem da autora, 2024



LEGENDA:

- | | | |
|--------------|--------------------|----------|
| FENDA | FALTA | LÍQUENES |
| FISSURA | MANCHA DE HUMIDADE | MUSGO |
| DESAGREGAÇÃO | ALGAS | PLANTAS |



Na Ermida, as principais anomalias identificadas são de deslocamento, pela sua importância estrutural. Como é possível verificar nos desenhos, onde é possível verificar que a maioria das manchas de patologias encontradas são de origem biológica.

Após o diagnóstico é evidente a necessidade de intervir neste edifício com um processo de limpeza em todas as paredes, externas e internas, para reabilitar as paredes antigas e prolongar o seu tempo de vida. Este tratamento só pode ser realizado após uma fase de análise que garanta a eficácia da requalificação e ainda assim, respeite o valor estético e histórico do edifício.

Este procedimento passa por uma série de etapas tais como a revisão de todas as paredes e restantes elementos ornamentais existentes em granito; limpeza com picagem, jato de água de alta pressão e escova de aço; reparação e / ou substituição de elementos deteriorados, partidos, deslocados ou em mau estado de conservação; aplicação de novas peças em zonas de lacuna, no caso de estas serem estruturais; reparação e consolidação das juntas em geral; reparação e proteção da pedra, entre outros trabalhos preparatórios ao processo necessário de conservação dos materiais existentes.



049 *Lacunas no interior da nave da parede sul*
Fotografia da autora, 2023



050 *Indicação de uma porta na fachada norte da nave*
Fotografia da autora, 2023

Existe uma dificuldade em datar os acontecimentos relativos à Ermida, devido à ausência de documentos escritos que os comprovem. Sobre registos de alterações na Ermida enquanto igreja pouco mais foi encontrado do que o relato da seguinte citação:

“O templo medieval, dedicado a S. Pedro ad vincula, passou por profundas reparações nos meados do século XVII, conforme transparece das ordens bem definidas emanadas pelos visitantes. Em 1641: para se concluir a obra de madeiramento, mas de sorte a não pesar demasiadamente sobre o campanário; em 1645: ao juiz e procurador da igreja, para mandarem arrematar o entablamento; e ao pároco, para “evitar” dos actos litúrgicos os devedores da tinta do retábulo; em 1655: para se pintar o retábulo do altar-mor e, oito anos mais tarde, para o acrescentar no sentido das ilhargas, de modo a encher todo o muro; por sua parte, os mordomos do Senhor mandariam fazer o sacrário dentro de um ano; os de Nossa Senhora, o retábulo do seu altar, e os de Jesus concluiriam a pintura do seu, ordens estas ainda por cumprir em 1663. A antiga imagem do Menino, de pequeno formato, venerada no altar lateral do Santo Cristo, por se encontrar partida, foi mandada enterrar dentro do templo.” (Costa, 1984, p.377-378)

Devido à falta de utilização, a Ermida chegou a servir para abrigar animais, convertida em pocilga e manjedoura. A Ermida fora completamente vandalizada, com lapides partidas e o chão removido. (Arquivo Distrital de Viseu, 2012)

“A primeira vez que visitei a capela da Ermida, em meados dos anos 80, esta encontrava-se já há muito abandonada, transformada em palheiro, sendo a sacristia uma pocilga, onde habitava o respectivo inquilino.” (Pinto, 2008)

Uma análise aproximada do objeto permitiu a suposição de que tivesse existido uma espécie de coro alto na entrada da nave, o que justificaria as lacunas no interior nas paredes laterais da nave, que parecem ter resultado da extração das vigas do chão do coro. Esta suposição é ainda mais forte quando se nota um vão de uma porta que antigamente existiria na lateral norte da nave, agora tapado. Atualmente, com a ruína total do telhado, a Ermida encontra-se sem qualquer tipo de funcionamento, seja ele adequado ou não, e exposta às injúrias do tempo

IDENTIFICAÇÃO

Nome do edifício	Igreja de São Pedro da Ermida
Nome do local	Ermida de Oliveira do Douro
Freguesia	Oliveira do Douro (Cinfães)
Coordenadas	41° 05' 34" N, 8° 02' 20" W
Regime proprietário	Privado
Forma de ocupação	Devoluto

CARACTERIZAÇÃO

Estado de conservação	Avançado estado de degradação
Época de construção	Diversos períodos de construção
Tipo de alvenaria	Todo o edifício é feito de alvenaria com granito aparelhado regular
Paredes	Alvenaria de granito de três folhas, duas folhas exteriores com a face à vista trabalhada e a folha interior preenchida com pedra miúda e saibro
Pavimentos	Na capela-mor é revestido em pedra e na nave e sacristia em terra batida
Cobertura	Telha cerâmica de canudo apoiada em estrutura de madeira Teto agora inexistente era pintado de azul no interior
Número de águas	Duas na capela-mor e nave Três na sacristia
Portas	Em madeira
Área de construção	93 m ²
Perímetro	45 m
Elementos decorativos	Cornija; friso; cruzeiros; janela românica; campanário
Elementos de interesse	Pintura a fresco; altar; túmulos; arco de volta perfeita
Composição do edifício	Nave única, capela-mor e sacristia
Características da envolvente	Vegetação densa e solos agrícolas; pontuada com algumas habitações

OBSERVAÇÕES ESTRUTURAIS GRAVES

Em termos estruturais a igreja apresenta graves fendas, principalmente na parede sul que poderá estar em risco de cair. Outra fenda na capela-mor na parede a Este estando relacionada com a inclinação da parede sul da capela-mor e da nave que está cada vez mais afastada da parede do arco à medida que se inclina para o exterior.





IV

ESTRATÉGIA

O capítulo conclusivo da dissertação pretende lançar linhas orientadoras para uma possível intervenção na ermida. O cariz histórico e patrimonial imbuído num monumento religioso de origem românica implica uma aproximação cuidadosa e que respeite o seu passado. Para tal, tomou-se a iniciativa de consultar as bibliografias de autores firmados no tema da ruína e em teoria do restauro. Neste campo, destacam-se três grandes autores do século XIX: são eles John Ruskin (1819-1900), Viollet-le-Duc (1814-1879) e Camillo Boito (1836-1914).

ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL

Tendo como pano de fundo a intervenção na Igreja de São Pedro da Ermida, o primeiro autor que iremos aqui abordar é John Ruskin (1819-1900), um teórico e crítico de arte inglês, cuja visão sobre a ruína e o restauro era manifestamente conservadora. Para Ruskin, a produção arquitetônica deverá ambicionar uma relevância intemporal e servir como motivo de orgulho para as gerações descendentes (Ruskin, 1849, 233).

Do mesmo modo, esta visão duradoura que Ruskin manifesta sobre as obras do futuro, também emprega para a herança arquitetônica que recebemos. O significado da memória era basilar na teoria de Ruskin, que intitula um capítulo de “Lâmpada da Memória” no seu livro “Sete Lâmpadas da Architectura”. Isto porque, para o autor, a maior honra que uma obra arquitetônica pode obter é a sua permanência na memória de múltiplas gerações. Desta forma, o teste do tempo é o único que pode determinar a relevância arquitetônica.

Posto isto, acerca do restauro na ruína Ruskin afirma o seguinte:

“É impossível, tão impossível como ressuscitar os mortos, restaurar qualquer coisa que alguma vez tenha sido grande ou bela na arquitetura. Aquilo em que insisti acima como a vida do todo, aquele espírito que é dado apenas pela mão e pelo olho do trabalhador, nunca poderá ser recuperado” (Ruskin, 1849, 242).

Em Ruskin, uma obra é mais do que a sua formalização espacial e material. Existe um legado espiritual a respeitar, um entendimento de que o edificado é um memorial das gerações passadas para o futuro. Este pensamento repele qualquer intervenção na ruína, pois falsificará a mensagem do passado. A única alternativa permitida é a manutenção frequente do edificado, para que se evite a deterioração das suas partes. Se assim já não for possível, tal determina que a obra tenha chegado ao seu fim de vida e como tal deva de ser demolida:

“Aceitai-a como tal, derrubai o edifício, atirai as suas pedras para os cantos abandonados, fazei lastro delas, ou argamassa, se quiserdes; mas faze-lo honestamente, e não erguei uma mentira no seu lugar” (Ruskin, 1849, 244).

Por oposição retratamos Viollet-le-Duc (1814-1879). O arquiteto francês argumenta que o restauro vai além da manutenção ou restituição, mas em criar um estado completo do edificado que pode nunca ter existido até esse instante (Viollet-le-Duc, 1866, 29).

O restauro era, no início do século XIX, um tema novo à teoria arquitetônica corrente. Até então, as intervenções no preexistente deviam-se a exigências práticas e adaptações funcionais, sem o cariz de preservação cultural (Viollet-le-Duc, 1866, 15). Viollet-le-Duc foi neste aspeto um mestre pioneiro, ao coligar a sua sabedoria teórica com a demonstração prática do seu pensamento em sucessivas obras, entre as quais o restauro da Notre-Dame de Paris.

Para Viollet-le-Duc, “os princípios basilares do restauro estão nos conceitos de arquiteto primitivo e obra primitiva. São estes o autor e a obra originais, e que servem como guias fundamentais para a intervenção. Daqui, Viollet-le-Duc aconselha o arquiteto restaurador a “colocar-se no lugar do arquiteto primitivo e supor aquilo que ele faria se, voltando ao mundo, fossem a ele colocados os programas que nos são propostos.” (Viollet-le-Duc, 1866, 65).

Viollet-le-Duc defendia o equilíbrio entre a preservação da estética primitiva e a adaptação a novos métodos e soluções que melhorassem a qualidade global destes conjuntos. Esta metodologia é deveras complexa por se suportar em princípios e não em formulários. Daí que este autor adiante algumas diretrizes para a devida intervenção numa obra. Numa primeira instância, o arquiteto deverá realizar um levantamento exaustivo do conjunto, e acompanhar a obra próximo do estaleiro dando suporte com amplo conhecimento construtivo e técnico (Viollet-le-Duc, 1866, 49).

Só o olhar atento e experiente traz para a obra a capacidade crítica necessária para uma intervenção deste género. É um método no qual está pendente do arquiteto restaurador o discernimento metódico que assegure a balança entre o respeito pelo primitivo e a adaptação à contemporaneidade.

Camillo Boito (1836-1914) é o último autor a ser apresentado, arquiteto de origem italiana e que tomou uma posição intermediária entre John Ruskin e Viollet-le-Duc, contribuindo de forma pragmática para a teoria contemporânea da restauração. (Boitto, 1884, 9)

Boito era um seguidor das ideias de Viollet-le-Duc, até ele próprio tomar uma nova posição crítica do seu contemporâneo, por entender ser irrealista a reencarnação do arquiteto primitivo:

“Restaurar um edifício quer dizer reintegrá-lo em um estado completo, que pode não ter existido nunca em um dado tempo”. Como fazer? Colocamo-nos no lugar do arquiteto primitivo e adivinhamos aquilo que ele teria feito se os acontecimentos o tivessem permitido finalizar a construção. Essa teoria é cheia de perigos. Com ela não existe doutrina, não existe engenho que sejam capazes de nos salvar dos arbítrios: e o arbítrio é uma mentira, uma falsificação do antigo (...)” (Boitto, 1884, 58)

Como tal, Boito desenvolve a teoria do restauro filológico, onde delineia critérios específicos para as intervenções, com o intuito de destacar o valor documental da obra. São esses pontos a valorização do valor documental da obra; evitar ampliações, que se necessárias deveriam ser distinguíveis do original, sem destoar do conjunto; a reconstrução de partes deterioradas deveria ser de material distinto ou em formas simplificadas; as obras de restauro deverão limitar-se ao estritamente necessário para preservar o conjunto original; produzir um registo de todas as fases da obra; colocar uma lápide com a data e as obras realizadas no conjunto restaurado. (Boitto, 1884, 21-22)

Esta parametrização do restauro arquitetónico ainda atualmente serve como bússola orientadora. A intervenção numa ruína não começa com uma folha em branco, mas sim com um objeto cifrado, que tanto Viollet-le-Duc como Camillo Boito concordam que deverá ser rigorosamente estudado antes de tomar qualquer decisão. No entanto, Camillo Boito presta-nos mais alguns auxílios, ao sugerir um caminho que respeite a leitura histórica da ruína sem recurso a arbitrariedades dúbias. É por isso um autor virtuoso, capaz de tirar partido crítico das diferentes correntes da época e com isso elaborar um pensamento teórico que poderá mais facilmente ser transposto para a prática pelas gerações futuras.

É nestas três linhas de pensamento que se desdobram as correntes de restauro, dispondo de um largo espectro de ações possíveis. Cada corrente é igualmente legítima, não existindo aqui uma sobreposição da sua relevância face às restantes.

São teorias que nos elucidam sobre o conceito da verdade na arquitectura, e do papel do arquitecto. Em John Ruskin, a verdade é matérica, reside na patina, nas lacunas e defeitos da obra, que carregam um simbolismo intergeracional. Para ele o significado da obra é o mais importante a preservar, rejeitando qualquer intervenção sob o risco de esta cair num palimpsesto.

Viollet-le-Duc protege a verdade do tipo, significando que um arquitecto, desde que munido de um trabalho prévio estudioso, deverá ser capaz de entender a natureza primitiva da obra e eleva-la a uma condição superior, recorrendo a novos métodos e materiais que pudessem não existir à época mas que se existissem seriam a solução adotada.

Já em Boito a verdade da arquitectura está na sua legibilidade. O seu método é mais tratadístico do que os restantes, o que se exhibe nas suas intervenções. Uma obra é composta de estratos acumulados ao longo de anos, cada qual num material distinto para realçar o aspeto cronológico. Estes estratos introduzem uma ideia de reversibilidade, que é outro dos pontos importantes em Boito, ao permitir que uma obra regresse ao seu estágio prévio a qualquer intervenção pela fácil identificação das alterações efetuadas.

Do ponto de vista do papel do arquitecto, a crença religiosa toma uma tutela ética com Ruskin; em Viollet o arquitecto deverá possuir um conhecimento holístico do projeto, para que seja capaz de acrescentar à obra e não meramente reproduzir um pastiche; Boito tem a preocupação documental, é um mediador entre o passado e o futuro.

A comparação destes autores servirá como suporte de reflexão conceptual à estratégia de intervenção na igreja de São Pedro da Ermida. Interessa-nos consultar outras respostas aplicadas na Rota do Românico e daí propor linhas orientadoras para uma integração bem sucedida nos roteiros.

LINHAS ORIENTADORAS

O estado de abandono atual da ermida comprova a desconexão por parte da comunidade. A auscultação da mesma no âmbito da dissertação comprovou a sua preferência pelo uso da “igreja nova”, o que injustifica a reabilitação da igreja para o pouco uso expectável. Ainda assim, o binómio igreja/comunidade traça uma das fundamentais características das igrejas românicas, pelo que pretendemos reverter este processo e retornar a igreja à população de Oliveira do Douro, numa perspetiva de espaço convival e de aprendizagem.

Para tal, o objetivo parte da constituição de um centro interpretativo para a Ermida do Douro que ofereça apoio e instrução à visita do património cultural, religioso e popular de Oliveira do Douro de forma a valorizar e divulgar essa herança local. Em localidades pequenas, onde não existem meios suficientes para museus, estes equipamentos revelam-se eficazes na captação turística e na melhoria da autoestima dos habitantes (Lima, 2019, 13).

“A valorização do património deverá permitir às comunidades de acolhimento, assim como aos turistas, a possibilidade de experimentar e compreender o património e a cultura das diferentes comunidades.” (Lima, 2019, 5).

Neste âmbito, a integração na Rota do Românico teria um efeito projetante da freguesia, com a ermida a servir de ponto referencial para a atração de um novo setor turístico para a região. Em localidades de baixa densidade populacional estes incentivos auxiliam o tecido empresarial local, servindo como estratégia para a divulgação das regiões.

Com isto, analisámos outras duas intervenções já consumadas, em períodos históricos dispares, de modo a tirar conclusões dos princípios aplicados na Rota do Românico. São essas a igreja de São Mamede de Vila Verde e o Mosteiro de Travanca.

A disciplina de restauro conquista um espaço de destaque na arquitetura portuguesa no início do século XX por iniciativa da DGEMN. À época, era importante revitalizar o orgulho pela Pátria, tendo-se priorizado a recuperação do património medieval coevo da origem da nação (RR, s.d., 270). Em Portugal, o paradigma daquele período definia que o estado primitivo de um edifício seria o que melhor invocaria as raízes lusófonas, o que definiu a supressão de elementos posteriores em prol da pureza arqueológica das igrejas.

“A preferência dos técnicos da DGEMN recaiu, à época, de forma notória sobre os edifícios medievais, porque estes se prestavam mais à materialização das suas ideias de restauro e que, em última análise, derivam de uma adequação da teoria de “restauro” e dos conceitos de “unidade de estilo” desenvolvidos pelo arquiteto francês Viollet-le-Duc” (RR, s.d., 270).

Em Travanca ergueram-se novas armações no telhado para conter as infiltrações pluviais. Para se coadunar com a sua génese primitiva, foram desmontados setes altares de madeira distribuídos pela igreja, arrancou-se o coro alto e o púlpito, picou-se o estuque das abóbadas e removeu-se o reboco de todas as superfícies interiores e exteriores, “pondo a descoberto a preciosa ornamentação românica existente.” (Castro, 1939, 19). Este processo foi profundamente reformador da imagem da igreja, com a justificativa dos técnicos da DGEMN de retorno à sua forma primitiva, a mais correta delas todas. Este método é altamente interpretativo, e estava imbuído de uma corrente ideológica de cariz nacionalista, o que legitima a questionabilidade da intervenção.

O conhecimento técnico e construtivo em restauro aprimorou-se nos últimos 80 anos, mas não sem lapsos. Foram concretizadas intervenções posteriores Travanca, algumas particularmente danosas. É o exemplo da aplicação de cimento armado para o novo frechal e lajes de tijolo armado com elementos de betão pré-fabricado para a sua nova cobertura, em 1968. Aplicaram-se métodos construtivos desajustados para a estrutura, que “estavam a produzir esforços nas paredes de apoio, facto que estava a produzir deformações acentuadas por fissuras verticais (...)” (Costa, 2021, 477).



051 *Mosteiro de Travanca antes dos Trabalhos da DGEMN,*
© Boletim nº15 DGEMN, 1939



052 *Mosteiro de Travanca atualmente*
© Rota do Românico

Por sua vez, apresentamos São Mamede de Vila Verde como um comparativo contemporâneo, munida pelos avanços técnicos alcançados até ao seu restauro, em 2006. Tomaram-se alguns cuidados preventivos devido à implantação da igreja numa colina de elevada inclinação para evitar infiltrações. Realizou-se uma vala perimetral para ventilar o pavimento em pinho e controlar a humidade ascensional vinda das fundações. Na cobertura, aplicou-se uma estrutura ligeira em madeira, composta por asnas simples, para receber a telha. Repare-se na atenção que se teve em não esforçar em excesso a estrutura existente e recorrer a sistemas de construção em seco, um conselho que Miguel Malheiro nos dá para as intervenções em ruínas:

“(...) permitindo encontrar soluções que não entrem em conflito com os sistemas construtivos do monumento. A introdução de novos elementos, como a subtelha, bem como a construção a seco, são uma tendência que se pretende implantar, pela natural necessidade de ventilação das construções aéreas, mas também pelo pouco impacto que têm sobre a pré-existência, condição sine qua non para a sua perdurabilidade.” (Costa, 2021, 479).

Já na sacristia Miguel Malheiro optou pela aplicação de uma cobertura plana em aço corten, realçando um cubo simples que contrasta com a restante geometria da igreja. Esta dicotomia da telha e do aço corten é invocativa de Camillo Boito, ao vincar via formal e matérica a sua intervenção na igreja. Outro aspeto no qual segue Boito é na documentação da obra e disponibilização desse conhecimento para o público alargado, exemplo do livro “São Mamede de Vila Verde. Construir uma igreja com as suas pedras.”

Posto isto, nem a igreja de São Mamede de Vila Verde é isenta de danos. Apesar do restauro e de alguns cuidados de manutenção entretanto, devido à sua implantação as águas que escorrem do topo da colina infiltram-se facilmente na cabeceira da igreja. Aqui verifica-se o surgimento de verdetes, inclusive próximo dos frescos da igreja. Já a sacristia tem o pavimento em madeira bastante danificado e apresenta riscos ao seu uso.



053 *Piso de madeira da sacristia e parede com verdete na cabeceira da igreja*
Fotografias da autora, 2025

Entende-se ser um dilema frequente a preservação das igrejas românicas, tomado por fatores difíceis de contrapor tais como a exposição permanente aos elementos e a implantação erma das mesmas, o que faz serem menos praticadas por uma população em decadência nas regiões interiores. A responsabilidade da Rota do Românico é ininterrupta para com estes equipamentos, não basta restaurar, mas também assegurar a sua manutenção contínua.

A auscultação das comunidades no âmbito da presente dissertação comprovou a sua preferência pelo uso da 'igreja nova', o que inviabiliza a futura sustentabilidade de uma reabilitação da Igreja de São Pedro da Ermida destinada à contínua degradação por falta de uso e manutenção. Com este objetivo foi preparada uma entrevista semi-estruturada à Diretora da Rota do Românico (que não foi possível concretizar) (anexo 1), bem como desenvolvido um guião de inquéritos às comunidades (anexo 2) que foram realizados de modo informal.

O que aqui propomos é abraçar esta circunstância e lançar linhas orientadoras para a Ermida que preservem a memória coletiva do lugar, indo além das práticas convencionais de restauro e valorizando o conjunto na sua relação com a envolvente. A proposta, pensada para integrar a Ermida na Rota do Românico, distingue-se por questionar as práticas de restauro vigentes e assumir uma posição alternativa. Pretendemos repensar o uso e destino da ruína, potenciando a experiência fenomenológica a partir do legado românico, tantas vezes perdido pela sobreposição de novas correntes, e transformar a Ermida num portal da experiência românica, ao invés de a mascarar com artifícios contemporâneos.

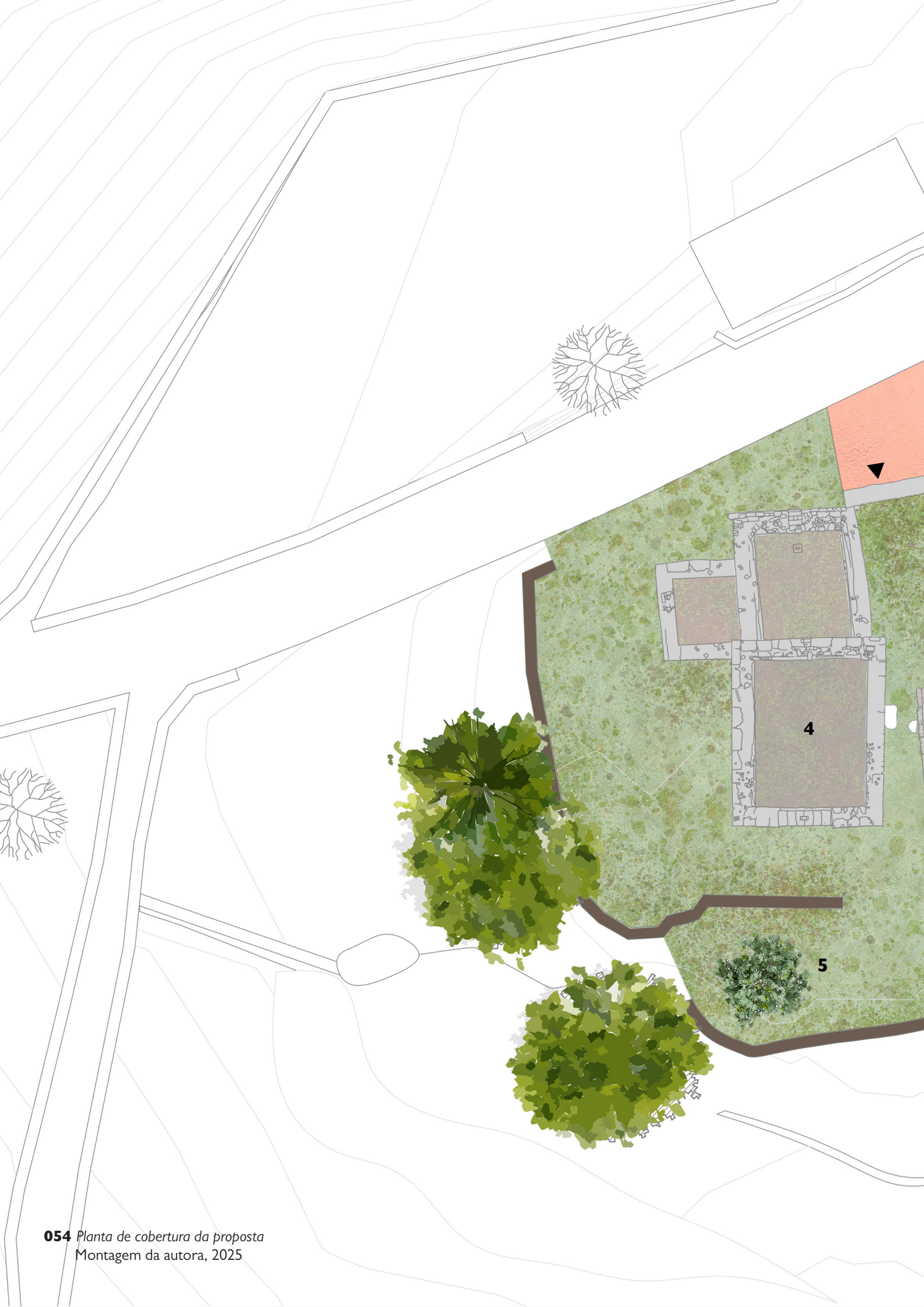
Em a "Lâmpada da Memória", John Ruskin considera ser preferível aceitar a obra no seu estado decrépito do que "erguer uma mentira no seu lugar" (Ruskin, 1849, 244). Tendo em conta o histórico destas igrejas, optámos por exclamar os sinais do tempo na Ermida do Douro. Não podendo assegurar a contínua manutenção numa igreja que se prevê ser de pouco uso, a nossa estratégia visa realçar outros princípios do Românico, tais como a tectónica do aparelho e a relação do objeto com a paisagem. Nesse sentido, é uma abordagem realista, que procura intervir com respeito sobre o património e dar uma nova vida à igreja além de espaço de culto. Uma resposta de custos controlados, de pouca manutenção e que traz pluralidade de pensamento sobre o restauro à Rota do Românico.

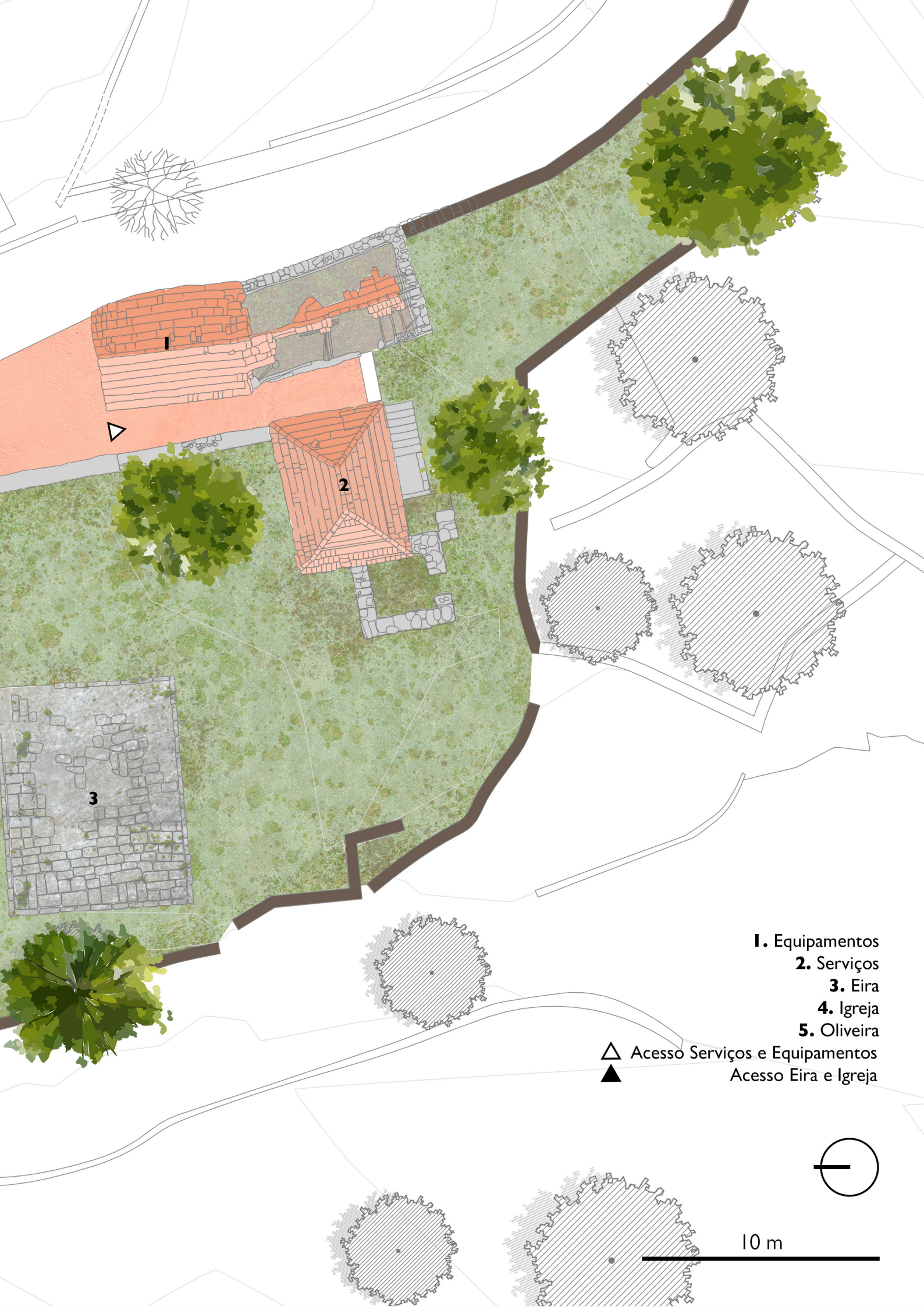
A intervenção no local parte da premissa de menor impacto possível, um exercício de limpeza e valorização de cinco elementos para nós vitais nesta composição: A igreja, a muralha, o castro, a casa do caseiro e a eira. Não só pelo que cada um representa individualmente, mas principalmente pela composição formal atingida, o conformar de um promontório com um acesso pontual pela muralha, que se desdobra a poente sobre a paisagem do Douro. Este enquadramento cénico simplificou a direção da proposta para um trabalho de clarificação da hierarquia de espaços.

O programa inclui um espaço expositivo da Rota do Românico, uma zona de serviços e a exibição da igreja/eira. O acesso faz-se por uma zona demarcada em saibro estabilizado que conduz ao portal da muralha ou ao espaço intersticial entre o castro e a casa do caseiro. A entrada para o espaço expositivo é feita por este caminho, uma vez que não quisemos alterar o vão existente no topo do castro em respeito pela premissa de intervenção mínima que orientou toda a proposta.

A área definida em saibro estabilizado que distribui para todo o Centro Interpretativo tem o propósito de um vestíbulo - um espaço de transição que prepara o visitante para a dimensão cénica do lugar, ao mesmo tempo que a muralha oculta a paisagem. Esta organização garante que o promontório permaneça livre de distrações e de conflitos de circulação. A partir do portal da muralha, o percurso conduz o visitante diretamente em frente, em direção à eira e à igreja.

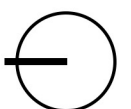
A eira de granito é implantada a sul da igreja. O seu limite é bem definido por uma fiada perimetral mais elevada e encontra-se num bom estado de preservação. A nossa intervenção mais pronunciada nasce da tensão gerada pela proximidade entre a eira e a igreja. O excesso de vegetação e irregularidades do terreno faziam destes elementos desconexos, com o excesso de vegetação a ocultar a entrada nascente e sobreexpondo a entrada sul da igreja. Esta configuração não valoriza os princípios românicos de implantação E-O, nem transmitia a dignidade necessária ao seu alçado principal, pelo que propomos a sua desmatagem e regularização, com a possibilidade de implantar aqui um adro que qualifique a entrada nascente no futuro.





- 1. Equipamentos
- 2. Serviços
- 3. Eira
- 4. Igreja
- 5. Oliveira

△ Acesso Serviços e Equipamentos
▲ Acesso Eira e Igreja



10 m



Todo o promontório será composto por vegetação rasteira e árvores pontuais existentes, com ênfase para uma árvore de oliveira plantada diante da entrada nascente. Esta espécie é bastante característica do Românico pelo seu simbolismo religioso, além da praticidade do seu óleo para lâmpadas.

Estas linhas orientadoras são inspiradas nos vestígios arqueológicos de Mekawer, na Jordânia. Foi nossa intenção que as ações tomadas fossem reversíveis, permitindo retornar a um estágio de pré-intervenção. Esta ideia é defendida por Luigi Marino, que afirma o seguinte:

“Só recentemente, e com muita dificuldade, os termos da restauração começaram a mudar para conceitos de intervenção mínima e manutenção sistemática. Os procedimentos mais avançados são aqueles que encaram a restauração como operações de preservação, utilizando intervenções minimamente invasivas e tão reversíveis quanto possível. Estas podem parar (ou apenas retardar) os processos de degradação dos materiais e a instabilidade das estruturas. Podem também proteger a informação que o edifício poderá fornecer no futuro.” (Marino, 2019, 19).

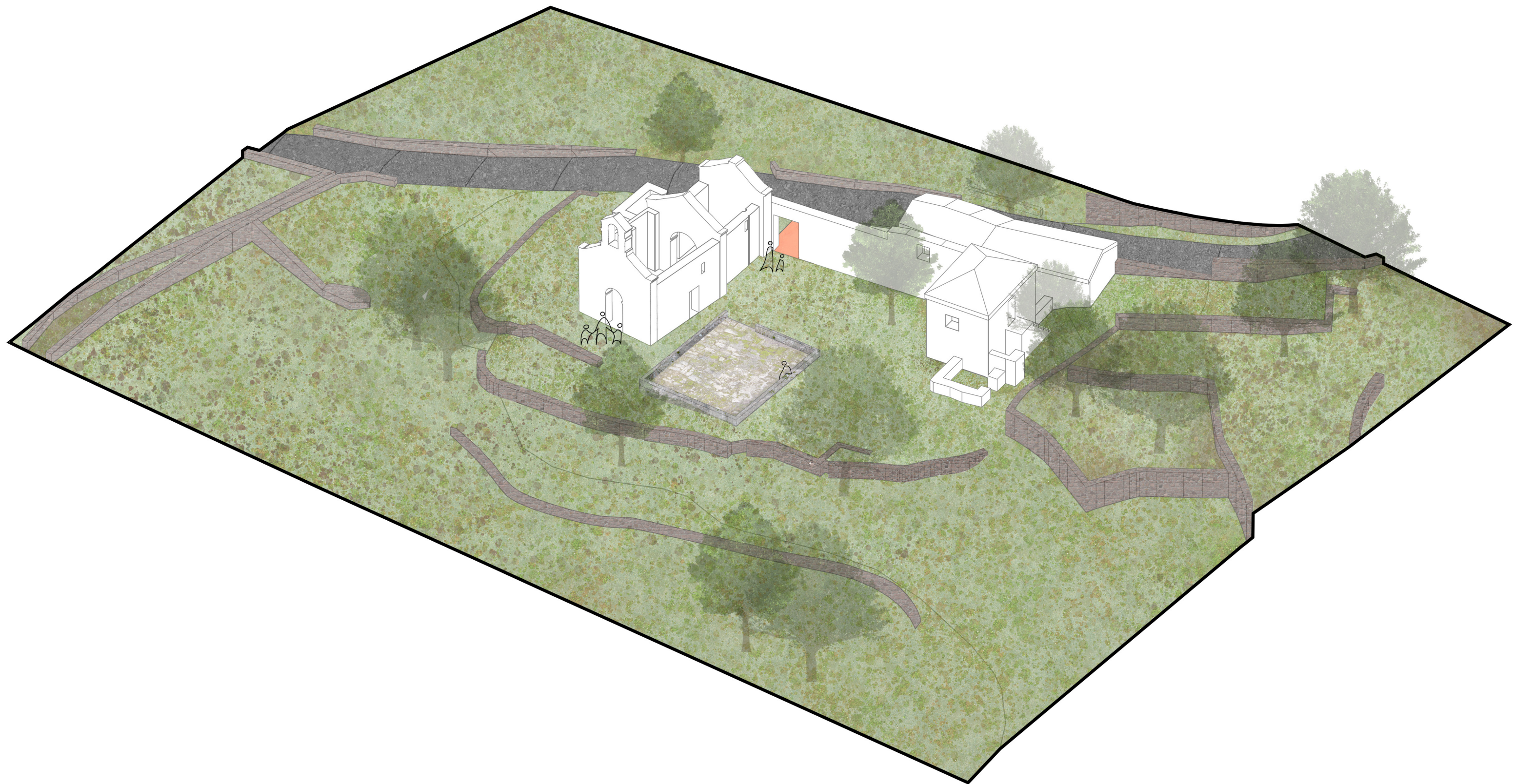
Este critério toma a sua forma mais radical na igreja, na qual se optou por exibir a sua condição atual integrando algumas medidas de recuperação. As idiossincrasias não lineares da execução de um projeto de raiz exigem o compromisso e a organização da equipa gestora. Num projeto de restauro o mesmo se aplica, até em maior grau por não estarmos a intervir numa tábua rasa, mas sim numa preexistência que terá dissonâncias do levantamento arquitetónico e imprevistos de obra. Já Camillo Boito aconselhava à produção de um registo de todas as fases da obra (Boito, 1884, 21-22), que nós aqui procedemos com a formulação de um plano de intervenção que estabeleça as etapas por ordem de execução para a igreja.



055 *Mukawer, Jordânia*
© Luigi Marino, 2019

Primeiramente será promovida a limpeza do edifício, no interior e exterior e área envolvente, com a utilização de herbicidas para eliminar os arbustos e árvores de pequeno porte e de biocidas para retirar os líquenes que se encontrem um pouco por todo o aparelho. Todas as estruturas não pétreas serão removidas da igreja, expondo apenas a sua estrutura em granito. Isto inclui portas, asnas e frechal de madeira deteriorada e respetivas telhas. Após esta etapa, as estruturas de alvenaria serão consolidadas através do enchimento de ocos existentes com aplicação de argamassa de cal, adequada para restauros, e refechamento de juntas e fissuras com uma estucagem da superfície. O terceiro tratamento sobre o aparelho de granito será a aplicação de um hidrofugante para a sua proteção às intempéries. No seu interior serão preservados os frescos existentes no arco triunfal, mas revestimentos em estuque deverão ser picados de modo a restituir o aspeto original da igreja. Será dado um cuidado especial de consolidação aos arcosólios, campanário e fresta da capela-mor. Por fim, o piso deverá ser limpo para garantir o acesso seguro à igreja, deixando o pavimento em solo orgânico.

Em conclusão, a nossa proposta optou por uma estratégia de fruição da ruína na sua instância histórica e estética. Num local remoto, como tantos outros no interior português, estas igrejas deixam de servir o seu propósito, caminhando para o abandono. O estudo dos casos práticos evidenciou a dificuldade em preservar este património, pelo que a orientação Ruskiniana cumpria com as exigências mínimas de manutenção mas preservando a memória coletiva do local. Em acréscimo, esta resposta traz novidade à oferta turística da Rota do Românico ao potenciar novas formas de fruição e salvaguarda das ruínas e abrindo hipóteses para a divulgação de outras tantas igrejas num estado semelhante, como é o caso das ruínas Românicas do Convento de Santa Maria d'Ermêlo, justamente do lado oposto do rio.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como objetivo pensar uma estratégia para o futuro da igreja de São Pedro da Ermida, uma ruína românica abandonada num terreno privado, e sem uso pela população. Neste processo, desdobrámos o desafio em múltiplas etapas, interessados não só pelo resultado final, mas pelo desenvolvimento de aptidões que permitissem fundamentar uma abordagem à intervenção em contexto patrimonial que pudesse contribuir para futuras práticas no existente. Esse método fundamentou-se num enquadramento progressivamente aproximado, partindo de autores de referência do restauro do século XIX e da expansão do românico pelo território nacional. Esta base teórica ampliou-se a Oliveira do Douro e à Ermida.

De seguida realizou-se o levantamento rigoroso da igreja, com recurso a fotografias ao nível do solo e com drone, medições, fotogrametria, estudos geométricos e comparativos morfológicos. O uso de múltiplos instrumentos permitiu diminuir a margem de erro elevada que é comum ao mero levantamento arquitetónico, alcançando um maior nível de controlo sobre a obra. A acrescentar, consideramos o conhecimento adquirido desta tarefa deveras útil para o futuro uso profissional.

O diagnóstico introduziu uma memória descritiva do estado de preservação da igreja, à data do levantamento, no qual se identificaram as patologias e com isso consultar os procedimentos mais eficazes na intervenção da igreja.

Todos estes passos levaram à produção das linhas orientadoras expostas, e certamente divergentes da expectativa inicial. Com o estudo realizado, descobrimos que a ambição de concretizar um projeto para a Ermida deveria de caminhar próximo da realidade socioeconómica da região, se quiséssemos fazer deste um exercício de aplicabilidade real. Descartaram-se múltiplas propostas neste processo, até atingir uma abordagem mais contida de preservação, consolidação e manutenção da ruína, enquanto parte integrante da paisagem e da memória colectiva das comunidades.

Em suma, esta dissertação é relevante pela documentação produzida, a nível gráfico, textual e visual. O entendimento desta igreja é agora maior e produziu-se legado que servirá para um ponto de situação futuro, ou até para o cenário de intervenção na mesma. Por que não se valoriza apenas a produção de uma proposta, mas igualmente a abertura do espectro de reflexão a outras práticas de fruição e salvaguarda do património na paisagem.



057 *Entrada poente da Igreja de São Pedro da Ermida*
Fotografia da autora, 2023

REFERÊNCIAS

Arquivo Distrital de Viseu (2012). *Inventário dos registos paróquias de Oliveira do Douro (Cinfães)*. Arquivo Distrital de Viseu. Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt/documentDetails/4089a4a2b5dc435b932aac04781465c5>

ALMEIDA, Carlos (2001). *História da Arte em Portugal - O Românico*. Presença

ALMEIDA, Carlos (1971). *Primeiras impressões sobre a arquitectura românica portuguesa*. História: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, vol. 2. Disponível em <https://ojs.letras.up.pt/index.php/historia/article/view/5876>

ALMEIDA, Eneida (2010). *O “construir no construído” na produção contemporânea: relações entre teoria e prática*. [Tese de Doutoramento]. Universidade de São Paulo

BALSINHA, Ângela (2014). *Património Arquitetónico e Arte Contemporânea: o caso do Carpe Diem, em Lisboa*. [Dissertação de Mestrado]. Lisboa: Instituto Superior Técnico.

BESSA, Paula (2012). *Pintura mural na Rota do Românico*. Gráfica Maiadouro. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/29963/1/Pintura%20Mural%20na%20Rota%20Rom%C3%A2nico.pdf>

BOATO, Anna (2008). *L'archeologia in architettura. Misueazioni, stratigrafie, datazioni, restauro*. Veneza: Marsilio Editori.

BOITO, Camillo (2020). *A importância da Documentação Arquitetónica para a Restauração: A experiência de Camillo Boito*. Revista Jatobá, Goiânia.

BOITO, Camillo (1884). *Os Restauradores*. Ateliê Editorial

BOTELHO, M.L., *A historiografia da arquitectura da época românica em Portugal: (1870-2010)*; Publisher: Porto : [Edição do Autor]

GONZÁLEZ, J.M.P(dir.); GONZÁLEZ, J.M; BOTELHO, M. L.; BARROCA, M. J.; ROSAS, L. C.; GUEDES, C. (coord.)(2023). *Enciclopédia do Românico em Portugal*. Aguilar de Campoo: Fundacion de Santa Maria de La Real - Centro de Estudios del Románico

COSTA, Manuel Gonçalves da. (1979). *História do Bispado e Cidade de Lamego. Idade média: paróquias e conventos. V. II*. Oficinas Gráficas de Barbosa & Xavier. Braga.

COSTA, Manuel Gonçalves da. (1984). *História do Bispado e Cidade de Lamego. Idade média: paróquias e conventos. V. IV*. Oficinas Gráficas de Barbosa & Xavier. Braga.

GONZÁLEZ, José (coord.) (2023). *Enciclopédia do Românico em Portugal*. Aguilar de Campoo: Fundación Santa Maria La Real.

PINTO, Manuel Cerveira (2008). *Boassas – Uma aldeia com história*. Boassas, Jornal Miradouro Edições, Lda.

CHOAY, Françoise (2001). *A Alegoria do Patrimônio*. UNESP, São Paulo: Edição Liberdade.

COSTA, Aníbal; **MALHEIRO**, Miguel (2021). *Do restauro à Conservação do Património Arquitectónico Medieval Português. Os Sistemas Construtivos Empregues na Igreja de S. Salvador de Travanca*. CITAD, RISCO

Câmara Municipal de Cinfães (2023). *Demografia. Como tem evoluído a população de Cinfães ao longo dos tempos*. Câmara Municipal de Cinfães.
Disponível em: <https://cm-cinfaes.pt/concelho/demografia>

Câmara Municipal do Porto (1930). *Ermida: Concelho de Cinfães: Janela da Capela-mor*. Arquivo Municipal do Porto.
Disponível em: <https://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/266678/>

SILVA, PC (s/d). *Fé Abandonada*. Cottidianus. Daily Life Photographs. WordPress.
Disponível em: <https://cottidianus.wordpress.com/portfolio/fe-abandonada/>

DOCCI, Mario; **MAESTRI**, Diego (1993). *Storia de rilevamento architetonico e urbano*. Editori Laterza

DOCCI, Mario; **MAESTRI**, Diego (2020). *Manuale di rilevamento architetonico e urbano*. Editori Laterza.

DOMINGOS, Capitão (s/d). *A Nossa Origem em Portugal, nas aldeias do Norte de Portugal, nas ilhas dos Açores, e, na Ilha da Madeira*. Capitão Domingos da Silva e Oliveira.
Disponível em: <https://capitaodomingos.com/nossa-aldeia-em-portugal/>

FERREIRA, Teresa (2015). *Metamorfoses do Convento de São Francisco de Real. Reconhecimento, Análise, Interpretação*. Guimarães: Lab2PT, Escola de Arquitectura, Universidade do Minho.

FERREIRA, Teresa (2017). *Plano de Manutenção dos Monumentos da Rota do Românico*. Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto
Disponível em: https://sigarra.up.pt/faup/en/pub_geral.pub_view?pi_pub_base_id=208881&pi_pub_rl_id=

FERREIRA, Teresa; **NETO**, Rui (2019). *Santa Maria da Índusa. Património na Paisagem*. Escola de Arquitectura da Universidade do Minho. Instituto Politécnico de Viana do Castelo.

FERREIRA, Teresa; **FREITAS**, Pedro (2020). *Metodologias ativas como estratégia pedagógica para a aplicação da arqueologia da arquitetura na restauração arquitetônica no Brasil*. Arqueología de la Arquitectura.

FRATE, Maria (2010). *Restauro e Conservazione del Patrimonio Storico*. Dario Flaccovio Editore s.r.l.

FREITAS, Pedro; **TIRELLO**, Regina. *A Taipa de Pilão da Tulha da Antiga Chácara Paraíso em Campinas: Novas Estratégias para Documentação e Conservação da Arquitetura Tradicional Paulista*.

FREITAS, Pedro (2020). *A importância da Documentação arquitetônica para a restauração: a experiência de Camillo Boito*. Revista Jatobá, Universidade de São Paulo Disponível em: <https://doi.org/10.54686/revjat.v2i.65425>

INE (2021). Censos 2021.

Disponível em: https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=censos21_dados_finais&xpid=CENSOS21&xlang=pt

Junta de Freguesia de Oliveira do Douro (2022). Historial. Junta de Freguesia de Oliveira do Douro.

Disponível em: <https://www.jf-oliveiradodouro.pt/oliveira-do-douro/historial>

KÜHL, Beatriz (2010). *Conservação e Restauro*. Anais do Museu Paulista, V.18, n.2

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/anaismp/a/ShdGtFbB4jbpfQXMtd8Y4Pf/?format=pdf&lang=pt>

LATORRE, Pablo (2011). *The transformation processes of architecture through time. Methodological and theoretical consequences in the project and in the restoration works*. Architecture of Fundación Caja Madrid.

LE MOS, Carlos A. C. (1981). *O que é patrimônio histórico*. São Paulo: Editora Brasiliense s. a.

LIMA, António (dr.) (2019). *CENTROS INTERPRETATIVOS: Técnicas, espaços, conceitos e discursos. Património a Norte, nº3, novembro*. Direção Regional de Cultura do Norte – Ministério da Cultura

LUSO, Eduarda; **LOURENÇO**, Paulo; **ALMEIDA**, Manuela (2004). *Breve história da teoria da conservação e do restauro*. Universidade do Minho.

MACHADO, José (1994). *Restauro de Monumentos*. Revista de Guimarães, n.º 104, 127-140.

Disponível em: <https://www.csarmento.uminho.pt/site/files/original/54ce6803f3f9c55d3a6feb74c92d7db823af1f52.pdf>

MALHEIRO, Miguel (2012). *A presença da arquitectura. A arquitectura românica do Vale do rio Sousa* [Tese de doutoramento]. Escuela Técnica Superior de Arquitectura, Universidad de Valladolid

MALHEIRO, Miguel (2011). *São Mamede de Vila Verde. Construir uma Igreja com as suas pedras*. Rota do Românico.

MARQUES, Hélder; **SILVA**, Ângela (s/d.). *Desenvolvimento rural: novos desafios e novas oportunidades*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. CEGOT

MARINO, Luigi (2019). *Il restauro di siti archeologici e manufatti edili allo stato di rudere*. Didapress, Università degli Studi di Firenze

MARINO, Luigi (1995). *Il Rilievo per il Restauro. Ricognizioni – Misurazioni – Accertamenti – Restituizioni – Elaborazioni*. Milão: Hoepli.

MASSARENTE, Alessandro (2018). *Estratificações urbanas: Preexistências e projeto contemporâneo entre conhecimento e uso*. Revista Prumo, [S.l.] v.3, n 4, p.19, oct. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.24168/revistaprumo.v3i4.764>

MAURIZIO, V. (2012). *Verso il restauro*. Florença: Firenze University Press. Disponível em: <https://library.oapen.org/handle/20.500.12657/55025>

MUSSO, S. F. (2016). *Recupero e Restauro Degli Edifici Storici. Guida pratica al rilievo e alla diagnostica*. EPC Libri.

NETO, Maria (1995). *A direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais e a Intervenção no Património Arquitectónico em Portugal (1929-1960)*. [Dissertação de Doutoramento]. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

MOREIRA, Manuel (2014). *Tomo I. Rota do Românico*. Disponível em: https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/27918/1/2014_Rota%20do%20Rom%C3%A2nico_tomo%20I.pdf

NUNES, Adriana (2016). *Inspeção, diagnóstico e proposta de Reforço de igreja da Rota do Românico* [Dissertação de Mestrado]. Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto

OLIVEIRA, Rui (2003). *Análise de Práticas de Conservação e Reabilitação de Edifícios com Valor Patrimonial*. [Dissertação de Mestrado] Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto

PEREIRA, Paulo (1995). *Arte Portuguesa. História Essencial*. Temas e Debates.

PGDL (2024). *Lei de bases do Património Cultural*. Lei nº107/2001, de 8 de setembro. Disponível em: https://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=844&tabela=leis

PINTO, Joaquim Caetano (1982). *Resende: monografia do seu concelho*. Braga: [edição de autor].

RESENDE, Jorge (2013). *O Inventário Arqueológico de Cinfães - uma Reflexão: O Inventário como ferramenta de Gestão, Divulgação e Conservação do Património Arqueológico*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto

RESENDE, Nuno (2020). *Cinfães: uma terra ao Norte?* História de Cinfães. Disponível em: <https://historiadecinfães.pt/2020/06/29/cinfães-uma-terra-ao-norte/>

RIBEIRO, Ricardo (2016). *A Maquete no desenvolvimento do projeto arquitetónico. Intervenção na Igreja de São Pedro da Ermida - Cinfães*. Universidade Lusíada do Porto

ROSAS, Lúcia (1995). *Monumentos Pátrios. A arquitetura religiosa medieval – património e restauro (1835 – 1928)*. V. 1 e 2. [Dissertação de Doutoramento] Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

ROSAS, L. M. C., **SILVA**, J. A. da, **PEREIRA**, M. J. G., & **SANTOS**, R. P. dos. (2014). Rota do Românico (Textos). *Centro de Estudos do Românico e do Território*.

ROSAS, L., **BOTELHO**, M. L., & **RESENDE**, N. (2014). *O românico em Portugal: Rota do Românico*. Artigo publicado em outra revista. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10216/105680>

ROSAS, L., **BOTELHO**, M. L., & **RESENDE**, N. (2014). Ermida do Paiva: Reflexões e problemáticas. *Revista da Faculdade de Letras: Ciências e Técnicas do Património*, 12(0), 245–262. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10216/70889>

ROSAS, L., **BOTELHO**, M. L., & **RESENDE**, N. (2015). *Românico e território: As bacias do Sousa, Douro e Tâmega (parte II)*. Artigo em outras revistas. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10216/105677>

RPPG (2021). *Registos Paroquiais Portugueses para Genealogia. Ermida*. Tombo Disponível em: <https://tombo.pt/f/cnf18>

RUSKIN, John (1849). *The Seven Lamps of Architecture*. George Allen Publisher

Rota do Românico (2014). *Rota do Românico. Vol. II. Centro de Estudos do Românico e do Território*. Rota do Românico

Rota do Românico (2024a). *Igreja de São Pedro da Ermida do Douro*. Rota do Românico. Disponível em: <https://www.rotadoromanico.com/pt/experiencias/o-que-ver-e-fazer/igreja-de-sao-pedro-da-ermida-do-douro/>

Rota do Românico (2024b). *5 Dias | Estrada Nacional 222 - A mais bela do mundo*. Rota do Românico. Disponível em: <https://www.rotadoromanico.com/pt/experiencias/programas-turisticos/estrada-nacional-222-a-mais-bela-do-mundo/>

Rota do Românico (2023a). *Quem somos*. Rota do Românico. Disponível em: <https://www.rotadoromanico.com/pt/rota/rota-do-romanico/>

Rota do Românico (2023b). *Historial*. Rota do Românico.

Disponível em: <https://www.rotadoromanico.com/pt/rota/rota-do-romanico/?tab=2>

Rota do Românico (2023c). *A Rota*. Rota do Românico.

Disponível em: <https://www.rotadoromanico.com/pt/rota/>

Rota do Românico (s.d.) *Mosteiro do Salvador de Travanca, Amarante*. Rota do Românico. Disponível em: https://www.rotadoromanico.com/media/documents/Mosteiro_Travanca.pdf

SOLÁ-MORALES, Ignasi; COSTA, Xavier (2006). *Intervenciones*. Gustavo Gili, SL, Barcelona.

TOMÉ, Miguel (2002). *Património e restauro em Portugal (1920-1995)*. Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

VERGÈS-BELMIN, V. (2008). *Illustrated Glossary on Stone Deterioration Patterns*. ICOMOS. ISCS.

Disponível em: https://www.icomos.pt/images/pdfs/Glossario_Pedra_Icomos.pdf

VIOLLET-LE-DUC, Emmanuel (2007). *Restauração*. Ateliê Editorial

ÍNDICE DE IMAGENS

- 001** *Igreja São Mamede de Vila Verde*
© Rota do Românico, s.d.
<https://www.rotadoromanico.com/pt/monumentos/igreja-de-sao-mamede-de-vila-verde/>
- 002** *Capela da Senhora da Livração de Fandinhões*
© Rota do Românico, início do séc. XX
<https://www.rotadoromanico.com/pt/monumentos/capela-da-senhora-da-livracao-de-fandinhaes/>
- 003** *Igreja de Nossa Senhora da Natividade de Escamarão*
© Rota do Românico, s.d.
<https://www.rotadoromanico.com/pt/monumentos/igreja-de-nossa-senhora-da-natividade-de-escamarao/>
- 004** *A Ermida e o Plano Diretor Municipal Cinfães*
Plano Diretor Municipal de Cinfães, montagem da autora, 2024
<https://cm-cinfaes.pt/apoio-ao-municipio/revisao-do-pdm#95-104-plano>
- 005** *Secção das regiões de Portugal*
“Corografia portuguesa e descripçam topografica do famoso Reyno de Portugal”,
António Carvalho da Costa, 1650-1715
<https://historiadecinfaes.pt/2020/06/29/cinfaes-uma-terra-ao-norte/>
- 006** *O Relevo do Norte de Portugal*
Carta Hipsométrica de Portugal, Direção Geral dos Trabalhos Geodésicos
e Topográficos, 1915
- 007** *Vista aérea sobre Cinfães, com o Rio Douro à esquerda e o Rio Bestança à direita*
© Grande Rota, s.d.
https://gr.montanhasmagicas.pt/route_steps/cinfaes-gralheira-2/
- 008** *Esquisso da estrada Nacional 222, antiga rota medieval, e locais significativos na envolvente*
Desenho da autora, 2023
- 009** *Distribuição demográfica do concelho de Cinfães*
Desenho Censos 2021, montagem da autora, 2024
- 010** *Distribuição do património edificado pela freguesia de Oliveira do Douro*
Montagem da autora, 2024
<https://www.booking.com/hotel/pt/casa-da-quinta-da-calcada.pt-pt.html?activeTab=photosGallery>
<https://jf-oliveiradodouro.pt/patrimonio/item/4-casa-do-cubo>
<https://www.facebook.com/photo/?fbid=699676166752229&set=a.699676123418900>
<https://jf-oliveiradodouro.pt/a-visitar/item/14-casa-do-rebolfe>
<https://www.allaboutportugal.pt/pt/cinfaes/religiao/capela-de-nossa-senhora-da-estrela-4>
<https://www.allaboutportugal.pt/pt/cinfaes/religiao/igreja-de-oliveira-do-douro>
- 011** *Interior da Igreja Paroquial de Oliveira do Douro no dia da romaria. Vistas para a capela-mor e para a pia batismal*
Fotografias da autora, 2024
- 012** *Sinos do campanário da Igreja Paroquial de Oliveira do Douro*
Fotografias da autora, 2024
- 013** *Conjunto edificado da Ermida em planta*
Desenho da autora, 2024
- 014** *Conjunto edificado da Ermida em corte*
Desenho da autora, 2024

- 015** *Vista para o interior do arcosólio, túmulo com a tampa removida*
© Paulo César Silva, 2014
<https://cottidianus.wordpress.com/portfolio/fe-abandonada/>
- 016** *Altar lateral direito do arco triunfal, usado como gaiola*
© Paulo César Silva, 2014
<https://cottidianus.wordpress.com/portfolio/fe-abandonada/>
- 017** *Percurso do Vale do Douro*
© Rota do Românico, s.d.
<https://www.rotadoromanico.com/pt/galeria/mapas/>
- 018** *Fotografia aérea da localização da ermida*
© Google Earth, montagem da autora, 2024
- 019** *Conjunto da Ermida de São Pedro do Douro*
Fotografia da autora, 2023
- 020** *Planta com identificação cronológica dos vários períodos de construção da Igreja*
Montagem da autora, 2024
- 021** *Esquissos in situ*
Desenhos da autora, 2024
- 022** *Plantas diversas da igreja*
Desenho da autora, 2024
- 023** *Igreja e casa do conjunto abandonado*
Fotografias da autora, 2023
- 024** *Nave da Igreja*
Fotografias da autora, 2023
- 025** *Capela-mor da Igreja*
Fotografias da autora, 2023
- 026** *Estudo geométrico da igreja*
Montagem da autora, 2024
- 027** *Captura de ecrã do programa Bentley*
Fotografia da autora, 2024
- 028** *Captura de ecrã do programa Recap*
Fotografia da autora, 2024
- 029** *Captura de ecrã do programa AutoCAD*
Fotografia da autora, 2024
- 030** *Aparelho de pedra da capela-mor da Igreja*
Fotografia da autora, 2023
- 031** *Aparelho de pedra da nave da Igreja*
Fotografia da autora, 2023
- 032** *Aparelho de pedra da sacristia da Igreja*
Fotografia da autora, 2023
- 033** *Perfis do existente*
Desenho da autora, 2024
- 034** *Detalhes construtivos desenhados à mão*
Desenho da autora, 2023

- 035** *Interior da nave da Igreja*
Fotografia da autora, 2023
- 036** *Arcossólios na parede norte da nave da Igreja*
Fotografia da autora, 2023
- 037** *Fresta da Igreja de São Pedro da Ermida*
Fotografia da autora, 2023
- 038** *Fresta do Mosteiro de Santa Maria do Cárquere*
© Rota do Românico, s.d.
<https://www.rotadoromanico.com/pt/monumentos/mosteiro-de-santa-maria-de-carquere/>
- 039** *Vestígios de pinturas no arco triunfal da igreja*
© Fotografia da autora, 2023
- 040** *Plantas de igrejas românicas portuguesas*
Sistema de Informação Para o Património Arquitetónico, s.d.
http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=5133
- 041** *Sobreposição de plantas de igrejas românicas com a Igreja e São Pedro da Ermida*
Montagem da autora, 2024
- 042** *Tabela dos termos gerais do glossário das formas de deterioração da pedra*
Montagem da autora, 2024
- 043** *Fenda na interseção da parede nascente e sul da capela*
Fotografia da autora, 2024
- 044** *Fenda na interseção do arco com a parede sul da nave*
Fotografia da autora, 2024
- 045** *Tabela de formas de deterioração/anomalias identificáveis numa obra*
Montagem da autora, 2024
- 046** *Tabela de formas de deterioração/anomalias identificadas na igreja*
Montagem da autora, 2024
- 047** *Tabela de formas de deterioração/anomalias identificadas na igreja*
Montagem da autora, 2024
- 048** *Perfis com identificação das anomalias detetadas na Igreja*
Montagem da autora, 2024
- 049** *Lacunas no interior da nave da parede sul*
Fotografia da autora, 2023
- 050** *Indicação de uma porta na fachada norte da nave*
Fotografia da autora, 2023
- 051** *Mosteiro de Travanca antes dos Trabalhos da DGEMN*
© Boletim nº 15 DGEMN, 1939
- 052** *Mosteiro de Travanca atualmente*
© Rota do Românico
- 053** *Piso de madeira da sacristia e parede com verdete na cabeceira da igreja*
Fotografias da autora, 2025
- 054** *Planta de cobertura da proposta*
Montagem da autora, 2025

- 055** *Mukawer, Jordânia*
© Luigi Marino, 2019
- 056** *Isometria da proposta*
Montagem da autora, 2025
- 057** *Entrada poente da Igreja de São Pedro da Ermida*
Fotografia da autora, 2023

ANEXO

- 1.** Guião de entrevista à Diretora da Rota do Românico
Edição da autora, 2025
- 2.** Inquérito “*Do Românico à Ruína: Reavivar a Ermida do Douro*”
Edição da autora, 2025
- 3.** Desenhos do levantamento topográfico e arquitetónico
 - 1.** Levantamento topográfico, 1/500
 - 2.** Implantação existente, 1/200
 - 3.** Plantas diversas, 1/100
 - 4.** Planta cobertura, 1/100
 - 5.** Cortes existente, 1/100
 - 6.** Cortes existente, 1/100
 - 7.** Alçados existente, 1/100
 - 8.** Materialidade e anomalias, 1/100

GUIÃO DE ENTREVISTA À DIRETORA DA ROTA DO ROMÂNICO

No âmbito da presente dissertação, foi elaborado o seguinte guião de entrevista, remetido à Diretora da Rota do Românico, com o objetivo de recolher contributos sobre a valorização patrimonial, a gestão cultural e os desafios atuais da instituição. Apesar de não ter sido possível obter resposta até à data, as questões encontram-se registadas pela sua relevância para a investigação.

1. Como avalia a atual situação da Igreja de São Pedro da Ermida no contexto da Rota do Românico? Que critérios e parâmetros são habitualmente considerados para a integração de um monumento como este na Rota? Na sua perspetiva, que contributos poderá a Igreja de São Pedro da Ermida trazer para a valorização da Rota do Românico, tanto a nível regional como no âmbito do património cultural nacional?

2. Existem atualmente planos, projetos ou intenções concretas relacionados com a preservação, valorização ou integração da Igreja de São Pedro da Ermida na Rota do Românico? Poderia descrever atividades já planeadas para a sua preservação?

3. A Igreja de São Pedro da Ermida insere-se num contexto mais amplo de património em risco na região? Há outros exemplos semelhantes em Cinfães ou nos concelhos vizinhos que enfrentem dificuldades comparáveis em termos de conservação e valorização?

4. Que aspetos devem ser cuidadosamente considerados numa eventual intervenção na Igreja de São Pedro da Ermida, tendo em conta a sua história, estado de conservação e potencial patrimonial? De que forma a sua valorização e eventual integração na Rota do Românico poderá beneficiar a freguesia de Oliveira do Douro e o concelho de Cinfães? Podes partilhar a sua visão sobre o futuro do monumento e atividades que ali possam acontecer?

Do ROMÂNICO À RUÍNA

Reavivar a Ermida do Douro

QUAL É A SUA PROFISSÃO?

HÁ QUANTO TEMPO RESIDE E/OU TRABALHA NA ÁREA DE ESTUDO?

- ☐ Menos de 1 ano
- ☐ 1 a 4 anos
- ☐ 5 a 10 anos
- ☐ 11 a 20 anos
- ☐ 21 a 30 anos
- ☐ 31 a 40 anos
- ☐ 41 a 50 anos
- ☐ Mais de 50 anos
- ☐ Não vivo/trabalho na zona de estudos

PERCEÇÕES SOBRE A ERMIDA

CONHECE A ERMIDA DE SÃO PEDRO DO DOURO?

- ☐ Sim
- ☐ Não

Outro: _____

SE SIM, HÁ QUANTO **TEMPO** CONHECE?

SE NÃO, JÁ OUVIU FALAR DA ERMIDA?

CONHECE ALGUMAS DAS ALTERAÇÕES QUE A CAPELA SOFREU AO LONGO DO TEMPO?

- ☐ Ampliações
- ☐ Demolições
- ☐ Mudanças a nível interior

Outro: _____

ACHA QUE A CAPELA TEM ALGUM VALOR PARA A POPULAÇÃO ATUALMENTE?

QUAL É O **SIGNIFICADO** QUE A ERMIDA TEM PARA SI?

TEM ALGUMA **MEMÓRIA** DA ERMIDA?

O QUE **MAIS GOSTA** NA ERMIDA?

O QUE **GOSTARIA DE MUDAR** NA ERMIDA / QUAIS SÃO OS PROBLEMAS QUE IDENTIFICA?

COMO **IMAGINA** A ERMIDA / TEM **SUGESTÕES** DO QUE DEVERIA MUDAR?

QUAL É O ESPAÇO **MAIS SIGNIFICATIVO**?

QUEM COSTUMA FREQUENTAR O LOCAL?

Do ROMÂNICO À RUÍNA

Reavivar a Ermida do Douro

A ERMIDA NA COMUNIDADE

No âmbito do desenvolvimento da dissertação de mestrado na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, este inquérito pretende perceber a ligação, presente e passada, da comunidade de Cinfães com a Ermida do Douro. De forma, a perceber a sua história, sua importância no local onde se encontra e ainda, qual o programa que esta deveria integrar para que fizesse sentido propor a reabilitação.

Para o desenvolvimento do trabalho em cocriação com a população é importante, este inquérito, na medida em que permitirá uma melhor perceção da população sobre o tema. As respostas são confidenciais, usadas apenas como estudo global, garantindo o completo anonimato.

CARACTERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA

QUAL É A SUA RELAÇÃO COM OLIVEIRA DO DOURO?

- ☐ Residente
- ☐ Residente Trabalhador(a)
- ☐ Ex-residente
- ☐ Trabalhador
- ☐ Visitante

Outro: _____

COM QUE GÊNERO SE IDENTIFICA?

- ☐ Feminino
- ☐ Masculino
- ☐ Prefiro não responder

Outro: _____

COM QUE GÊNERO SE IDENTIFICA?

- ☐ Feminino
- ☐ Masculino
- ☐ Prefiro não responder

Outro: _____

QUAL É A SUA IDADE?

- ☐ 0 – 14 anos
- ☐ 15 – 24 anos
- ☐ 25 – 40 anos
- ☐ 40 – 64 anos
- ☐ ≥ 65 anos

QUAL É O SEU NÍVEL DE ESCOLARIDADE?

- ☐ 1º Ciclo EB (4º ano)
- ☐ 2º Ciclo EB (6º ano)
- ☐ 3º Ciclo EB (9º ano)
- ☐ Ensino secundário (12º ano)
- ☐ Ensino superior

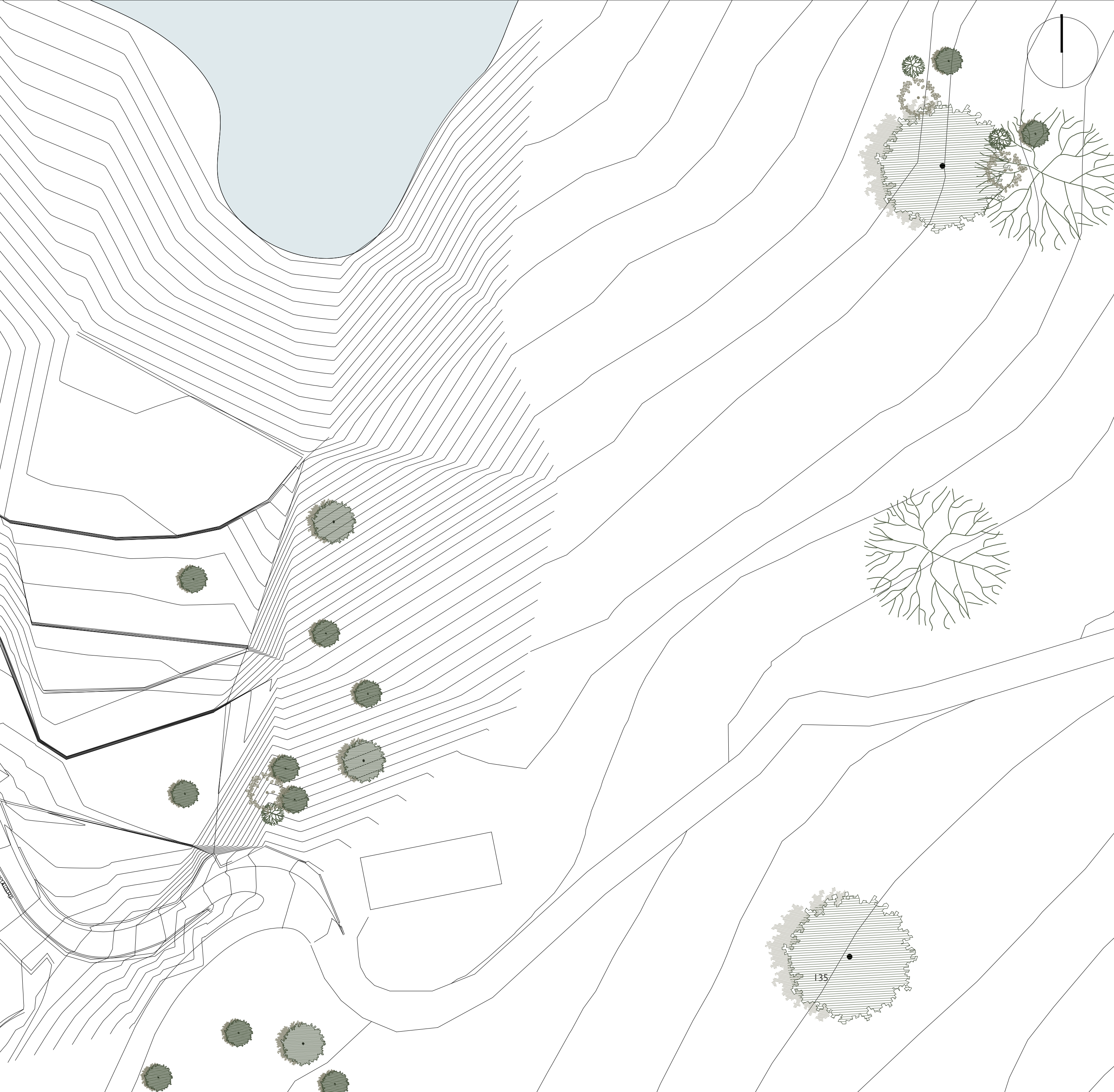
Outro: _____

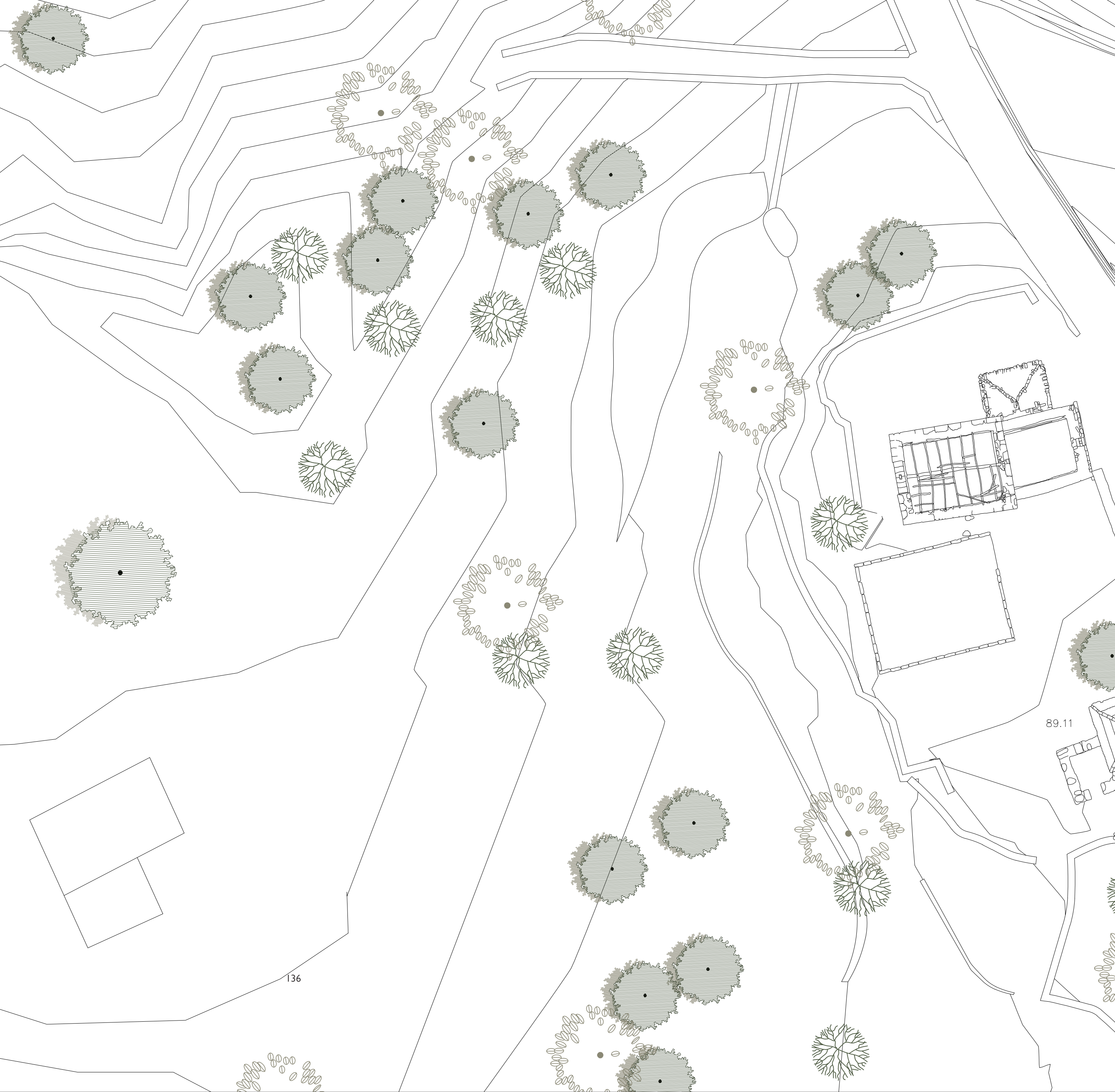
QUAL É A SUA CONDIÇÃO PERANTE O TRABALHO?

- ☐ Empregado(a)
- ☐ Desempregado(a)
- ☐ Estudante
- ☐ Reformado
- ☐ Outro: _____



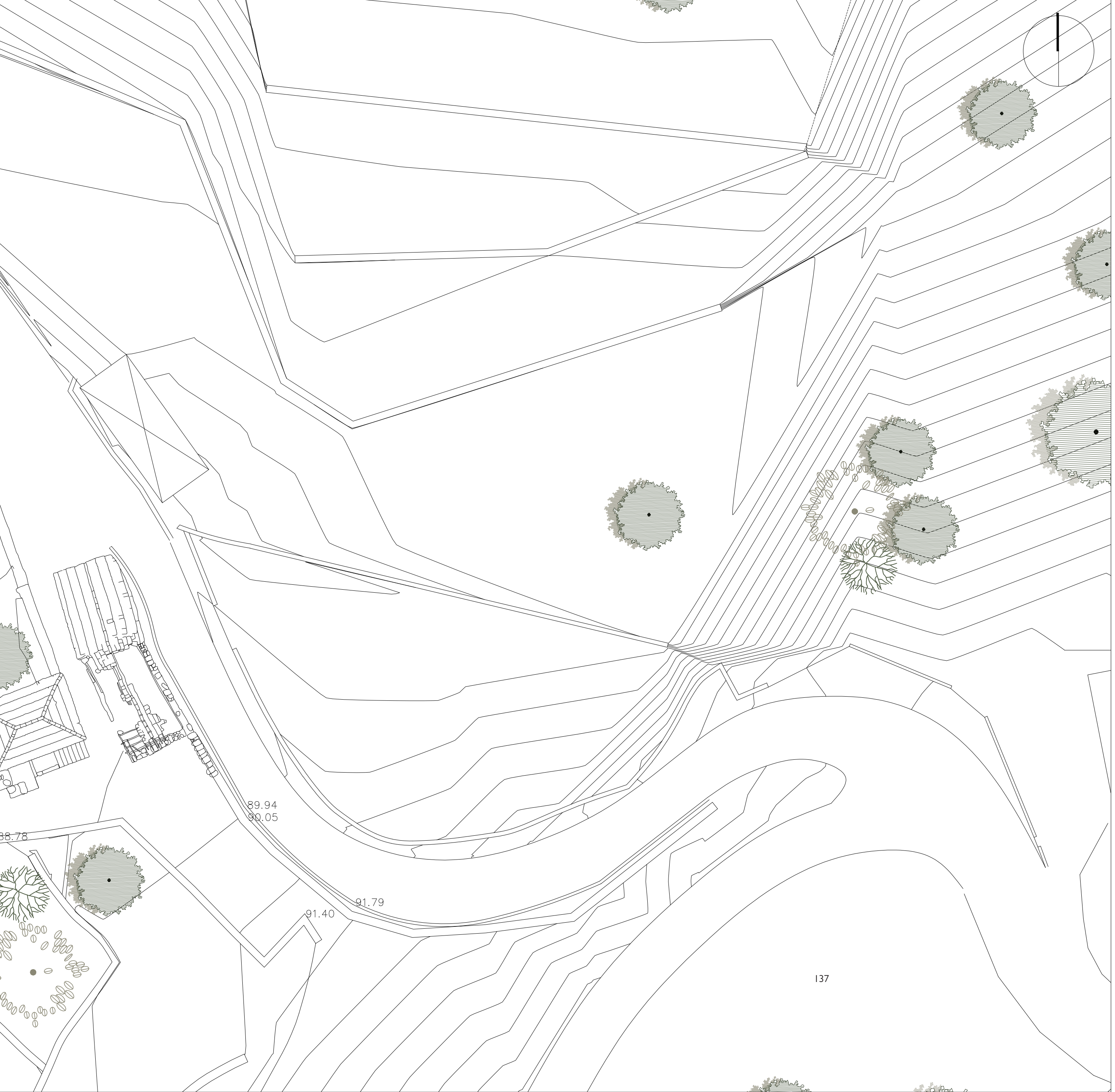
134





136

89.11





PLANTA PISO -1



PLANTA PISO 2
DISSERTAÇÃO 5º ANO
ORIENTADOR, ARQ. TERESA FERREIRA
COORDINADOR, ARQ. PEDRO MURILO
"ENTRE O ROMÂNICO E A RUÍNA"

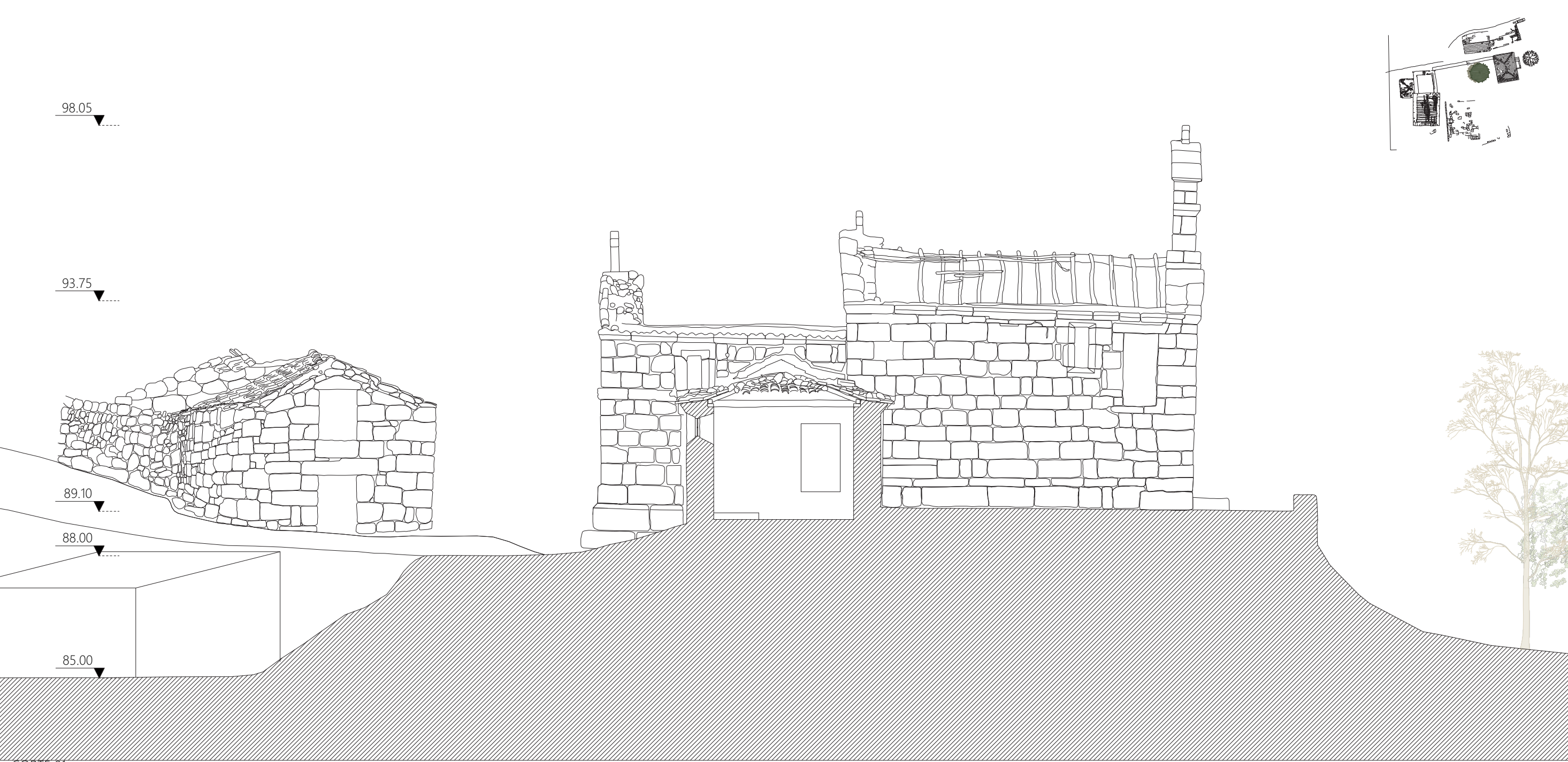
RR_PL_01_02
PLANTAS PISO 1
ESCALA 1/100
2023/2024

ANAREIS
nº UP201507660

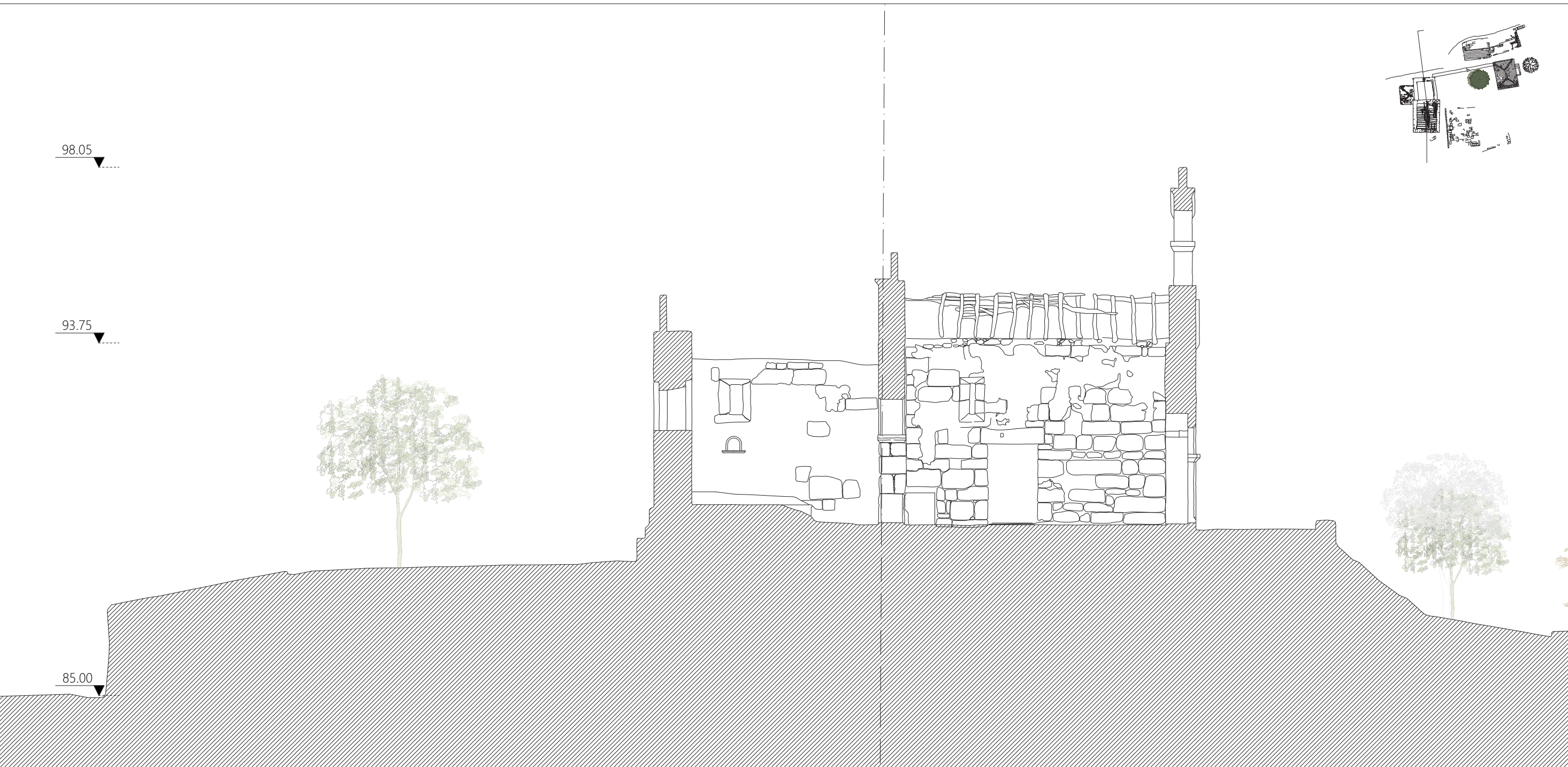


PLANTA DE COBERTURA

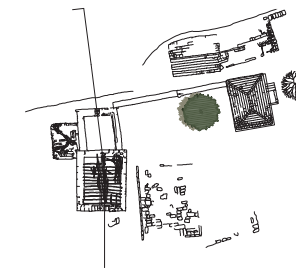




CORTE 01

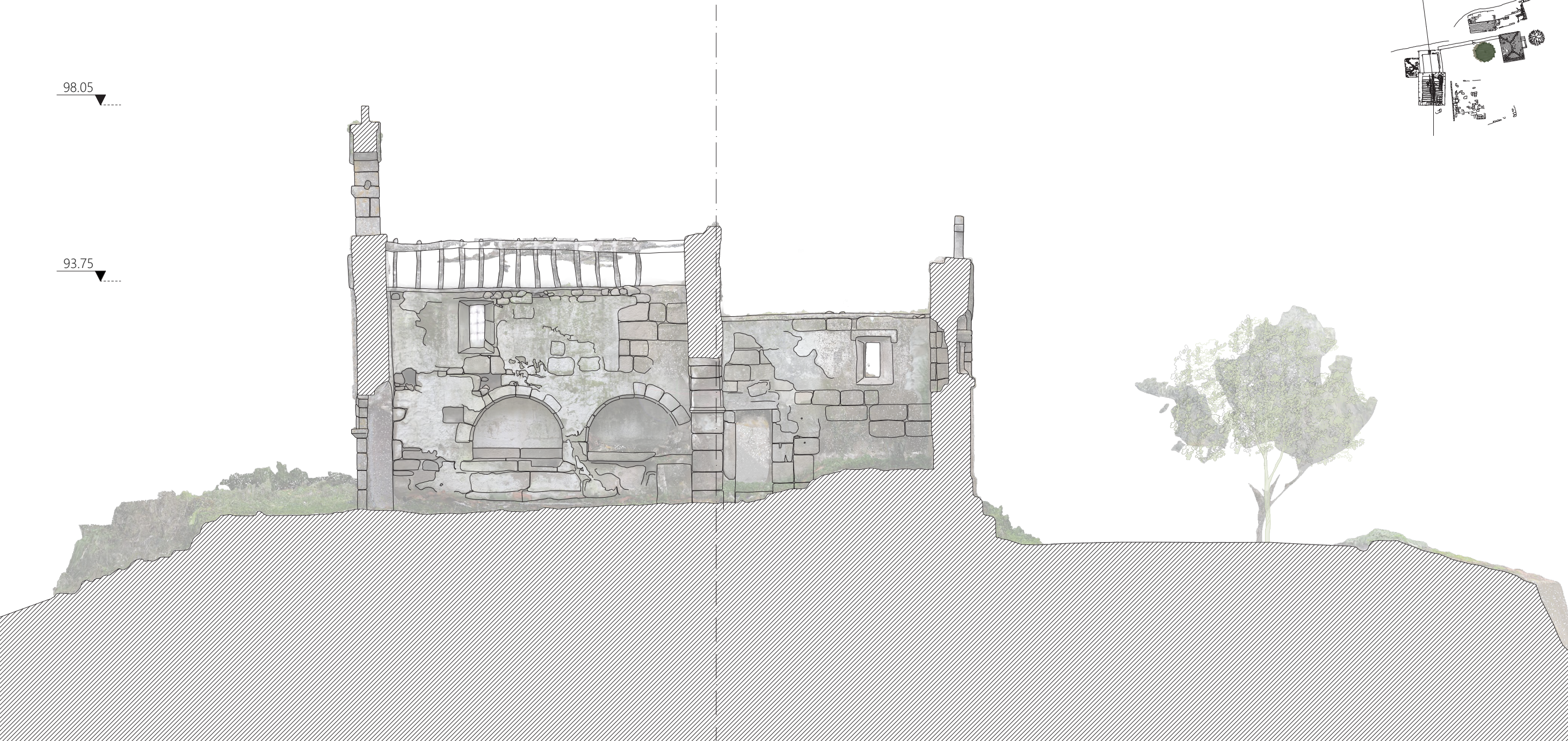


CORTE 03

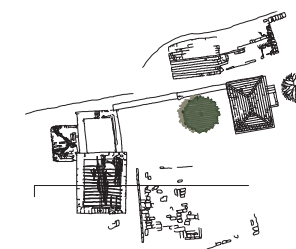


98.05

93.75



CORTE 02

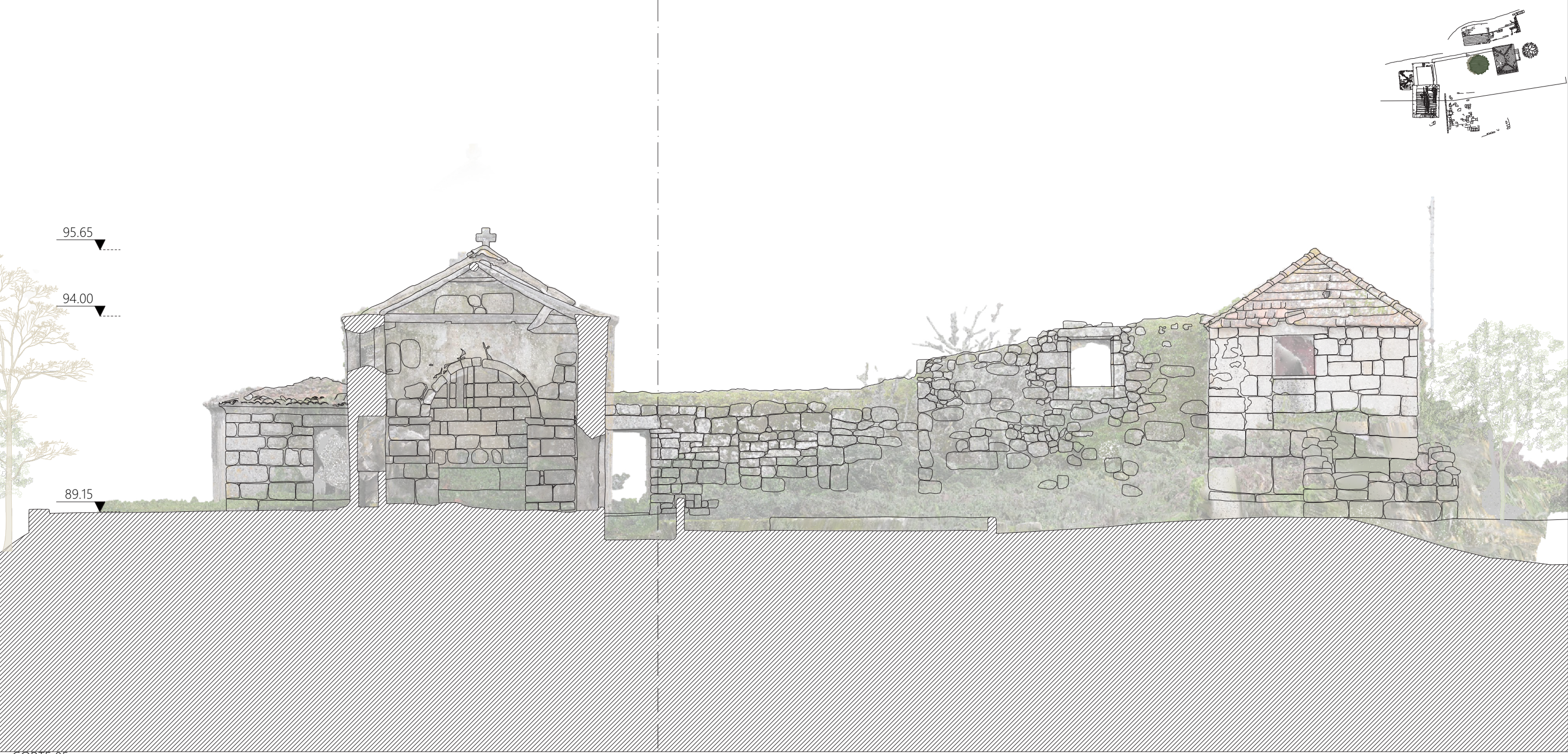
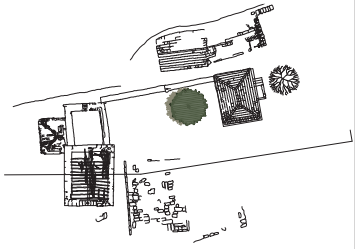


98.05

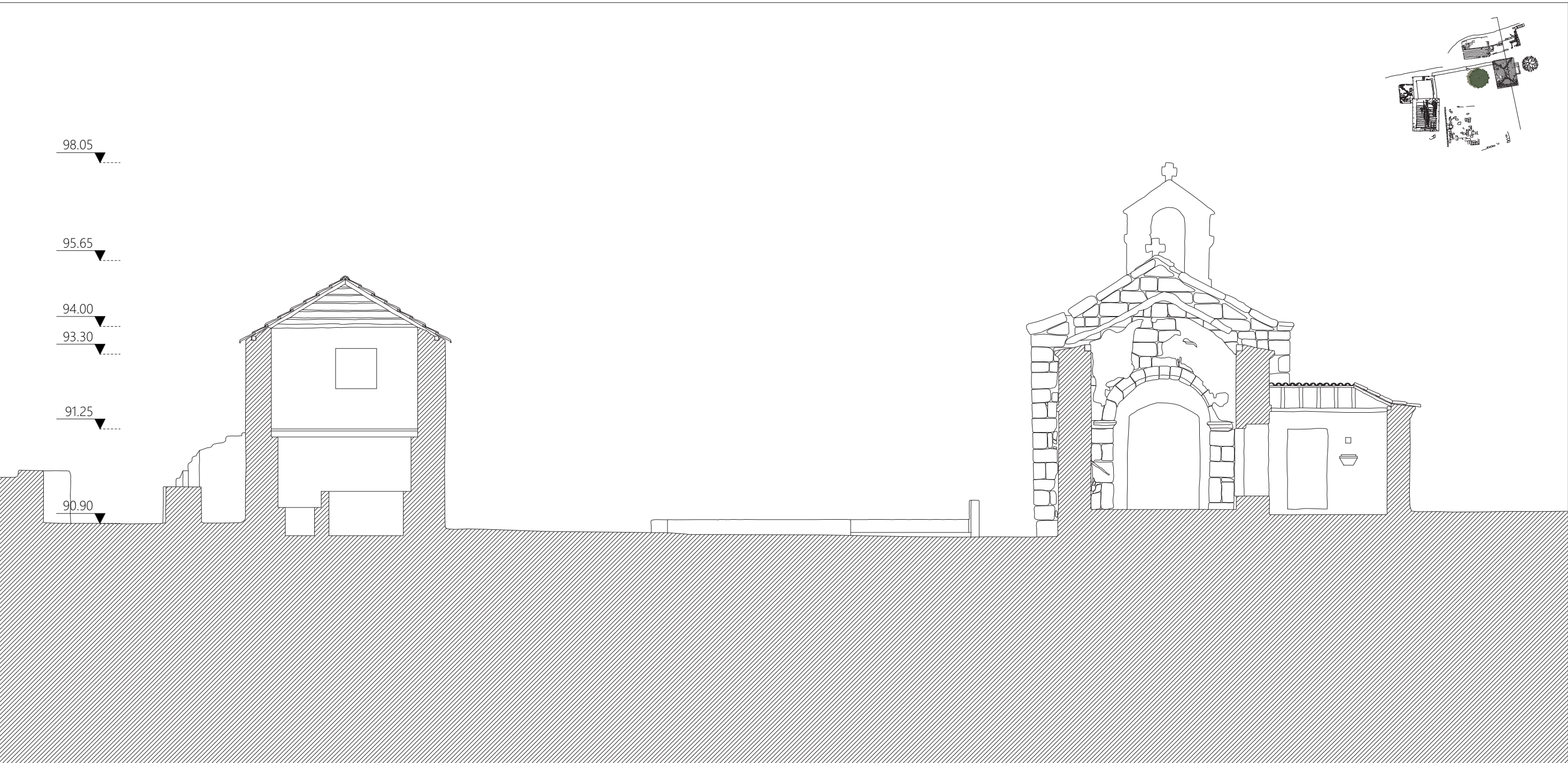
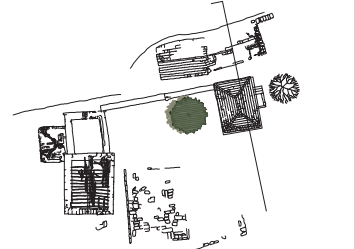
93.75



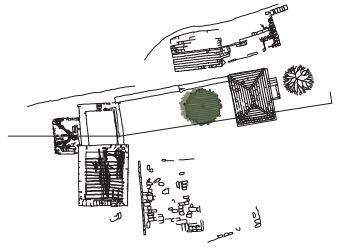
CORTE 04



CORTE 05



CORTE 07

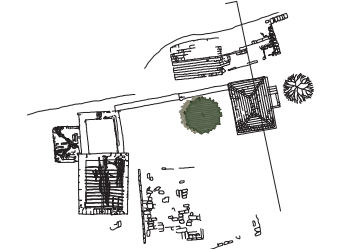


95.65

94.00

89.15

CORTE 06

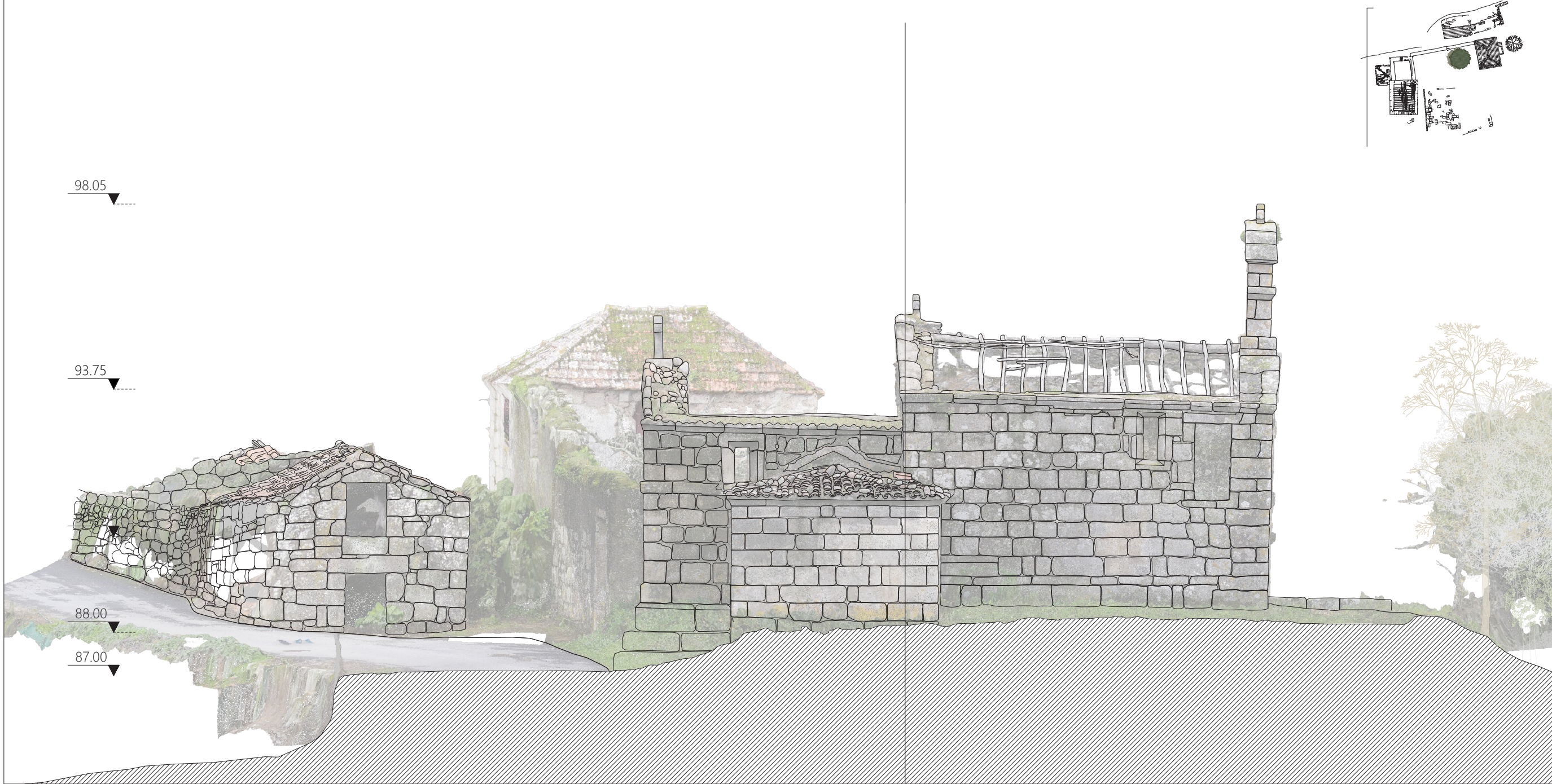


95.65

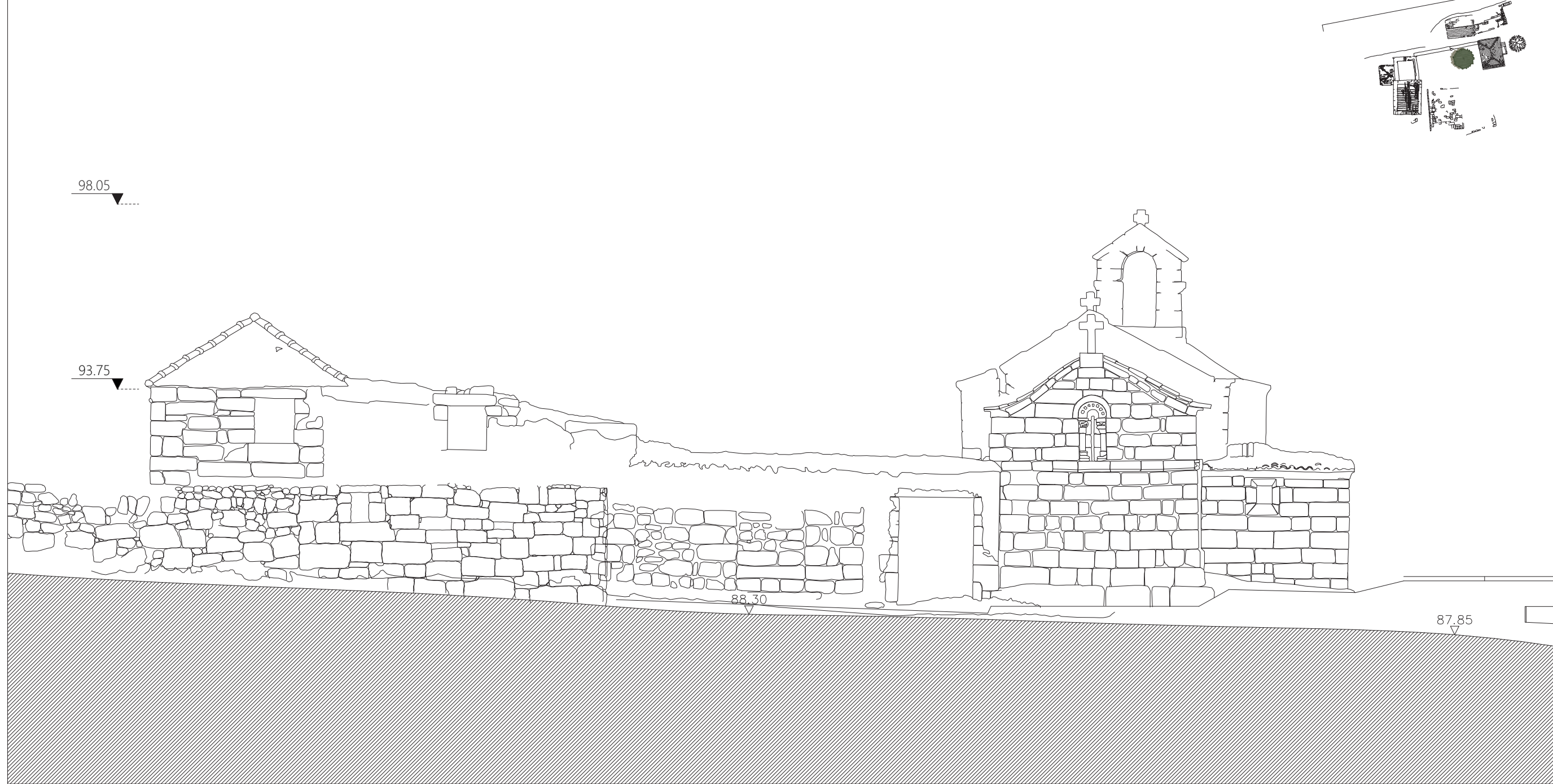
91.25

89.00

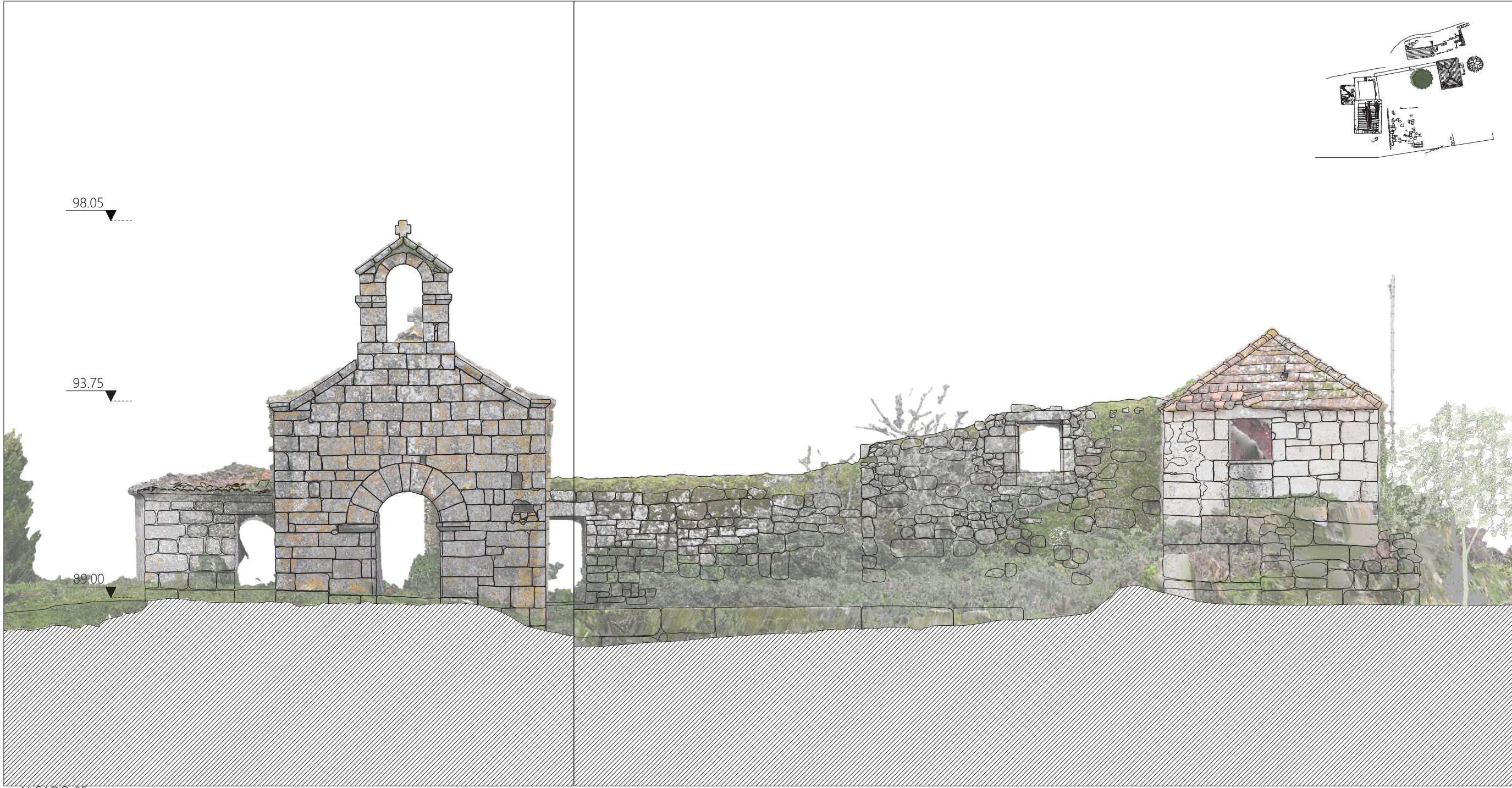
CORTE 08



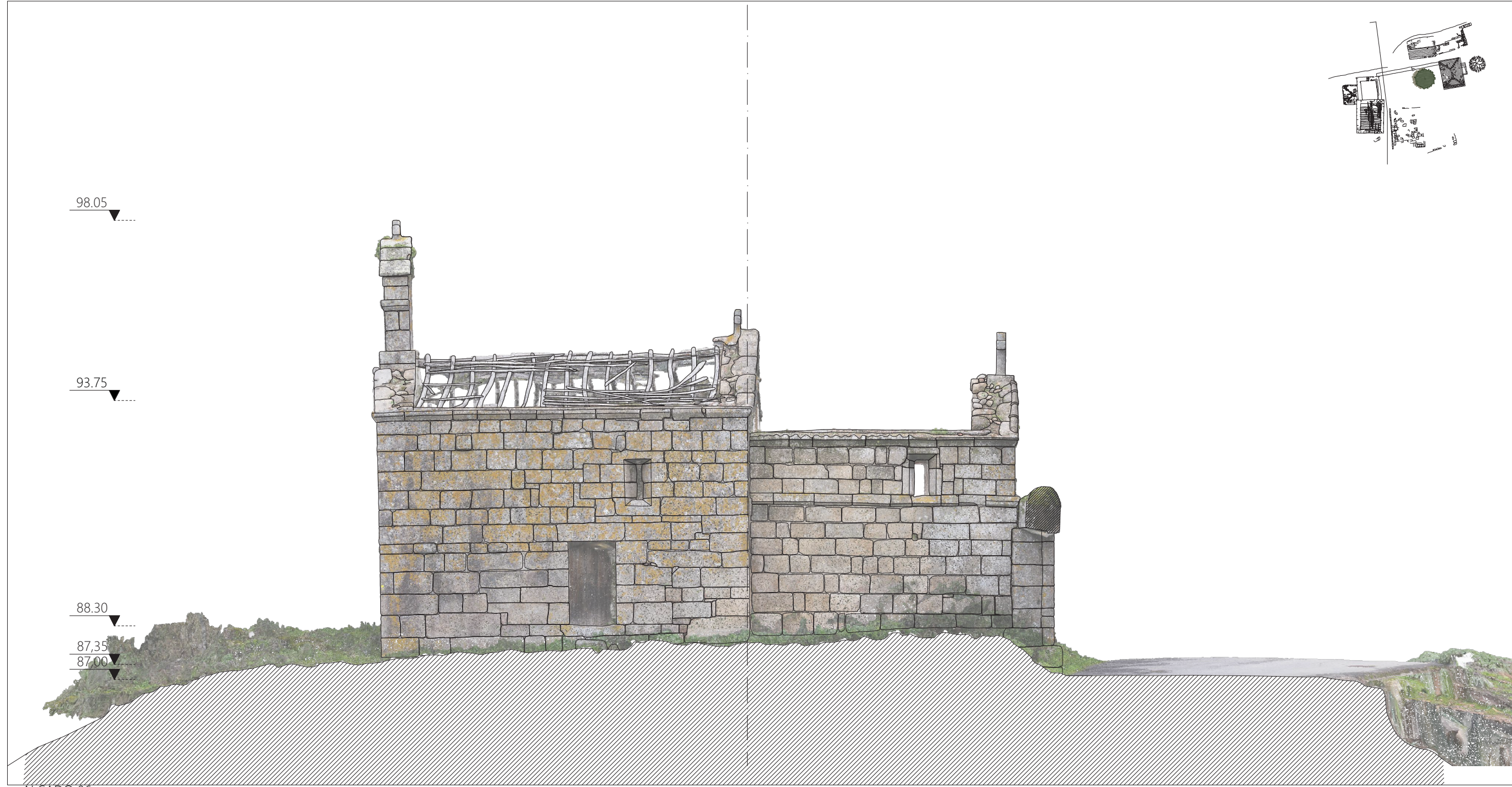
ALÇADO 01



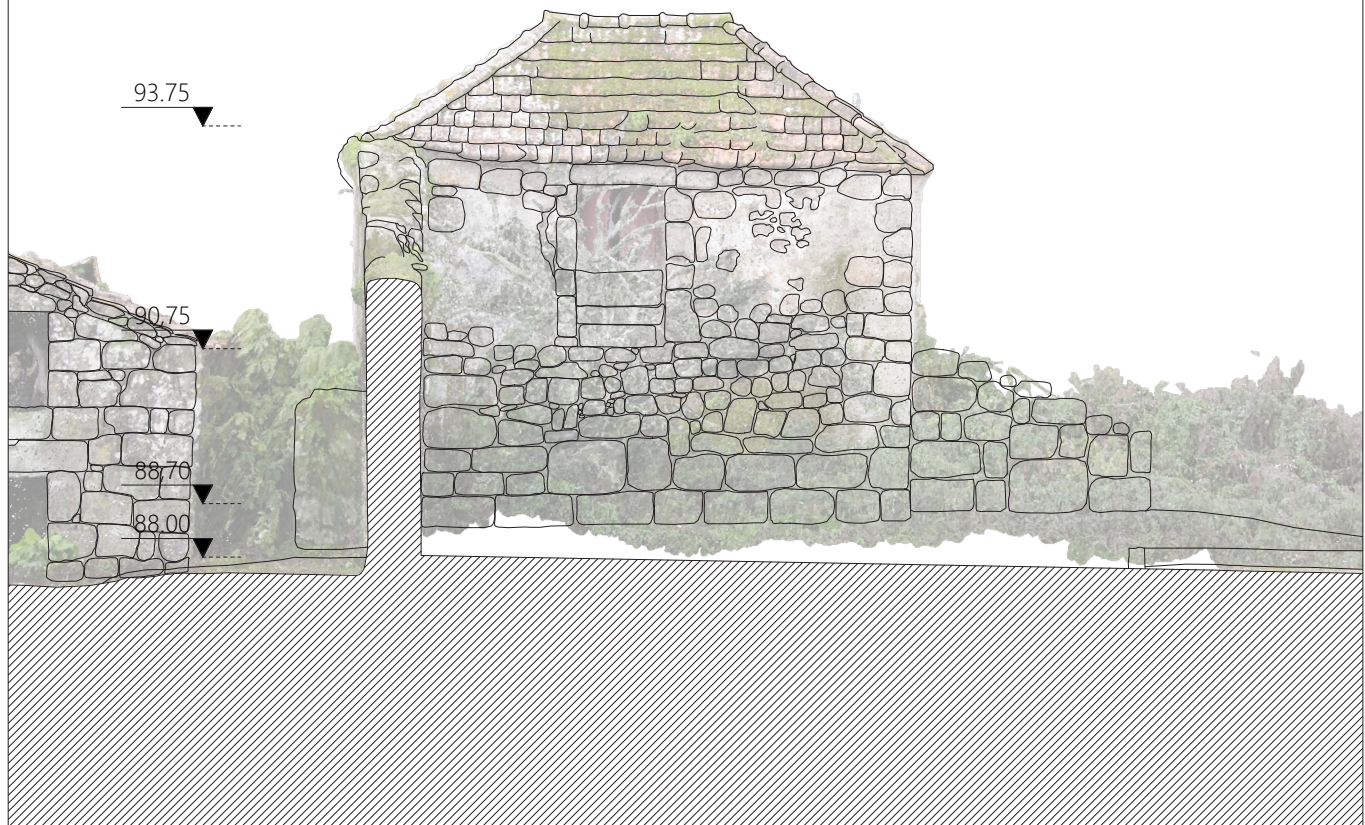
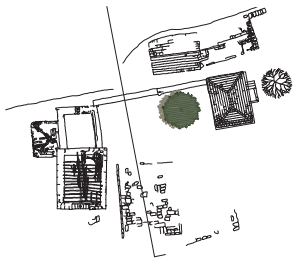
ALÇADO 02



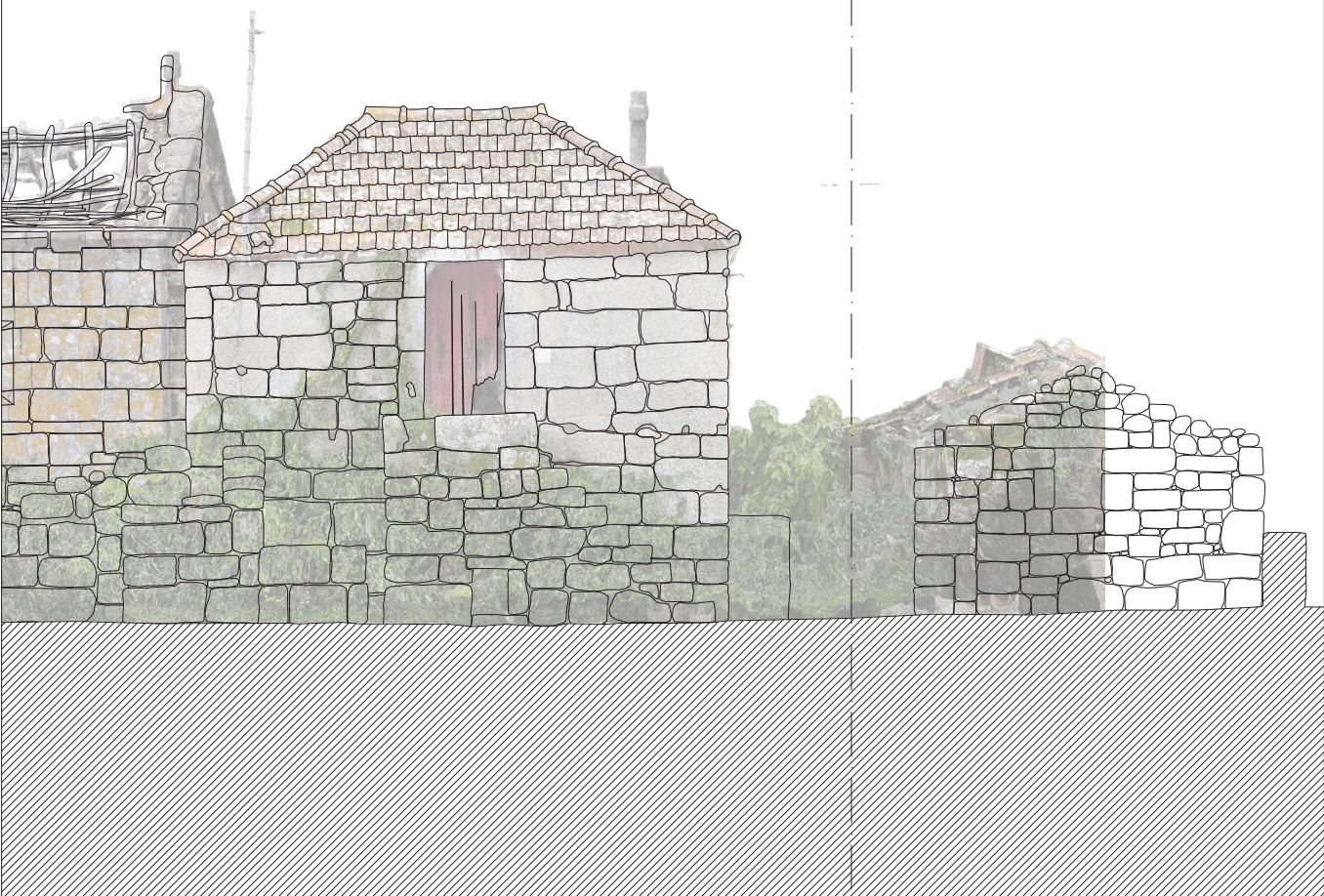
ALÇADO 05



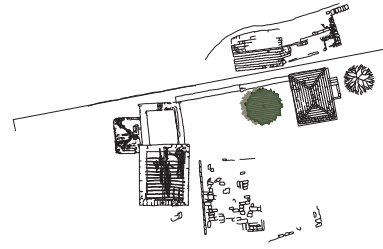
ALÇADO 06



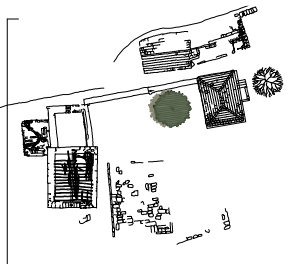
ALÇADO 03



ALÇADO 04



ALÇADO 07



MADEIRA

TELHA

PEDRA

98.05

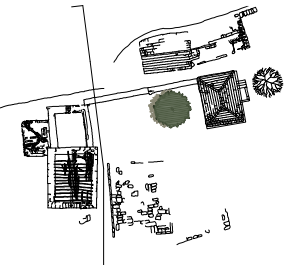
93.75

90.25

88.00

87.00

ALÇADO 01



MADEIRA

PEDRA

MADEIRA

148

98.05

93.75

88.30

87.35

87.00

ALÇADO 03

LEGENDA:

FENDA

FISSURA

DESAGREGAÇÃO

FALTA

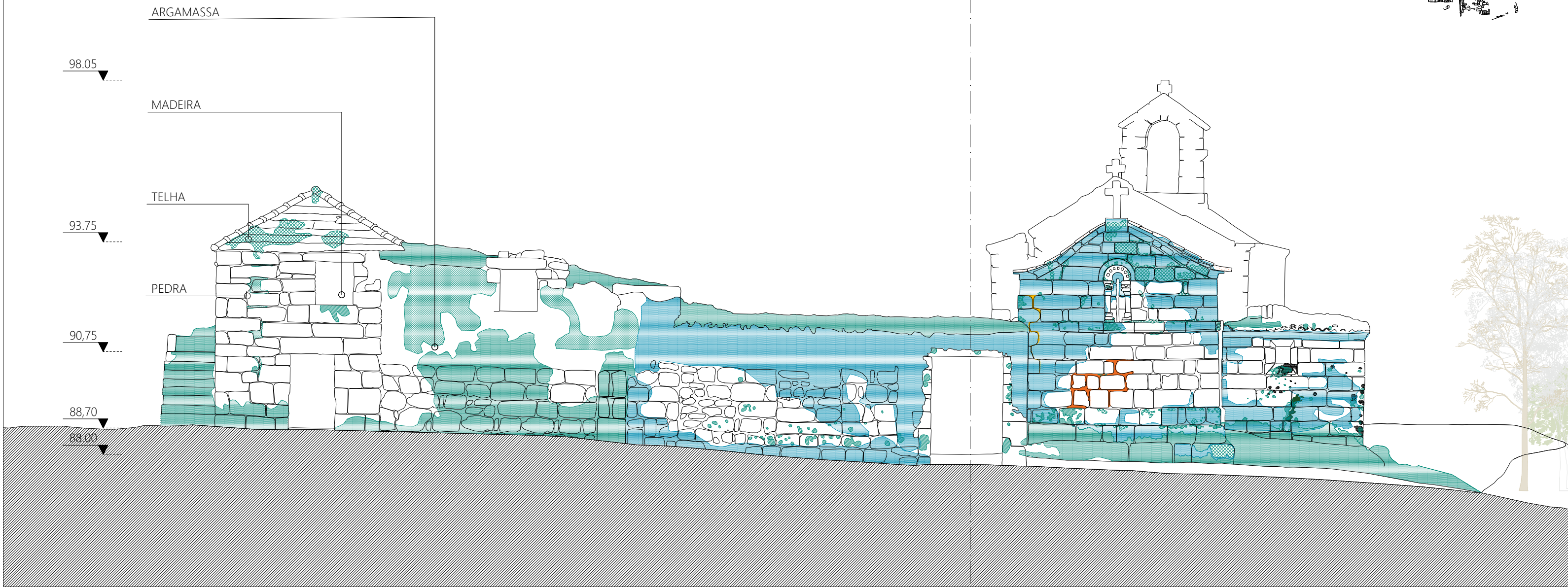
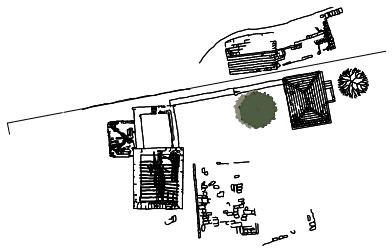
MANCHA DE HUMIDADE

ALGAS

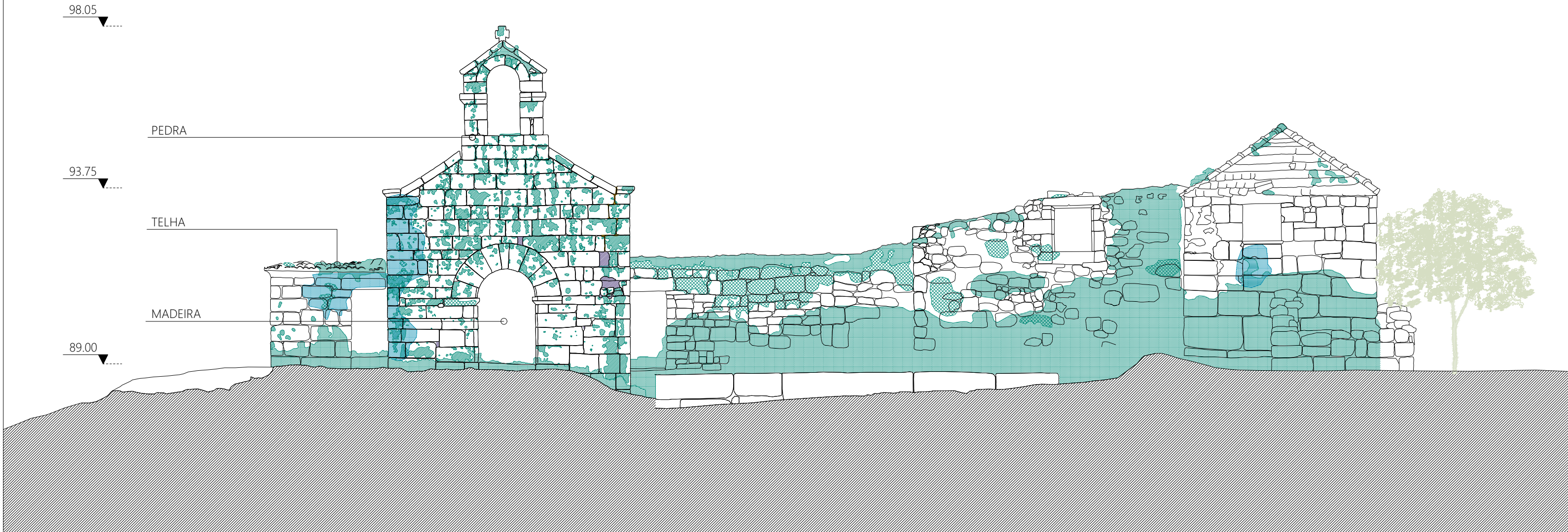
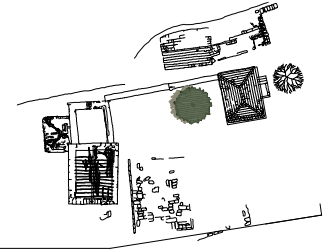
LÍQUENES

MUSGO

PLANTAS



ALÇADO 02



ALÇADO 04